

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E
SOCIEDADE - DOUTORADO**

IVALDIR DONIZETTI DAS CHAGAS

**DESIGN METODOLOGICO PARA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E
IDOSOS**

**POUSO ALEGRE – MG
2024**

IVALDIR DONIZETTI DAS CHAGAS

**DESIGN METODOLOGICO PARA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E
IDOSOS**

Tese de doutorado apresentada a banca de qualificação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), na Linha de Pesquisa Ensino, Linguagem e Formação Humana, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni

**POUSO ALEGRE – MG
2024**

Chagas, Ivaldir Donizetti das.

Design metodológico para alfabetização de adultos e Idosos/ Ivaldir Donizetti das Chagas. Pouso Alegre: Univas, 2024.

179f.

Tese (Doutorado) - Doutorado em Educação, Conhecimento e Sociedade. Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

Orientador: Dr. Rafael Lazzarotto Simioni.

1. Alfabetização. 2. Inclusão. 3. Adultos e Idosos. I. Título.

CDD - 374.981

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO



PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a tese intitulada "DESIGN METODOLOGICO PARA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E IDOSOS" foi defendida, em 19 de fevereiro de 2024, por **IVALDIR DONIZETTI DAS CHAGAS**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, nível Doutorado, sob o Registro Acadêmico nº 98014932, e aprovado pela Banca Examinadora composta por:

Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientador

Prof. Dr. Cássio José de Oliveira Silva
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinador



JULIANA MARCONDES BUSSOLOTTI
Data: 24/02/2024 18:00:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora

Prof. Dr. José Julião da Silva
Universidade Pedagógica de Maputo - UPM
Examinador



ANDREIA MORAES
Data: 23/02/2024 10:58:30-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Andréia Morés
Universidade de Caxias do Sul - UCS
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus, em nome de Jesus, por mais essa vitória em minha vida, à minha esposa Alessandra Bueno Serafim das Chagas e às minhas filhas: Geruza Barbosa das Chagas e Jesua Barbosa das Chagas e a meu neto Eduardo das Chagas Dipe, e a minha gata de Lua, que esteve ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por mais essa oportunidade!

Aos participantes dessa jornada:

Ao Professor Dr. Rafael Lazzarotto Simioni, meu orientador, incansável e dedicado sempre.

Aos Docentes do Doutorado em Educação, Conhecimento e Sociedade da Univás por compartilharem seus conhecimentos conosco.

Aos docentes membros da banca examinadora:

Prof(a).Dr(a) Cássio José de Oliveira Silva

Prof(a).Dr(a) Juliana Marcondes

Prof(a).Dr(a) Andréia Morés

Prof(a).Dr(a) José Julião da Silva

À Reitoria da Univás, a todos os servidores que sempre nos acolheram como uma família.

Ao IFSULDEMINAS – CAMPUS MUZAMBINHO, na pessoa do seu diretor professor Dr. Renato Aparecido de Souza e demais docentes e técnicos.

Aos meus colegas de Doutorado, nossa família Univás.

“Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para, não para não, não para”

O tempo não para - CAZUZA

RESUMO

CHAGAS, Ivaldir Donizetti das. **Design metodológico para alfabetização de adultos e idosos**. 179f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2024.

Compreendemos que a escolarização traz consigo a luz, o conhecimento e valorização do ser humano para a vida e seus afins, metas essas que tem sido buscadas e não alcançadas ao longo da história da nossa escolarização. Passaram-se várias etapas desde a colonização, como a educação jesuítica, fases políticas como a pombalina, império, república, estado novo, governos populista, ditadura de 1964, democracia de 1988. Os modelos pedagógicos e metodológicos tentaram e com sucesso experimentaram mudanças, persistindo-se neles traços de uma educação elitizada e secundária, nem sempre atendendo a todos, sendo essa um meta da educação de atender a todos. É necessário levar à escolarização os cidadãos, para que haja realmente educação. A alfabetização é um direito. O analfabetismo histórico parece ser comum até hoje. As diretrizes políticas educacionais adotadas durante séculos foram a metodologia tradicional analítica e sintética e durante um tempo os modelos da escola nova, tecnicismo e hoje o construtivismo. Temos hoje outros modelos de metodologias e com a chegada da internet mais ferramentas como as metodologias ativas. Tem-se no país, cerca de doze milhões de cidadãos (Brasil, 2019), sem escola, e longe das diretrizes políticas, a espera, de uma oportunidade para mudar essa situação. A presente tese desenvolvida dentro do Programa de Pós Graduação (PPGEDUC), da Univás, na linha de pesquisa Ensino, Linguagem e Formação Humana, desenvolvida em um ambiente de aprendizagem para adultos e idosos diferente dos ambientes escolares, vem apresentar um novo design metodológico utilizando junto ao alfabeto, o modelo matemático como os símbolos de operações +, - e =, na construção das famílias silábicas simples maiúsculas bastonetes, seguida das complexas maiúsculas bastonete, com auxílio didático de escrita no quadro, caderno, vídeos musicais e outras ferramentas didáticas, dentro de uma perspectiva no modelo da educação construtivista, onde é considerado o conhecimento prévio e a valorização do ser humano. Com o objetivo de alfabetizar esses cidadãos. O Ambiente de aprendizagem teve suas reuniões somente aos sábados das 08 às 11 horas, durante 50 semanas, com atividades para desenvolverem em casa, totalizando 150 horas aulas no ambiente e 50 horas com atividades para casa desenvolvido no ano de 2022, em uma cidade do Sul de MG. Evoluído o design obteve-se o seguinte resultado: dos 14 alunos teve-se os dados: idade média de 55,4 anos. Sendo que 09 alunos concluíram o processo, sendo 57,5 % de aproveitamento do total. 05 alunos desistiram sendo 01 no início e 04 na metade do processo, 35,00% desistência, 01 aluna mudou-se de cidade. 01 aluno não alcançou a alfabetização, 7,15%, de não sucesso, sendo 01 aluno não alfabetizado. Dos 14 alunos, 10 alunos tinham aparelhos celulares e 04 não tinham. Esses dados vem mostrar a eficiência do design desenvolvido dentro do ambiente de aprendizagem. e vem justificar a pesquisa e apontar a necessidade de se desenvolver um trabalho contínuo de alfabetização nos mesmos moldes que poderão alcançar os que perderam o tempo escolar na idade regular, atender as comunidade e contribuir dessa forma para minimizar o analfabetismo e sendo desenvolvido em ambientes diferentes, para que esses cidadãos possam incluídos numa forma de recuperar o

tempo perdido e iniciar assim uma nova vida com a escrita, leitura e tudo que a escolarização pode proporcionar.

Palavras-chave: Analfabetismo. Educação de Adultos e Idosos. Escolarização.

ABSTRACT

CHAGAS, Ivaldir Donizetti das. **Methodological design for adult and elderly literacy**. 179f. Thesis (Doctorate). Postgraduate Program in Education, Knowledge and Society, University of Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2024.

We understand that schooling brings with it light, knowledge and appreciation of human beings for life and its related aspects, goals that have been sought and not achieved throughout the history of our schooling. There have been several stages since colonization, such as Jesuit education, political phases such as the Pombaline, empire, republic, new state, populist governments, dictatorship of 1964, and democracy of 1988. Pedagogical and methodological models have tried and successfully experienced changes, with traces of an elitist and secondary education persisting in them, not always serving everyone, this being a school goal of serving everyone. It is necessary to take citizens to school, so that there can truly be education. Literacy is a right. Historical illiteracy appears to be common even today. The educational policy guidelines adopted for centuries were the traditional analytical and synthetic methodology and for a time the new school model, technicalism and today constructivism. Today we have other methodological models and with the arrival of the internet more tools such as active methodologies. In the country, around twelve million citizens (Brasil, 2019), without school, and far from political guidelines, are waiting for an opportunity to change this situation. This thesis developed within the Postgraduate Program (PPGEDUC), at Univás, in the line of research Teaching, Language and Human Training, developed in a learning environment for adults and elderly people different from school environments, presents a new methodological design using next to the alphabet, the mathematical model such as the operation symbols +, - and =, in the construction of simple syllabic families uppercase rods, followed by the complex uppercase rods, with teaching aids for writing on the board, notebook, music videos and other teaching tools, within a perspective in the constructivist education model, where prior knowledge and the appreciation of the human being are considered. With the aim of making these citizens literate. The Learning Environment had its meetings only on Saturdays from 8 am to 11 am, for 50 weeks, with activities to develop at home, totaling 150 hours of classes in the environment and 50 hours with activities for home developed in the year 2022, in a city in the South of MG. After evolving the design, the following result was obtained. The following data was obtained from the 14 students: average age of 55.4 years. 09 students completed the process, with 57.5% of the total being successful. 05 students dropped out, 01 at the beginning and 04 halfway through the process, 35.00% dropped out, 01 student moved to another city. 01 student did not achieve literacy, 7.15%, non-success, with 01 student not being literate. Of the 14 students, 10 students had cell phones and 4 did. These data bring us theoretical background and justify the research and point out the need to develop literacy work along the same lines that can reach those who lost school time in their lives, serve the community and be developed in different environments to these citizens and can include them, in a way to make up for lost time and start a new life with writing, reading and everything that schooling can provide.

Keywords: Illiteracy. Youth and Adult Education. Public school and Politics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Depoimento sobre a relevância da EJA	18
Figura 2 – Arte para divulgação do projeto	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais no Brasil de 1940/2010	35
Gráfico 2 – Gráfico do desenvolvimento dos alunos com dados de aprovados, inaptos, desistentes e aluno que mudaram de cidade. Avaliação para aprovação aproveitamento acima de 6,0	132
Gráfico 3 – Idade, paga aluguel, aposentado, migrante, oriundo de zona rural, tem filhos e residente na cidade.....	132
Gráfico 4 – Dados globalizados.....	133
Gráfico 5 – Perspectiva socioeconômica 2	133
Gráfico 6 – Perspectiva socioeconômica 3	134
Gráfico 7 – Frequência de códigos do MaxQda	135
Gráfico 8 – Dados gerais.....	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados gerais totais	136
---	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CeCAES	Centro de Ciências Aplicadas à Educação e Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CES	Centros de Estudos Supletivos
CLADE	Campanha Latino-americana pelo Direito à Educação
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAEPI	Faculdade Evangélica do Piauí
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSULDEMINAS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
MEC	Ministério da Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNE	Plano Nacional de Educação
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UNIFEG	Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé
UNIFRAN	Universidade de Franca

SUMÁRIO

PREÂMBULO	17
1 INTRODUÇÃO	21
1.1 CONTEXTO PARA A PESQUISA.....	24
1.2 INQUIETAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA O AMBIENTE DE ALFABETIZAÇÃO ..	26
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	29
2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	29
2.2 O ANALFABETISMO NO BRASIL.....	30
2.3 O CIDADÃO SEM ALFABETIZAÇÃO	38
3 MÉTODOS PEDAGÓGICOS: conceituações e aspectos históricos	43
3.1 MODUS ITALICUS, MODUS PARISIENSIS E O RATIO ESTUDIORIUM.....	43
3.2 O MÉTODO TRADICIONAL.....	46
3.2.1 Método sintético e método analítico.....	49
3.3 O MÉTODO TECNICISTA.....	52
3.4 O MÉTODO CONSTRUTIVISTA.....	54
3.5 MÉTODO DE PAULO FREIRE	56
3.5.1 Educação de Jovens e Adultos e método de Paulo Freire.....	61
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	65
4.1 DELINEAMENTO DO LOCAL, PARTICIPES E ÉTICA DA PESQUISA	69
4.2 CRITÉRIOS DE ANÁLISES DE DADOS: qualitativos e quantitativos.....	73
5 DO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM- RELATÓRIOS DOS REUNIÕES	75
5.1 CONHECENDO E COMPREENDENDO AS CONSOANTES B E C: segundo e terceiro módulos.....	77
5.2 ESTUDO DAS LETRAS D, F E G: quarto e quinto módulos.....	80
5.3 ESTUDO DA LETRA H E J: sexto e sétimo módulos.....	84
5.4 ESTUDO DA LETRA L e LETRA M: oitavo módulo.....	87
5.5 ESTUDO DAS CONSOANTES N E P: nono e décimo módulos	88
5.6 RETOMADAS E ESTUDO DAS CONSOANTES Q, R, S: módulos 11, 12, 13 e 14.....	91
5.7 ESTUDO DAS CONSOANTES T, V, X e Z: módulos 15, 16, 17 e 18	93
5.8 ESTUDO DAS SÍLABAS COMPLEXAS INICIADAS COM CONSOANTES, B, C, D, E, F e N: módulos 19, 20, 21 e 22	96
5.9 ESTUDO DE SÍLABAS COMPLEXAS INICIADAS COM CONSOANTES G, L, R, P e T: módulos 23, 24, 25 e 26	99

5.10 ESTUDO DE SÍLABAS E OCORRÊNCIAS DIFERENCIADAS DE LETRAS EM PALAVRAS: módulos 27, 28 e 29	102
5.11 ESTUDO DE LETRAS MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulos 30 e 31	105
5.12 ESTUDO DAS LETRAS H E J MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulo 32, 33 e 34	108
5.13 ESTUDO DE LETRAS C, D, F, G, H MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulos 35, 36, 37.....	110
5.14 ESTUDO DAS LETRAS J, L, M EM MINÚSCULAS CURSIVA E DE FORMA: módulos 38, 39 e 40.....	113
5.15 RETOMANDO MAIUSCULAS E MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulos 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47	116
6 RESULTADOS	122
6.1 DESIGN METODOLÓGICO.....	122
6.2 FONÉTICA.....	122
6.3 MÚSICA	123
6.4 DIÁLOGOS	123
6.5 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	124
7 DISCUSSÃO DOS RESULTADO DOS ALUNOS	125
7.1 ESTATÍSTICAS DOS RESULTADOS.....	130
7.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE DESCRITIVA.....	130
7.2.1 Dos códigos utilizados para análise descritivas	131
7.2.2 Análise de dados dos resultados	132
7.3 TRADUÇÃO DOS CÓDIGOS	137
8 CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS.....	148
APÊNDICE 1	158
APÊNDICE 2.....	160
ANEXOS	162

PREÂMBULO

Trazer minha história de vida aqui no início desta tese de doutorado se justifica pela minha relação com a temática desta pesquisa. Eu nasci em Muzambinho, Minas Gerais, em 22 de fevereiro de 1967, em uma casa próxima à antiga ponte do bairro Brejo Alegre, onde passava o trem da Mogiana, filho de Antônio Benedito das Chagas e Anézia Aparecida das Chagas, ambos analfabetos. Contava minha mãe que, nesse mesmo ano, quando eu tinha dois (2) meses de vida, minha família muito pobre, humilde e oriunda da zona rural deste município decidiu mudar-se para São Paulo e a justificativa de meu pai era que queria melhorar de vida como muitos que haviam mudado para essa cidade grande àquela época.

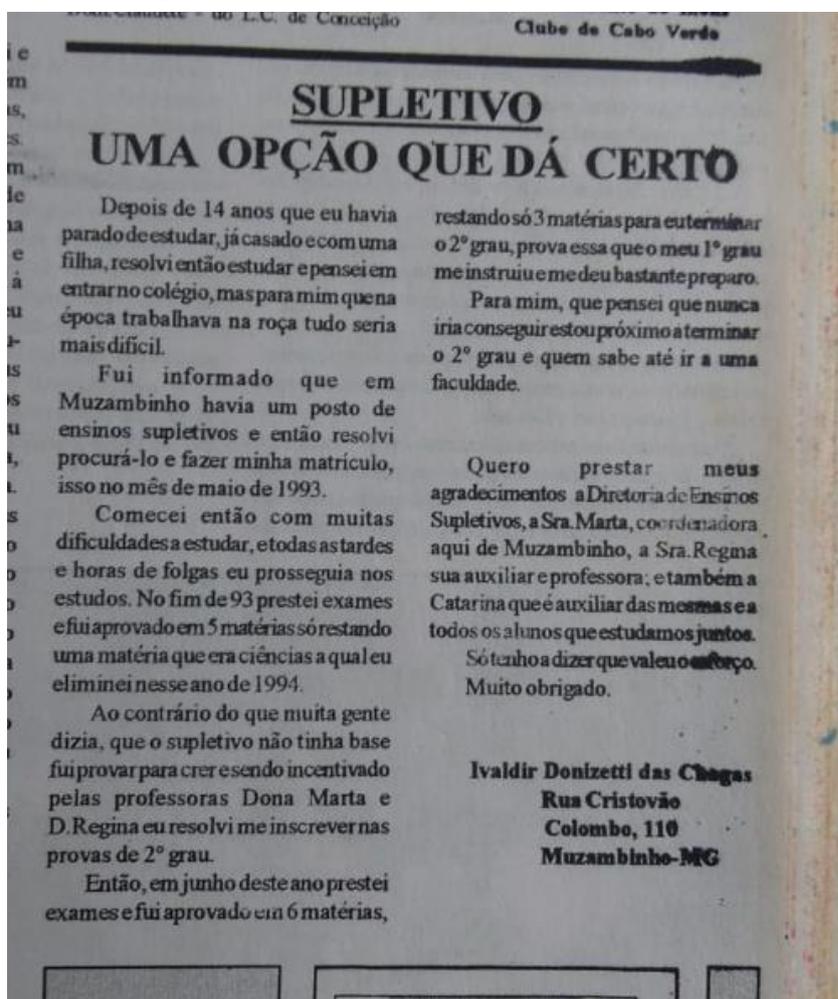
Em São Paulo, cresci no bairro Jardim Pery Alto, morando em uma favela daquelas de barracos de madeira, sem rede de esgoto, sem energia e água encanada. Com 7 anos de idade, no ano de 1974, ingressei na Escola Estadual Rita Bicudo Pereira nesse mesmo bairro, na qual estudei até a antiga 4ª série (hoje 5º ano) do ensino fundamental. Ainda residindo nesse mesmo bairro de São Paulo, continuei os estudos e fiz a 5ª série desse nível de ensino e início da 6ª série na Escola Estadual Elza Saraiva Monteiro. Moramos nessas condições durante dez (10) anos e com cerca de 12 anos de idade minha família regressou de mudança para Muzambinho-MG, trazendo junto a minha transferência escolar.

No ano de 1979, ingressei na 6ª série do ensino fundamental na Escola Estadual Prof. Salatiel de Almeida em Muzambinho-MG. Entretanto, como minha família era muito pobre e composta pelos meus pais e seus dez (10) filhos, tive que abandonar a escola nesse mesmo ano de 1979, para trabalhar e ajudar meu pai que também sofria de um problema de estômago e pouco conseguia trabalhar. Comecei trabalhando em sítios e fazendas, em viveiros de café juntamente com empreiteiros de serviços rurais e posso dizer que a vida de trabalhador rural, de um verdadeiro boia fria foi árdua e por muitos anos.

Quando estava com 26 anos de idade, decidi voltar a estudar, o que ocorreu no ano de 1993. Ingressei no curso Supletivo de primeiro grau e me formei em 1994. Nesse mesmo ano, no dia 10 de dezembro de 1994, no Jornal A Folha Regional, ano IV, edição 201, foi publicada uma matéria intitulada “Supletivo uma opção que dá

certo” (Figura 1) em que dei um depoimento sobre essa oportunidade que tinha sido dada pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) em minha vida.

Figura 1 – Depoimento sobre a relevância da EJA



Fonte: Jornal A Folha Regional, ano IV, edição 201.

No ano 2000, já com 33 anos, casado e com duas filhas, me formei no segundo grau, terminando o ensino médio pela EJA. O que posso dizer é que esse curso Supletivo me deu base para realizar um concurso público na antiga Escola Agrotécnica Federal de Muzambinho-MG, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), campus Muzambinho-MG e fui aprovado, tornando-me funcionário público federal efetivo no ano de 1997, no qual estou até os dias atuais, constando quase 26 anos de carreira nessa instituição de ensino.

No ano de 2001 ingressei no curso de História da antiga Facig Faceg em Guaxupé-MG, hoje Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé

(UNIFEG), onde cursei durante dois (2) anos, entretanto, por falta de recursos financeiros, tive que interromper esse curso, vindo a concluir somente no ano de 2015 na Universidade de Franca-SP (UNIFRAN).

Mas a vontade de continuar os estudos prevaleceu e no ano de 2005, ingressei no 1º Curso Superior de Tecnologia em Cafeicultura no IFSULDEMINAS, campus Muzambinho-MG, formando no ano 2008. Em seguida, ingressei-me em um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Ambiental pelo Instituto Pro Minas, concluindo em 2010. No ano de 2009, ingressei no Curso de Licenciatura em Química para Graduados também no IFSULDEMINAS, campus Muzambinho-MG, o qual conclui no mesmo ano.

No ano de 2010, através de processo seletivo iniciei como Tutor no Curso Subsequente de Cafeicultura e atuei até o ano de 2012, via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Em 2011, ingressei como docente no IFSULDEMINAS, campus Muzambinho-MG, substituindo um professor que ficou doente, em turmas do 2º e 3º ano do ensino médio integrado, durante um ano. Em seguida fui aprovado em processo seletivo como professor no curso de Subsequente de Meio Ambiente a distância e ministrei aulas no Curso Técnico em Meio Ambiente Subsequente presencial, onde estive por 3 anos como titular.

Nesse período, também ministrei aulas no Proeja, ensino médio, onde fiquei por quatro (4) anos. Posteriormente, em 2013, fui aprovado como professor no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), em Muzambinho, durante um (1) ano, na disciplina de Cafeicultura e, no ano 2014, fui aprovado como professor no PRONATEC, na cidade de Caconde-MG, no Curso de Cafeicultura e, posteriormente, em Viveiricultor.

Em 2016, me formei em Teologia Bacharelado pela Faculdade Evangélica do Piauí (FAEPI), o que foi a realização de um sonho e, no ano 2018 e início de 2019, ministrei aulas no Senac de Guaxupé em disciplinas ligadas a Agricultura e Meio ambiente no Curso Técnico em Agronegócios. Não desistindo de estudar, nesse mesmo ano, realizei um MBA em Gestão Bancária e Finanças Corporativas, em 2019, ingressei no Mestrado em Educação da Univás, concluindo no ano de 2020.

No ano de 2021, com o intuito de continuar os estudos, voltei para a Univás, iniciando este curso de doutorado e minha pesquisa. O que posso dizer é que todas essas conquistas iniciaram quando retornei aos bancos escolares no curso Supletivo

para finalizar a escola básica, sendo que, a EJA, para mim, foi uma abertura de portas para um emprego público federal, propiciar a continuidade de meus estudos.

O que posso dizer, ancorado em Alves, Calsa e Moreli (2015), é que escrever sobre minha própria vida até me constituir docente atuante, é um tipo de exercício que auxilia em minha formação continuada de professor. Para esses autores, as abordagens biográficas possibilitam compreender os professores, como profissionais e como pessoas, ou seja, como as vivências influenciam sua vida.

Alves, Calsa e Moreli (2015), afirmam que abordar histórias de vida ganhou força e interesse nos últimos anos e tem articulado diferentes dimensões do conhecimento e auxiliado em pesquisas. Mencionam também que é nessas abordagens autobiográficas, que com o auxílio da memória, o professor constrói uma narrativa de si como misturando seu eu pessoal e o eu profissional, perpassa por caminhos vividos em seu trajeto. Ao registrar suas vivências evidencia aquelas que o constituíram como docente.

Esse é somente um resumo, mas relevante é a oportunidade que a EJA me proporcionou no sentido de recuperar o tempo perdido, me acolhendo na educação, uma formação que foi a base e o início para o crescimento pessoal e profissional, culminando na formação para atuar como docente e, por esta razão, tenho muito amor pela EJA e pela alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

A escolarização desde seus princípios remotos, traz consigo uma visão um tanto romântica e deve trazer à luz, o conhecimento e a valorização para a vida do cidadão e do ser humano em si, no seu espaço e momento. Porém, em se tratando da escolarização brasileira, aspectos históricos mostram que há dois tipos de educação: a escolarização preparada para a elite e outra para o povo (Floresta, 2005), deixando suas marcas em toda a história da educação (Aranha, 2002).

A estratificação social, a divisão do trabalho e a divinização da escrita, culminaram na dualidade da educação dos trabalhadores e educação da nobreza, na necessidade de criar uma educação formal (sistemizada) (Manacorda, 1999). Com o passar do tempo foi-se remontando um excedente, uma grande parcela de pessoas que não são alcançadas e alfabetizadas, e nem se quer escolarizadas.

O sistema educacional no Brasil passou por diversas fases, sendo a primeira de visão religiosa e ora política como as fases jesuítica, pombalina, império, república, estado novo, ditadura de 1964, redemocratização em 1984 e a democracia depois de 1988, com a nova Constituição.

Os modelos metodológicos (caminhos) que foram utilizados ao longo dessa jornada da educação pouco mudaram desde então, mantendo ainda traços de uma educação elitizada e secundária que não consegue atender e alcançar os cidadãos da base da pirâmide social brasileira, ficando longe do ideal que é a escolarização para todos (Strelhow, 2010). Tem-se uma escolarização com dois horizontes, uma que prepara para os vestibulares apontando para uma carreira que se imagina o sucesso e outra voltada para formar os cidadãos comuns e prepará-los para o mercado de trabalho, em que se trabalha para sobreviver (Saviani, 2013).

Como um estigma histórico, que continua até os dias atuais, está o analfabetismo, a falta de escolarização (com índices de cerca de 13,0%, a nível de nação, segundo os dados do Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) (Brasil, 2019), e ao que parece, é de comum aceitação, pois vai passando pela sociedade no decorrer dos tempos.

Tem-se ainda uma discussão sobre os métodos pedagógicos que foram e vem sendo adotados na educação brasileira. Segundo Brandão (2001), método quer dizer um caminho traçado a seguir. "um método vai ser a trilha para nos conduzir e nos

apontar como é que a gente pode sair de um lugar e caminhar, com as palavras e com as ideias, para chegar a outro lugar". As posições metodológicas adotadas comumente em nosso país foram a metodologia da pedagogia tradicional, oriunda da base existente da época, com o método fonético, silábico e repetitivo, o jesuítico. E depois, a metodologia da Escola Nova, o Tecnicismo e o Construtivismo.

Hoje, com a evolução de recursos tecnológicos, de metodologias e pedagogias já experimentadas, tem-se em pleno desenvolvimento as metodologias ativas (Moran, 2015), alinhando a tecnologia aos modelos e pedagogias educacionais já existentes. Entretanto, aqui no Brasil, o analfabetismo e a falta de escolarização ainda continuam com números consideráveis em pleno Séc. XXI, evidenciados por um alto índice em relação aos países vizinhos que compõem a América Latina.

O Brasil ocupa o 14º lugar no ranking de alfabetização na América Latina, Cuba lidera a lista de alfabetização, com apenas 0,2% de analfabetismo, seguida por Uruguai, Aruba, Argentina e Chile. Pode-se acrescentar que, a Campanha Latino-americana pelo Direito à Educação (CLADE) divulgou um estudo que mostra que de 35 milhões dos 800 milhões de não alfabetizados de todo o mundo estão na América Latina e 30%, dos não alfabetizados da América Latina, estão no Brasil.

Em 2009, o Brasil concentrava 14 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabiam ler nem escrever, sendo, 11,4% da população (Peres, 2009). Segundo a Redação (2018), o Brasil era o 8º país do mundo com maior número de analfabetos. A realidade dos números atuais de não alfabetizados em todo o Brasil, é mostrada na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) (Brasil, 2019), ao apresentar que a taxa média de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6%, sendo mais 11 milhões de analfabetos.

A Região Nordeste do Brasil, vem apresentando a maior taxa de analfabetismo, sendo 13,9%. Representando uma taxa aproximadamente, 4 vezes maior do que as taxas estimadas para as Regiões Sudeste e Sul, ambas com 3,3%. Na Região Norte essa taxa foi 7,6% e no Centro-Oeste, 4,9%. A taxa de analfabetismo para os homens de 15 anos ou mais de idade foi 6,9% e para as mulheres, 6,3%. Para as pessoas negras ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%), a nível de nacional. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra os dados da situação da educação no Estado de Minas Gerais. Segundo essa Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Brasil, 2019), o estado mineiro tem mais de 1 milhão de não alfabetizados com idade acima

de 15 anos, distribuídos em suas 853 comarcas. Este número corresponde a 6% da população, um pouco abaixo da média brasileira, que é de 7%. O analfabetismo é maior entre as mulheres, com o índice em 6,3%. Para os homens, a porcentagem fica em 5,7%. Há diferença também por cor ou raça. Corroborando com os dados nacionais entre brancos e negros. De acordo com o IBGE, entre pretos e pardos o analfabetismo chega a 7,2%. Para brancos, o índice cai para 4,3%. Outro dado apontado pela pesquisa é que mais de 700 mil crianças de 0 a 5 anos não frequentam a escola em Minas Gerais. Das pessoas de 15 a 29 anos, 19,7%, não estão ocupadas nem estudando. Tendo em 2019, uma população de 20 milhões de pessoas.

Em setembro de 2022, na reportagem “No Dia Mundial da Alfabetização, índice de analfabetismo ainda preocupa o Brasil”, Gomes (2022) afirmou que o país ainda tinha mais de 14 milhões de pessoas analfabetas. Esses números são preocupantes para o montante educacional e o analfabetismo ainda é um dos grandes problemas a ser vencido pelos modelos e métodos didáticos e pedagógicos da educação brasileira.

Esse contexto justifica a relevância desta pesquisa diante de uma necessidade de desenvolver um trabalho educacional de alfabetização que possa alcançar os excluídos do sistema escolar e da vida em sociedade. São cidadãos brasileiros que estão à margem da escolarização e, conseqüentemente, de uma qualificação e de um emprego, diante de uma sociedade em plena evolução tecnológica.

Dados atualizados Pnad 2022

Temos uma nova edição e a mesma vem atualizando a série histórica, trazendo os dados recentes do ano de 2022. Esse levantamento registra o declínio do analfabetismo no país desde o início do levantamento em 2016, quando tínhamos 6,7% da população que não sabiam ler e escrever. A nova taxa de 5,6%, reflete uma queda de 1,1% do analfabetismo em todas as faixas etárias.

No entanto, entre os idosos, essa proporção de não alfabetizados é mais significativa. Na população com 60 anos ou mais, 16%, não sabiam ler e escrever em 2022. Os atuais resultados indicam que as gerações mais novas estão tendo maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda enquanto crianças, é o que nos revela o levantamento.

Quando se inclui a variável gênero, observa-se que o analfabetismo entre os idosos atinge mais mulheres do que homens. No entanto, considerando a população com 15 anos ou mais, o cenário se inverte: não sabem ler e escrever 5,9% dos homens e 5,4% das mulheres.

Embora essa queda nas taxas tenha sido registrada em todas as regiões, as discrepâncias ainda são notórias. O Nordeste abriga 55,3% de todos os brasileiros com 15 anos ou mais que não sabem ler e escrever. O analfabetismo na região alcança 11,7% da população. No Norte, são 6,4%. As demais regiões - Centro-Oeste (4%), Sul (3%) e Sudeste (2,9%) estão com as taxas abaixo da média nacional.

O IBGE chama a atenção para os desafios do país e de cada região, visando ao cumprimento do Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei Federal 13.005/2014 (Brasil, 2014).

Pelas metas estipuladas, as taxas entre pessoas com 15 anos ou mais deveriam ter caído para 6,5% em 2015, o que só foi alcançado pelo Brasil em 2017. Além disso, a erradicação do analfabetismo é almejada para 2024.

Assimetrias significativas também chamam a atenção no recorte por cor ou raça. Entre a população branca, a taxa na faixa etária de 15 anos ou mais é de 3,3% e salta para 9,5% considerando 60 anos ou mais. Já entre pretos e pardos, 8,2% das pessoas com 15 anos ou mais não sabem ler e escrever, índice que sobe para 27,2% entre idosos (IBGE, 2022).

1.1 CONTEXTO PARA A PESQUISA

Trabalhando no ramo empréstimos consignados há 25 anos em uma pequena cidade o interior do sul de Minas Gerais, com cerca de 22.000 habitantes e no meu dia a dia, entro e estou em contato verbal e oral com os meus clientes, que geralmente são pessoas aposentadas ou pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), em sua maioria cidadãos com mais de 55 anos de idade para mulheres e 65 para homens, devido às regras de aposentadorias vigentes.

Em todo esse tempo, tenho observado o grande número de cidadãos, com idades bem variadas, que não sabem ler e nem escrever e desconhecem também os números, sendo que muitos sabem somente assinar o nome e, apesar de assinarem

o nome não conhecem as letras. Questionando essas pessoas, sobre suas origens, percebi que muitos são daqui mesmo, oriundos da zona rural que vieram morar na cidade, mas a maioria é migrante de cidades longínquas do norte de Minas Gerais, e de outros estados como: Paraná, Bahia e estados das regiões norte e nordeste. São pessoas que vieram para a cidade em busca de trabalho há muitos anos, sempre para trabalhar na colheita de cana e do café aqui na região.

A região é constituída de uma topografia muito acidentada e de uma altitude elevada, sendo desenvolvida uma agricultura tradicional, bem estruturada e que tem na cafeicultura sua principal fonte de renda (Souza, 2012). Assim, com essa topografia as lavouras de café demandam muita mão de obra braçal. Esses cidadãos e famílias inteiras migram há décadas com propósito de fazer renda para a sobrevivência e muitos estabeleceram residências na cidade e zona rural e outros se casaram com pessoas daqui e vivem até os dias atuais (Souza, 2012).

Cerca de 2 mil pessoas fazem essa migração para a colheita do café (em cada cidade, que se dá dos meses de maio a outubro de todos os anos, tendo em vista que mais de 22 cidades do Sul de Minas são potentes produtoras de café e, em decorrência, há opções de trabalho e renda e um grande movimento financeiro na região. Esses números variam de acordo com volume de café anual para a colheita (<https://revistacafeicultura.com.br>).

O sul de Minas tem temperatura amena (entre 18 e 20 graus) e altitudes elevadas (até 1.400 metros) com condições para ser um dos principais produtores de cafés especiais do Brasil e do mundo (<https://brazilcoffeenation.com.br/>). Essa produção é na maioria comercializada pela maior cooperativa do Brasil, a Cooxupé, na cidade de Guaxupé.

O que ocorre é que muitos desses migrantes se estabeleceram e residem na região, porém continuam não alfabetizados sem buscar a escola para voltar a estudar, sendo totalmente dependentes de outras pessoas para quase tudo no atual contexto repleto e evolutivo das tecnologias. Diante desse contexto, e do cenário nacional apresentado em relação ao analfabetismo, emergiram algumas questões: Por que temos tantas pessoas ainda não estão alfabetizadas? Que ações podem ser realizadas no sentido de contribuir para que sejam alfabetizadas? A alfabetização pode contribuir para a melhoria de condição vida desses cidadãos?

A experiência de ter desenvolvido projetos sociais de alfabetização e conhecer bem as dificuldades e as lutas vividas pelas famílias que compõe a base da pirâmide

social, a pobreza escolar e cultural, a miséria, a periferia e o sofrimento desses cidadãos que se encontram fora do sistema escolar me levaram a pensar na possibilidade de desenvolver um design metodológico para a alfabetização que subsidie pessoas não alfabetizadas a construir esse caminho da leitura e da escrita e a fazer as operações matemáticas básicas para um bom convívio com as letras e os números e torná-las mais independentes em suas vidas na comunidade e na sociedade.

1.2 INQUIETAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA O AMBIENTE DE ALFABETIZAÇÃO

No ano de 1994, morando em Muzambinho, eu participava de um trabalho social de uma igreja em uma cidade vizinha, cerca de 25 Km, na época observei que 80%, ou mais, das pessoas participantes dessa comunidade religiosa eram totalmente analfabetas, e algumas sabiam escrever somente o nome e, em sua maioria, de idade acima de 40 anos. Resolvi, por conta própria, ensinar-lhes a ler a escrever para que pudessem ler a Bíblia Sagrada.

A visão não era social e nem educacional naquele momento, era somente religiosa mesmo, não pensava na liberdade, na cidadania, no bom senso e no cidadão crítico, em um futuro melhor, qualificação e empregos. Desta forma, todos os dias antes dos cultos, nas terças, quintas e domingos, iniciei esse processo de alfabetização desse pessoal, em aulas com duração de 50 minutos, a maneira que eu entendia que ia dar certo. Neste contexto, procurei a secretaria de educação do município e falei com o secretário que no momento só poderia me ajudar com material escolar e fez a doação de cadernos, lápis e borrachas.

O projeto em um local sem qualquer tipo de estrutura, usando as cadeiras da igreja, cadernos, lápis e lousa de giz, utilizei uma metodologia e pedagogia própria (nem sabia o que era isso), a que imaginei para aquele momento. Utilizei a cartilha Caminho Suave, segui os passos para que esses alfabetizados conhecessem as letras iniciando nas vogais e indo para as consoantes, e ao adicionarem uma letra a outra, formassem sílabas, depois palavras e orações. Assim, ao escrever na lousa e explicar, acompanhar os cadernos dessas pessoas por um período de um ano de

projeto, aquelas que foram persistentes, num total de 15, conseguiram ler e escrever bem, e depois de um tempo, fazer exercícios de leitura.

Foi um trabalho de grande satisfação para mim, pois pude ajudar aquelas pessoas, em sua maioria idosas, nesse processo de desenvolvimento da leitura e escrita. Ressalto que nesse primeiro momento eu só tinha o primeiro grau de formação que fiz na EJA.

No ano de 2017, em outra cidade do sul de MG, desenvolvi novamente esse projeto de alfabetização em um bairro, localizado na periferia, em um trabalho social da igreja que faço parte. Tive contato primeiramente com as pessoas não alfabetizadas da própria igreja e estendi o projeto às pessoas moradoras desse bairro. Nessa ocasião eu já era professor com licenciatura e pude contar com uma estrutura física mais adequada para as aulas, que oferecia tecnologias como retroprojektor, data show, sala apropriada e monitores. Participaram desse projeto 18 pessoas que não eram alfabetizadas e que tinham idade superior a 50 anos. O projeto foi iniciado no mês de dezembro de 2017 e decorreu até julho de 2018, com aulas em 4 dias na semana, realizadas das 19:30 às 21:30. Dos 18 participantes, 14 permaneceram até o final e aprenderam a ler e a escrever e até a fazer algumas operações matemáticas mais simples.

No desenvolvimento desse último projeto, fui percebendo que estava utilizando a matemática na alfabetização desses alunos e isso aconteceu meio que por acaso e sem perceber, pois eu sempre usava a palavra “mais”, “menos” e “igual” a exemplo: $a + i = ai$, $o + i = oi$ e vice e versa. Era um exercício com esses alunos de reunir e separar as letras formando as sílabas e separar e reunir as sílabas formando as palavras. Desta forma, fui adotando o vocábulo “mais” que representava a reunião ou agrupamento de letras ou sílabas e “menos” que representava a separação de letras ou sílabas e “igual” que representava para os alunos o que tinham como resultado ao reunirem ou separarem letras ou sílabas.

Percebi também que, embora não se trate de operação matemática algébrica, o método utilizando os símbolos matemáticos muito presentes na vida dos alunos possibilitou perceber que os alunos adultos e idosos, que têm conhecimento da matemática em suas vidas efetuando operações como a adição e a subtração com o dinheiro, começaram a compreender como se dava o agrupamento e a separação de letras, sílabas e palavras. Mais especificamente, o sinal “+” era usado representando a reunião ou agrupamento de letras ou sílabas, o sinal “-” representando a separação

de letras ou sílabas e o sinal “=” representando o resultado ao reunirem ou separarem letras ou sílabas.

A partir de então fui percebendo que os resultados tanto na parte oral em atividades nas aulas quanto nos cadernos dos alunos estavam sendo positivos, pois pouco tempo depois já conseguiam formar frases e escrever, depois a leitura e compreensão de um texto.

Como o resultado desse projeto foi positivo, embora, empírico e de cunho social, boa parte dos participantes conseguiram aprender a ler e escrever e permaneceu a ideia de mais tarde estar desenvolvendo o doutoramento com a realização de um ambiente de aprendizagem dentro dos moldes acadêmicos podendo ter um olhar científico para sua realização e resultados.

Assim, a proposta de realização desse ambiente de aprendizagem com carga horária pré-definida, será de experimentar, analisar e desenvolver um design-metodológico específico para alfabetização de adultos e idosos à luz dos conceitos teóricos e científicos, pautado no modelo da escola construtivista, como trabalharemos no capítulo de métodos.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização não é um simples processo baseado em perceber e memorizar, ou decorar, para aprender a ler e escrever. O aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual de letras relacionadas ao som e conhecer o que é a escrita, como também de que forma a escrita representa graficamente a linguagem. Segundo Morais e Albuquerque (2007, p. 15):

Um processo de construção da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita ou o alfabético ortográfico.

Já a palavra letramento vem a ser introduzida por volta de 1980, aqui no Brasil, na França (illettrisme) e em Portugal (literacia), para definir práticas humanas de leitura e escrita que decorrem do processo de aprendizagem da leitura e escrita, segundo Soares (2004). O Letramento é: “Um estado ou condição que um grupo social ou um indivíduo adquire como consequência de ter dominado a escrita e suas práticas sociais” (Soares, 1998, p. 4). Esse termo contrasta fortemente com alfabetização, que significa ter aprendido a ler e a escrever.

Dessa forma, o cidadão letrado é alguém que aprendeu a ler e escrever e tem esse domínio agora intrínseco. O cidadão alfabetizado vai possuir habilidades tal para se envolver em atividades que o integram à comunidade e sociedade em qual vive e desenvolve-se. O letramento já é um estado mais evoluído do processo de alfabetização, o que inclui ler diversos tipos de textos, desde notícias simples a romances complexos, escrever bilhetes simples, uma carta, um ensaio ou até mesmo uma dissertação (Soares, 1998). Isso é importante porque permite que os alunos leiam e participem mais das práticas letradas, mas traz alguns desafios, principalmente em relação às suas imagens pessoais e profissionais, quando cometem erros de compreensão e grafia. Aparentemente, o objetivo do sistema educacional brasileiro deve ser ensinar aos alunos: ler e escrever (alfabetização) e garantir que façam o uso social dessas habilidades (letramento). É necessário

trabalhar para que estas duas habilidades sejam atingidas por todos, incluindo os que estão fora da escola, os analfabetos.

2.2 O ANALFABETISMO NO BRASIL

Segundo Manacorda (1987), o termo analfabetismo é oriundo da escola Greco romana, pois foi no Concílio de Roma do ano de 46 D.C., que ficou estabelecido que os analfabetos não poderiam aspirar as ordens sacras, não podendo ser padres.

O analfabetismo é uma das lutas que a educação enfrenta e está também registrado na história educacional do Brasil. Existe uma estigmatização pragmatizada dos cidadãos que não foram alcançados pelos sistemas e modelos educacionais, políticas públicas, governos, sociedade, comunidade, projetos e políticas sociais. De acordo com Floresta (2005), ao escrever sobre o primeiro recenseamento realizado no Brasil, em 1872, havia uma taxa de alfabetizados com índices na casa dos 20,0%, somente entre as pessoas de 15 anos ou mais, e que 80,0% das pessoas, com idade acima de 15 anos, não eram alfabetizadas sendo homens, mulheres, negros e indígenas, pobres e trabalhadores.

O momento político da época já pensava e se preocupava com o voto direto ainda no império. No período de 1808 a início de 1881, travou-se intenso debate entre os liberais a respeito do voto dos analfabetos, sem se preocuparem com a educação e sim os votos (Ferraro, 2009). Isso na educação popular, bem diferente da educação de outras classes sociais, oferecida aos pobres que perderam o tempo correto de ser alfabetizados, por vários motivos. O não alfabetizado em questão, vai sendo excluído por causa de sua pobreza financeira e marginalização, sendo o analfabetismo interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária (Porcaro, 2007).

O interesse era tipicamente político e não em virtude de educar e escolarizar. Discutia-se sobre o voto dos não alfabetizados e a questão da falta de escolas no País. O analfabetismo e a falta de estrutura escolar vêm de longa data. A pauta era: Os não alfabetizados podem votar ou tem direito ao voto? É justo excluir do voto os não alfabetizados num país sem escolas? Ou se não tem escola eles podem votar? Deixando claro o mero interesse dos políticos novamente, sem pensar na educação.

Essa condição de não saber ler e escrever só tinha sentido negativo para as pessoas que desempenhassem ou pretendessem desempenhar funções que, na avaliação da época, exigissem o domínio da leitura e da escrita (Pirenne, 1951). O analfabetismo encontrava-se generalizado e crônico, as pessoas analfabetas que pudessem comprovar no censo que era possuidora de 200 mil réis, isso de forma legal e estabelecido pela Constituição de 1824, podiam e tinham direito ao voto, sendo que o poder aquisitivo dava ao cidadão o direito de votar. O analfabetismo já era e estava impregnado e carregado de negatividade, dando o sentido de uma pessoa ignorante, de menosprezo ao cidadão, sendo excluído de tudo e para todos.

No século XVIII, surge a aspiração de levantar a questão da alfabetização e escolarização do povo brasileiro. Nesse momento, os termos “analfabeto” e “analfabetismo”, continuavam carregados de sentido negativo e pejorativo, diminutivo e ostracismo, apequenando as pessoas que desempenhavam determinadas funções básicas, passando a ser pronunciados contra o povo, contra uma classe, tornando-se o analfabetismo um critério de exclusão. O termo “analfabeto” passou a aderir às pessoas do povo como uma segunda pele, mostrando assim também uma forma de preconceito (Paiva, 1990). O analfabetismo passa, com o tempo a ser identificado com a condição de ignorância, de cegueira, de pauperismo, de falta de inteligência e discernimento intelectual e, por isso tudo, de incapacidade política também” e ainda: “O analfabetismo ganha também a conotação de marginalidade e periculosidade.” (Ferraro; Leão, 2012).

Segundo Mortatti e Frade (2014, p. 70), já no século XIX, “os censos demográficos em diversos países começavam a dar mais visibilidade a essa condição de saber ou não saber ler e escrever”. E, em 1872, o recenseamento mostrou que “o Império do Brasil como campeão do analfabetismo entre uma série de países em que o fenômeno fora pesquisado”.

As primeiras formas organização da educação no Brasil começaram em 1876, ao mesmo tempo dos movimentos em torno da formação da futura República (Mortatti, 2006). A sociedade da revolução industrial, nascida na Inglaterra no Sec. XIX, e pós-industrial estruturou um sistema de educação e produção adequado aos seus interesses, onde os idosos eram esquecidos. A criança deveria ser educada para se tornar adulta e ser uma peça trabalhadora que se adaptaria às necessidades da sociedade, no modo de vida da produção intensiva que buscava o lucro sem cessar.

Os jovens e adultos precisavam ser capacitados e profissionalizados para assumirem um papel específico no setor produtivo, garantindo a eficácia de um sistema econômico em constante evolução e mutação. E os idosos, ou aqueles que não puderam participar desse processo quando crianças e jovens? A verdade é que não havia lugar para esse cidadão no contexto da sociedade. Jovens e adultos teriam que ser capacitados e profissionalizados para assumirem um papel específico no setor produtivo, garantindo a eficácia do sistema econômico em constante evolução e mutação. E os idosos, ou aqueles que não puderam participar desse processo quando crianças e jovens? A verdade é que não havia lugar para esse cidadão no contexto da sociedade se ele fosse não escolarizado.

Segundo Medeiros (1999), um fator que também foi relevante para aumentar o índice de não escolarização, foi o de se considerar que um cidadão não alfabetizado como sendo uma pessoa totalmente ignorante, desprovida de capacidade e desajeitada para o aprendizado. Assim, os não alfabetizados recebiam uma educação que era realizada com as crianças, infantilizando o adulto nos vários aspectos, desprezando o seu conhecimento empírico de vida, suas experiências e aptidões, como se esses adultos não alfabetizados não tivessem aptidão para aprender (Medeiros, 1999). Complementando Ferreira *et al.* (2013, p. 183), explica que “comparar o nível de compreensão da escrita entre adultos e crianças não significa, no entanto, desenvolver uma infantilização das atividades pedagógicas. É preciso levar em consideração toda a bagagem histórica que os sujeitos adultos detêm, suas vivências com a língua escrita”. Para Ferreira *et al.* (2013, p. 182),

A experiência dos adultos com a língua escrita é bem mais ampla do que a da criança, e isso acontece devido ao próprio tempo de vivência e, mais ainda, ao contato e necessidades de utilizar a língua escrita em diversas situações, tais como: identificar produtos nas prateleiras dos supermercados, seguir instruções para fazer uma máquina funcionar, pegar um ônibus ou seguir uma receita. Nessas e em outras situações, os adultos não alfabetizados são desafiados cotidianamente a utilizar a leitura, mesmo sem dominá-la, o que faz com que eles tenham uma maior compreensão das funções sociais da escrita. Porém, diferentemente do que acontece com as crianças, esses sujeitos apresentam resistência em escrever a partir dos conhecimentos que possuem, pois têm consciência de que “não sabem” escrever.

Para Ferreira *et al.* (2013, p. 182), diferente do que acontece com as crianças, os adultos não alfabetizados apresentam dificuldades para escrever, partindo de conhecimentos intrínsecos limitados que possuem. É preciso considerar a bagagem histórica e de vida que os sujeitos adultos trazem, suas vivências com a língua escrita,

conhecendo esse aluno adulto na fase de alfabetização do ponto de vista intelectual, desenvolvendo uma atitude de respeito na convivência com ele. “Ao mesmo tempo, não se pode considerar que esse sujeito, por ser adulto, deva construir suas hipóteses sobre a escrita sozinho, sem uma intervenção consequente do professor”.

A segunda fase da alfabetização no Brasil vai começar no estado São Paulo depois de 1890, com professores que defendiam a importância da pedagogia (o “como” se ensina) e dos métodos analíticos. Essa nova visão moderna vai gerar uma disputa acirrada entre esse grupo e os adeptos das abordagens mais tradicionais (sintéticas). O termo “alfabetização” foi criado, mas o foco permaneceu em ensinar os alunos a ler, a escrever ainda estava muito ligada à caligrafia (Mortatti, 2006).

Entre os anos, 1920 e 1940, se intensifica no Brasil o processo de urbanização, o aumento da industrialização e a efervescência dos movimentos sociais o que, de um lado, exige a maior atuação do Estado no âmbito social e de outro maior controle sobre esses movimentos e reivindicações (Fausto, 2002). Segundo as Parecer ceb 11/2000 (Brasil, 2000), esse movimento contribuiu para uma ação mais centralizadora do Estado o que proporcionou uma série de reformas até mesmo em resposta às reivindicações das organizações das classes sociais, dos sindicatos e operários. 15% de sua arrecadação em impostos na educação primária, ampliando para 20% em cinco anos. No ano de 1942, houve a criação do Fundo Nacional para o Ensino Primário e 1945 esse fundo foi regulamentado com a definição de que 25% de seus recursos financeiros seriam destinados à alfabetização e educação de adolescentes e adultos.

Por volta de 1920, iniciou a terceira fase da alfabetização no Brasil quando os professores começaram a rejeitar abertamente os métodos analíticos que se tornaram obrigatórios na segunda fase. Foi nesse período em que nasceram os métodos mistos e os testes ABC para medir o desempenho dos alunos (Monarcha, 2008). No entanto, uma das mudanças mais fortes foi que a pedagogia ficou cada vez mais dependente dos aspectos psicológicos (“para quem ensinamos”). Esse embate entre os diferentes métodos, a mistura entre “antigo e novo” e a sensação de fragilidade são questões importantes que podem ter influência nos níveis de desempenho dos alunos.

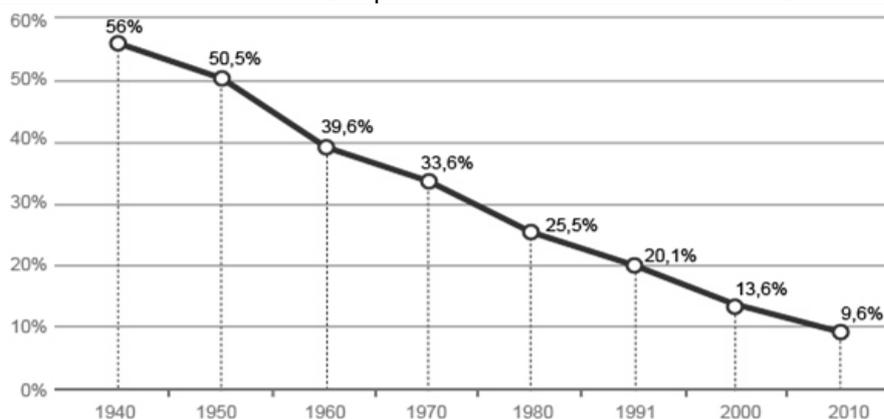
Com o golpe militar no ano de 1964, como afirma Aranha (1996), as classes populares e as menos favorecidas financeiramente eram, até então, atendidas pelos projetos vigentes como o Plano Nacional de Alfabetização que vinha sendo desenvolvido e que foi interrompido, ocorrendo assim uma ruptura do trabalho de

alfabetização realizado pelo professor e educador Paulo Freire considerado um revolucionário pelos militares, mas tido como o maior pensador e idealizador dessa nova pedagogia para adultos, entretanto, com o regime militar ele foi expulso do Brasil (Ricetti, 2015).

Na perspectiva do governo militar, os novos métodos de ensino desenvolvidos por Paulo Freire, considerados uma pregação politizada, iriam doutrinar os cidadãos e a classe trabalhadora não educada a ter um pensamento revolucionário e a tomar consciência das realidades e problemas nacionais. O sistema militar era contra essa ideia educacional, impondo que todas as populações estivessem protegidas de certos ideais e preparadas apenas para atender ao mercado de trabalho.

Entende-se que o novo modelo não pretendia escolarizar os cidadãos, mas apenas alfabetizar, aprender a ler e escrever. Seu propósito era aprimorar suas funções para atender ao mercado de trabalho (Nisckier, 1989). Mesmo dessa forma, a alfabetização estava acontecendo, pois foi criado um movimento importante nessa época. O governo militar, pensando em minimizar a questão dos analfabetos, (que era grande parte da população), desenvolveu um grande e ambicioso projeto de educação alfabetizadora para a época. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que iniciou com grande propaganda política direcionada, muita divulgação e expectativa, com o objetivo de extinguir totalmente com o analfabetismo no país até o ano de 1975.

De acordo com Rangel (2011), o Mobral foi um grande projeto alfabetizador, criado em 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº 5.379, quando o governo assumiu o controle da alfabetização de adultos, direcionado a atender com prioridade as pessoas de 15 a 30 anos de idade (Brasil, 1967). Tinha como objetivo alfabetizar funcionalmente, ensinar o básico, sendo ler, escrever e fazer pequenas operações matemática básicas. Visava trazer a solução para o grande problema do analfabetismo que atingia a população do Brasil, de acordo com o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais no Brasil de 1940/2010

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2010 (IBGE, 2011).

Observa-se que, conforme os dados do IBGE, no ano 1940, o Brasil tinha 56%, da população brasileira, com idade acima de 15 anos, em situação de não alfabetizados, em 1950 era 50,5%, e no ano de 1960, de 39,6 %, mais de 1/3 da população.

Após o Golpe Militar de 1964, houve a renúncia do Presidente Jânio Quadros e o frustrado parlamentarismo de João Goulart (Vianna, 1999). Com os militares no governo, os programas anteriores de alfabetização e letramento, que buscavam uma transformação social, foram abruptamente interrompidos, retomando-se, nessa época, a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas (Cartoce, 2017). Nesse período, o objetivo da educação era erradicar definitivamente o analfabetismo por meio de programa nacional, levando-se em conta as diferenças sociais, econômicas e culturais de cada região. Trata-se de um período de grande efervescência dos movimentos sociais, políticos e culturais, mudanças econômicas, culturais e industriais, com o surgimento de campanhas de alfabetização de adultos.

De 1969 a 1973, o Brasil experimentou o chamado milagre econômico brasileiro, um crescimento industrial de grandes proporções que até então era de uma economia de modelo agrário e pecuário. Tal proposição atingiu seu ponto mais alto nos anos de 1970, período de forte presença do autoritarismo do Estado e do governo de regime militar (Cartoce, 2017). Foi um período em que o pensar ficou blindado, sem críticas e sem ciência, longe da igualdade, da justiça social e quem era contrário ao modelo, qualquer cidadão que manifestasse insatisfação ao sistema era tratado como militante de esquerda, subversivo, comunista, ou seja, aqueles que se

opussem aos ideais da ditadura militar se tornavam inimigos do Estado, pois havia o medo e a ameaça de continuidade de uma revolução comunista mundo afora.

Nesse interim, a prática escolar teve como função especial adequar o sistema educacional com a proposta econômica e política vigente do regime militar, usando a educação como ferramenta de dominação e qualificação das pessoas para o mercado de trabalho, principalmente nos setores da indústria e da infraestrutura, que se encontravam em pleno crescimento (Escott; Moraes, 2012).

Segundo Medeiros (1999), o Mobral tinha um sentido mais político e não educacional, pois mostrava responsabilizar o próprio indivíduo de sua situação, desconsiderando o seu papel de cidadão, sujeito produtor de cultura e história, sendo identificado como uma pessoa vazia e sem conhecimento, que necessitava ser moldada por esse programa alfabetizador. O Mobral foi ofertado de 1967 à 1985, e atendeu mais de quarenta milhões de pessoas, mas desse total somente 10% foram alfabetizados.

Conforme Stephanou e Bastos (2005), havia certo desprezo pelo conhecimento prévio e empírico do cidadão, que estava naquela condição devido às políticas econômicas e educacionais anteriores que não conseguiram atender às classes sociais e economicamente menos favorecidas e mais necessitadas de um projeto de escola. Esse programa procurava implantar a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas, eram culpadas por estarem nessa situação de analfabetismo, como também pela situação de subdesenvolvimento do Brasil. Um dos *slogans* do Mobral era: você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável.

Segundo Corte (2016), no ano de 1971, houve a implantação do Ensino Supletivo, que consistia em um tipo de educação continuada para aproveitar e dar seguimento aos alunos do Mobral. O Supletivo tem sua origem na década 1970, quando foi implantada pela Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (Brasil, 1971). Em 1974, o Ministério da Educação (MEC) desenvolveu a criação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), substituindo o Mobral.

O MOBREAL permeava-se por três pontos oriundos da concepção tecnicista como meio de atuação e sua base didático metodológica incluía: a) a obtenção de material didático atrativo e de baixo custo, sendo uma educação barata aos cofres públicos, sem pensar em qualidade e resultados. b) a ampla descentralização administrativa, com a transferência das funções executivas para as Comissões

Municipais, tirando a responsabilidade da União c) o desenvolvimento de esquemas operacionais simples e padronizados, capazes de tornar logisticamente viável um programa de alfabetização de larga escala, e de reduzir ao mínimo os custos por aluno. Quem soubesse ler e escrever podia dar aulas sem formação acadêmica, (Simonsen, 1973). Enquanto proposta pedagógica, esse movimento tolhia todo o espaço, seja para a conscientização e politização no processo de alfabetização, seja para a discussão sobre o significado do analfabetismo.

Na década de 1960, em plena ditadura militar, teve início um modelo de educação baseada no Tecnicismo, considerado mais apropriado para a formação de mão de obra. De acordo com Rodrigues *et al.* (2013, p. 334):

Na década de 1960, com o declínio da Escola Renovada, surge a proposta tecnicista, que adota para a educação um modelo baseado no modo de desenvolvimento capitalista, enfatizando o sistema empresarial. Por conseguinte, com o regime militar no Brasil, a educação das massas tinha que atender à organização do sistema vigente a fim de manter a dominação, emergindo, assim, um ensino em que a verdade científica é absoluta, desconhecendo os determinantes sociais.

Esse novo modelo Tecnicista direcionava as escolas brasileiras a prepararem o educando para o mercado de trabalho, o objetivo tecnicista era mais profissionalizante do que educação. Segundo Filipaki (2010), a tendência tomou forças nos anos de 1970, baseadas em três princípios da otimização sendo: a racionalidade, eficiência e produtividade de forma racional para atender aos interesses do capital industrial.

Com início em 1980, a quarta fase da alfabetização brasileira foi marcada por mudanças sociais e políticas que resultaram na restauração da democracia. Nesse período, surgiu o construtivismo, um paradigma muito diferente da tradição behaviorista. A desvantagem da difusão da perspectiva construtiva foi que ainda não havia um método de ensino-aprendizagem estruturado (Soares, 2004).

Na década de 1990, o sistema educacional brasileiro cresceu e se tornou mais universalizado. A intenção era permitir que o Brasil fosse competitivo em um contexto globalizado e digital. O acesso à escola em todos os níveis de educação aumentou consideravelmente e o país pôde dizer com orgulho que quase todas as crianças já estavam na escola, o que não aconteceu com os adultos analfabetos. Apesar de praticamente todas elas serem matriculadas (Marcílio, 2005).

Esse mesmo estamento está se reproduzindo e em plena evidência no século XXI, regido desde 1996 pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dentro da

escolarização de jovens e adultos (EJA), que é direcionada para preparar esses alunos especialmente para o mercado de trabalho (Brasil, 1996).

2.3 O CIDADÃO SEM ALFABETIZAÇÃO

Partindo do princípio de que vivemos em uma sociedade onde as crianças e jovens figuram como principais no palco da educação básica, tendo a educação escolar como objetivo, pensar a relação entre a educação e o adulto no contexto do mundo tecnológico até parece estranho. Os modelos e métodos de ensino adotados e praticados objetivam contribuir na formação de futuros cidadãos trabalhadores para a indústria e para a vida em comunidade e sociedade.

A educação escolar adota a pedagogia e visa cultivar as primeiras etapas da vida humana, ou seja, das crianças em formação. Com isso, os idosos são excluídos desse programa de educação e formação por não se interessarem mais pelo processo produtivo e vice-versa. Isso porque essas pessoas não precisam ser treinadas para uma carreira futura, porque ou são trabalhadores prestes a se aposentar ou já se aposentaram. De acordo com Ramos (2001), o pensamento parte da premissa do porquê investir na educação de pessoas que já viveram vidas produtivas ou estão em vias de sair. Do ponto de vista capitalista, isso seria um desperdício, pois essas pessoas não poderiam mais contribuir para a produção de riquezas (Ramos, 2001).

Na ausência de um programa de educação específico para idosos, essa situação fica explícita quando consideramos esse modelo de educação capitalista e mercantilista de educação, considerando a ausência de um projeto educacional voltado especificamente para os idosos. E isso é uma constante em todos os países capitalistas, que ao longo da história construíram uma estrutura educacional formal para educar principalmente crianças e jovens.

A educação de jovens e adultos no Brasil surge mais tarde na sociedade brasileira, em meados de 1970, em detrimento do novo modelo de industrialização, em razão da necessidade de preparar a classe trabalhadora, oriunda da classe camponesa rude e ignorante. A ideia era adaptá-la para o mercado de trabalho que necessitava de mão de obra qualificada, pois a população menos favorecida

financeiramente no Brasil era composta praticamente de 80% de pessoas sem alfabetização (Pinto, 2007).

Compreende-se que, o analfabetismo é um dos exemplos mais graves de exclusão social e educacional. A desagradável realidade de exclusão social que acompanha os idosos foi observada e analisada por autores como Beauvoir (1990) e Bosi (2006). Ao admitir o acesso à educação formal como a capacidade de exposição à linguagem escrita como forma de expressão e comunicação e ao conhecimento científico, literário, filosófico e artístico, não saber ler e escrever significa não ter recursos para interagir com o "mundo civilizado" de toda a ordem da nova sociedade mundial, a sociedade globalizada.

Dos excluídos do sistema de ensino, os idosos são os mais afetados. As estatísticas do censo mostram que as taxas de analfabetismo são mais altas nas faixas etárias mais velhas. A situação desses indivíduos é agravada pela falta de políticas educacionais voltadas para idosos e analfabetos. Pode-se dizer que a evasão escolar nas áreas rurais e do interior predispõe a maiores taxas de analfabetismo entre as populações rurais, especialmente nas faixas etárias mais altas. Assim, conforme defende Marques e Machado (2015, p. 75), há a “necessidade de ampliar as políticas ligadas aos idosos, com objetivo de influenciar seu bem-estar e dignidade, principalmente dos economicamente desfavorecidos que são excluídos na sociedade”.

Há um grande envelhecimento da população do país, sendo que, em 2019, o número de idosos no Brasil chegou a 32,9 milhões de pessoas. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), mostram que a tendência do envelhecimento populacional continua e o número de pessoas com mais de 60 anos no país já supera o número de crianças menores de 9 anos, portanto, um país com um número expressivo de pessoas idosas. Os dados apresentados mostraram que, entre 2012 e 2019, houve um acréscimo de 29,5%, nesta faixa etária. Na faixa etária de mais de 60 anos, a taxa nacional de analfabetismo era de 18,0% em 2019. Entre os idosos negros e pardos, a taxa de analfabetismo aumentou para 27,1%. Quanto às diferenças regionais, a taxa de analfabetismo dos idosos chegou a 37,20% na região nordeste e 25,50%, na região norte.

Esse cenário indica um quadro insatisfatório no setor de educação, mais precisamente no número de não alfabetizados. A heterogeneidade é uma das principais características, sendo fundamental o cenário educacional. Existem regiões

com maiores taxas de analfabetismo e outras com pessoas com níveis mais baixos de escolaridade devido às grandes dimensões geográficas que também contribuem de certa forma para agravar o problema, mesmo tendo todas as tecnologias disponíveis em dias atuais. É necessário que se considere a educação um direito constitucional de todos e para todos os brasileiros, para toda a vida, numa perspectiva holística, e o exercício desse direito pelos idosos considerados analfabetos no Brasil consiste em um desafio para a sociedade.

A Gerontologia é uma ciência multidisciplinar que se concentra nos estudos relacionados ao envelhecimento e senescência. A educação e a gerontologia, como campos interdisciplinares, são áreas que podem contribuir para a formação de profissionais para enfrentar os desafios da alfabetização e letramento desses cidadãos Brasil afora. A ciência interdisciplinar da educação em que os sujeitos são os idosos é denominada Gerontagogia (Neri, 2014). Essa ciência tem por objeto operacionalizar um conjunto de métodos e técnicas que possam ser utilizadas na formação educacional dos idosos.

A alfabetização de idosos no Brasil ocorre em espaços de educação formal em escolas da rede municipal e estadual de ensino e em espaços de educação informal sendo centros comunitários, igrejas, instituições públicas, sindicatos e organizações não governamentais. É importante levar em consideração as características dessa faixa etária ao planejar um programa ou projeto de alfabetização. As perspectivas contemporâneas sobre alfabetização e letramento ajudam a entender os idosos que são pessoas que trazem para a sala de aula, sua vasta experiência de vida e, portanto, sua capacidade de ler signos, símbolos, sinais e sons sobre o mundo que os rodeia. Isso significa que os idosos considerados analfabetos podem não saber ler e escrever palavras quando pensamos na decodificação e codificação como parte do processo de alfabetização, mas conseguem relacioná-las aos conteúdos diários dentro de sua realidade.

Em particular na EJA, a história registra os movimentos de negação e exclusão que afetaram esses sujeitos (Paiva, 2006). Ao enfrentarem preconceitos as pessoas com mais de 60 anos sofrem ao ouvir discursos discriminatórios na mídia e na sociedade onde são subestimados. Para Todaro (2009), é de importância o acompanhamento da prática pedagógica nas escolas da EJA. A Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, dispõe sobre a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso, em seu Art.10, inciso III - na área de educação, estabelece:

- a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso;
- b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;
- c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores;
- d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;
- e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso;
- f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (Brasil, 1994).

Esses cidadãos não alfabetizados que geralmente fazem parte de outra faixa etária, fora do tempo escolar normal (Brasil, 2019), querem e desejam ser alfabetizados e explicitam essa vontade de aprender a ler e escrever, mas muitos são os problemas e barreiras de ordem sociopolítica, econômica e até religiosa. Uma simples ação de pegar um ônibus, vai precisar perguntar para alguém ao lado, como por exemplo: ir a um local desconhecido; fazer compras em um supermercado, sem saber ler os preços; pegar um UBER, ou um táxi; fazer um saque de dinheiro em um caixa eletrônico etc. São atividades consideradas corriqueiras para pessoas que tiveram a oportunidade de estudar, porém, não é assim na vida de uma pessoa não alfabetizada, pois tais situações as obrigam a fazer um esforço diário para “ler”, por sinais e códigos, interpretar e realizar muitas ações em seu dia a dia.

Nessas condições o ser humano, o cidadão não alfabetizado, vai desenvolvendo várias maneiras próprias de ler a realidade e o mundo a sua volta, por meio de sons, sinais e símbolos, sobrevivendo em uma constante relação de dependência, para conquistar seus objetivos. Segundo Freire (1980), os critérios de saber que lhes são impostos pela nossa sociedade são sempre os convencionais, sendo que o medo, a vergonha e a falta de oportunidades colocam esses sujeitos em situações que os levam a buscar trabalhos precarizados. São sujeitos desvalorizados pelos setores da sociedade atual, mas que não deixam de ser dignos por atuarem de forma honesta em serviços braçais sem exigência, como por exemplo, em serviços de limpeza de lotes, como vendedores ambulantes, movimentadores de cargas, catadores de materiais recicláveis, lavadores de carros, enfim, variadas alternativas para conseguir algum trabalho e ter uma fonte de renda, sem ser exposto ao preconceito que tanto atormenta a sua vida e a realidade do não escolarizado.

Na realidade, esses cidadãos – não alfabetizados ou não – não são marginalizados. Repetimos; não estão “Fora de”, são seres “para o outro”. Logo, a solução de seu problema não é converterem-se em “seres no interior de”, mas em homens que se libertam, porque não são homens a margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura. Alienados, não podem superar sua dependência incorporando-se à estrutura que é responsável por esta mesma dependência. Não há outro caminho para a humanização a sua própria e a dos outros -, a não ser uma autêntica transformação da estrutura desumanizaste (Freire, 1970, p. 20).

As políticas públicas educacionais voltadas para a alfabetização existem e vêm desenvolvendo um trabalho importante. Segundo Mello (1991), essas políticas encontram dificuldades para chegar até esse indivíduo, que muitas vezes não quer ser alfabetizado, não quer sair da escuridão da Caverna do Platão, o qual prefere viver assistindo ao reflexo da sociedade de dentro da caverna, e mesmo que possa, não quer mais enxergar (Mito da Caverna de Platão).

São pessoas que não sabem o sentido de comunidade e sociedade e encontram-se à margem de tudo e de todos, se auto desacreditam, se acham incapazes e são dependentes de outras pessoas para atividades básicas do cotidiano como: fazer uma compra de roupas em uma loja, precisam sempre que alguém assine por elas em cartórios, não têm uma independência básica para esse modelo tecnológico dos dias atuais.

Esse é um problema do atual sistema de educação, pois o analfabeto precisa ser enxergado, necessitando-se de uma real intervenção por parte das instituições escolares estaduais e municipais. Precisam entrar em ação e fazer um trabalho de base todo especial voltado para esse público, para inclui-lo no processo educativo, neste caso da alfabetização básica. Muitos desses cidadãos têm vergonha de serem analfabetos, pois são invisíveis e até mesmo as próprias famílias os escondem da comunidade e sociedade e os próprios cidadãos se diminuem e afirmam não serem capazes de serem alfabetizados.

3 MÉTODOS PEDAGÓGICOS: conceituações e aspectos históricos

No decorrer da história dos processos educativos, vários foram as metodologias didáticas e métodos pedagógicos utilizadas pelos diferenciados modelos de educação. Analisando a origem da palavra metodologia, advém de “*methodos*”, que traz o significado de meta, ou seja, um objetivo, ou uma finalidade e “*hodos*” significa o caminho ou a intermediação, sendo assim o caminho ou a trajetória para se atingir um objetivo ou um alvo. O complemento “logia”, traduz-se por conhecer e ou estudar. Dessa forma, metodologia significa estudar os métodos, os caminhos a se percorrer, tendo em vista o alcance de uma meta, objetivo e finalidade da educação (Manfredi, 1993).

3.1 MODUS ITALICUS, MODUS PARISIENSIS E O RATIO ESTUDIORIUM

Conhecer os primeiros métodos de ensino, remete aqueles que se desenvolveram na Europa do Sec. XVI, e no novo mundo ocidental, durante a então campanha europeia expansionista, da igreja católica junto ao movimento jesuítico e a coroa portuguesa que foram os colonizadores do Brasil.

Fundada por Inácio de Loyola, no ano de 1552, a Companhia de Jesus foi a precursora da educação na Terra de Santa Cruz e tinha por objetivo desenvolver as regras disciplinares para a vida religiosa e o modelo escolar que estava sendo compilado e desenvolvido na Europa. Tais regras eram usadas e aplicadas nas missões de evangelização que aconteceriam nas colônias dentro do processo de expansão da coroa portuguesa católica que era composta por padres jesuítas tendo o nome de missões jesuíticas (Alves, 2005).

O *Ratio Studiorum* surge nesse momento expansionista e foi a primeira forma legal e institucional de organização sendo escrita para a educação na Europa, que se expande para o novo mundo, portanto, um avanço para o final da idade média e início da idade moderna em se tratando de educação. Antecedendo, ao que seria um dos maiores tratados de educação para a época, o *Ratio Studiorum*, existiram outros dois modelos metodológicos e pedagógicos que ficaram conhecidos por *Modus* que

serviram de alicerce e estrutura para o Ratio, sendo primeiro o *Modus Italicus* e na sequência o *Modus Parisiensis* (Saviani, 2013). Ambos os métodos de educação traziam uma estruturação e iriam direcionar todo o futuro da organização escolar no mundo europeu e ocidental, a educação imprimida pela Companhia de Jesus. Ao mesmo tempo, onde houve o expansionismo dominante e monopólio de todos os territórios e colônias sob o poder da coroa e da igreja, nesse caso o Brasil.

O *Modus Italicus*, teve sua origem na região da Itália e prevaleceu por toda a idade média, sendo do século V até o final do século XV, e possuía uma estrutura escolar muito diferente da que se conhece na atualidade. Os alunos da época podiam trocar de uma disciplina para outra disciplina, de uma forma simples e sem pré-requisito, não havia classes seriadas, os alunos ficavam todos reunidos sem separação de formação escolar ou de idade. Em outras palavras, ficavam juntos e misturados e não havia os horários com intervalos e nem mesmo professores exclusivos para cada disciplina.

Com o decorrer do tempo, e somente em meados do Sec. XVI, que o *Modus Italicus* foi sendo modificado ou se modernizando de sua forma original, sendo atualizado e se reestruturando juntamente com o *modus parisiensis* (Oliveira; Costa, 2015; Saviani, 2013). Um padre, por nome Nadal, se tornou o maior precursor desse *modus*. Ele estudou na Universidade de Paris na França, de onde trouxe as ideias da metodologia, por isso a denominação *modus parisiensis*.

O *modus parisiensis* se mostrou muito eficiente e foi utilizado por um bom tempo, cuja metodologia consistia no uso de repetição de palavras, disputas, composição, interpretações e declamações para o aprendizado da gramática latina, impressa no *Ratio Studiorum*. Diferente do *modus italicus*, o *modus parisiensis* utilizava aspectos modernos para a sua época, tendo uma distribuição de alunos em turmas, sendo divididas em classes ou grupos, a realização de exercícios escolares e já havia o incentivo ao trabalho escolar em grupos de alunos.

Nesse momento já havia uma organização das classes de alunos de faixa etárias aproximadas e com nível de instrução aproximado entre eles. O *modus parisienses* carregou consigo o que podemos dizer ser o DNA da organização do ensino escolar que veio através do tempo chegar até as nossas escolas de tempos pós modernos, com seus espaços específicos (físicos, prédios escolares), as escolas, já com as classes homogêneas de alunos, as mudanças e progresso dos níveis de escolarização em séries, e professores ministrando disciplinas de forma contínua,

como se conhece hoje, professores ensinando cada um uma disciplina específica (Saviani, 2013).

Da junção desses dois modos tem-se o grande tratado *Ratio Studiorum*, que traz regras em seu compêndio 467. Essas regras tinham o poder de lei no meio educacional e esse tratado foi sendo revisado pelos padres Jesuítas e atualizado até ter sua versão final, promulgada no ano 1599, porém, já era utilizado desde a ideia inicial antes de sua promulgação no *modus italicus* e ou *modus parisiensis*. Aonde quer que chegasse um padre jesuíta, ele levava consigo regras imutáveis desse tratado educacional elitista, pois era direcionado aos filhos dos colonos, que eram pessoas ricas e abastadas de posses (Saviani, 2013).

Sendo assim, tinha-se um tipo de educação voltada somente para um nicho da sociedade da época. Um sistema de educação voltado para a elite e os nobres, sendo ofertada a quem pudesse pagar, o que era um número muito pequeno de pessoas. Excluía-se assim, da escolarização todo o restante da pirâmide social, o povo, os pobres, os nativos, os negros, os escravos e os mestiços. O grande tratado da educação o *Ratio Studiorum* foi o primeiro instrumento que veio nortear e dar estruturação e consolidação metodológica no modelo de educação em seu tempo histórico. Teve influência direta na educação que se iniciou no Brasil e em outros lugares mundo afora, onde a coroa portuguesa implantou seu domínio.

Essa metodologia estruturada pelo *Ratio Studiorum* compreendia todos os processos didáticos utilizados na intenção de transmitir os conteúdos ligados aos estímulos pedagógicos. Seguindo nessa temática metodológica, Franca (1952) coloca que esse processo de padronização foi se dando com certa flexibilidade no seu montante, pois devido à sua variedade dava lugar a certa liberdade de escolha e aceitação de adaptações conforme fossem surgindo as necessidades no eixo de cada escola ou colônia. De acordo com o autor, os professores e mestres da época, eram outorgados e revestidos com plenos poderes, com total autoridade e autonomia para utilizar o próprio método até então estabelecido, e até mesmo tinham as prerrogativas de apropriar-se de novos métodos educacionais, sendo o *Ratio Studiorum* um projeto muito evoluído e desenvolvido para a época.

O tratado metodológico *Ratio Studiorum* foi uma grande compilação educacional europeia, do mais alto nível, tendo em vista que, na sua época, a região em que se originou era o centro do mundo e das evoluções. Tal importância se dá que seu *modus operandis* seria a primeira forma legal de organização escrita na Europa,

o centro do mundo e que se expandiu para o Novo Mundo, portanto, um grande avanço no final da Idade Média e início da era moderna.

3.2 O MÉTODO TRADICIONAL

O método tradicional de ensino como conhecemos nos dias de hoje, emerge sendo primário e oriundo do *Ratio Studiorum*, que surgiu na Europa no sec. XVI, a partir da necessidade europeia de organizar os sistemas de ensino no final da idade média e início da idade moderna, se estruturando através de um método pedagógico desenvolvido pelos padres Jesuítas. Assim, o método tradicional é um método expositivo de se ministrar as aulas, método pedagógico esse que praticamente toda a educação brasileira conhece.

Mais tarde, a base teórica do método tradicional vem a ser melhorada de forma científica a partir dos cinco passos formais elaborados por Herbart (1776-1841), sendo complementado por Bacon, (1561-1626). Esses cinco passos consistem em: da preparação, o da apresentação, da comparação e assimilação, da generalização e da aplicação. Todos os parâmetros desses passos educacionais correspondem ao método científico conhecido por método indutivo, que foi formulado por Bacon. Esse novo modo de pensar a metodologia educacional, produto da evolução veio se apresentar dois séculos depois, e se alicerçou em três pilares educacionais, três momentos fundamentais a seguir: 1º a observação, 2º a generalização e 3º, a confirmação (Saviani, 1991).

Este momento de pensamentos e ideias educacionais tem sua essência no amago do movimento filosófico do empirismo, que mais tarde torna-se a base do desenvolvimento da ciência moderna, segundo Saviani (1991). Partiu de uma política estritamente voltada para a educação e o ensino nas escolas públicas da Europa e América do Norte (Patto, 1990). Na visão de Veiga (1996), os conceitos educacionais tradicionais começaram a enfatizar a visão de que os métodos de ensino tradicionais são uma medida provisória que permite que tudo seja ensinado de maneira lógica.

Essa lógica citada estaria intrínseca nas inteligências adultas, plenamente amadurecidas e desenvolvidas e que possuem certa posição de classe social sendo os cientistas, professores, filósofos e pesquisadores, etc.), deixando muito claro que

já havia um elitismo em detrimento aos demais, suas classes e categorias, mostrando uma pirâmide social. Titone (1966), afirmou que essa formalidade do método tradicional imprimiu com excelência grandes serviços à escolarização mundo afora, tanto dessa organização lógica do processo de ensinar ou instruir, mas que o mesmo ainda carrega consigo algumas falhas ou defeitos em sua essência. Trata-se de uma forma intelectual, unilateral e abstrata, pois nesse prisma, para o educador não tem importância os conteúdos, o contexto, nem o sujeito da aprendizagem, nem como essa prática de educar ou ensinar está acontecendo.

No método tradicional de ensino a prática é reproduzir o modelo dentro do sistema, ou seja, é uma reprodução repetitiva sempre. Nessa concepção tradicional de educação, a metodologia de ensino é entendida, em síntese, como um conjunto de padrões e de procedimentos prontos e destinados a transmitir todo e qualquer conhecimento universal e sistematizado. Levando-se em consideração a época, esse era melhor que se tinha no mundo, partindo a Europa. Pensando na mesma linha, Saviani (2009), coloca que o método tradicional é intelectual e enciclopédico, e que nesse método se trabalha os conteúdos escolares totalmente separados da vida do ser humano, longe da experiência do aluno e de suas realidades sociais, políticas, financeiras etc. Trata-se de um ensino muito abstrato, pois foge da realidade, um modelo metodológico de ensino que causa um descompasso escolar com as novas demandas constantes transformações da sociedade.

Prossegue Saviani (2009), afirmando que em pleno século XXI, até a forma física de nossas salas de aulas, com suas carteiras e cadeiras alinhadas, continuam sem mudanças e o professor muitas vezes ainda se coloca como o centro da sabedoria, o depositário do conhecimento, não havendo diálogo entre alunos e o professor. Desta forma, a sala de aula se transformam num ambiente enfileirado, engessado e imutável, cheio de regras, horários, sinal de término de aula, provas etc. Na visão de Mizukami (2016), no modelo tradicional de ensino, a relação entre o professor e o aluno é totalmente verticalizada, sendo que deveria ser horizontal. O professor é o ditador das regras e das ações que ocorrem nas salas de aulas, não havendo reciprocidade, não acontece uma relação de troca entre aluno e professor, nem mesmo entre os próprios alunos.

Ainda para Mizukami (2016), o modelo tradicional de ensino continua a se repetir, quando o professor toma a frente da sala, controla toda a situação diante de alunos enfileirados que ouvem o docente calados, sem que haja manifestação. Sendo

assim, um processo robótico e repetitivo, onde o professor fala, ministra a sua aula de forma expositiva e impositiva e o aluno ouve silenciosamente, faz cópia do quadro, sem questionar, ou poder questionar. O professor é o senhor do saber e o detentor do conteúdo pronto, ele reproduz e o aluno absorve, se possível. O professor imprime o programático e o aluno tem que correr atrás do jeito que der. O professor massifica os seus alunos com exercícios e perguntas que devem ser respondidas conforme os conteúdos passados nas aulas. Isso deve ser seguido de avaliações ou provas, para verificar quem aprendeu ou deixou de aprender. O aprender nesse momento torna-se subjetivo, dando a entender, pela regra da nota maior, que o aluno aprendeu mais e vice-versa. Resumindo, quem conseguiu decorar o conteúdo e repeti-lo, atingiu o objetivo proposto. De acordo com Saviani (1991), o método tradicional de ensino ainda continua sendo o mais utilizado dentro dos sistemas educacionais no Brasil e aplicado da mesma forma, principalmente na educação pública de base, sendo destinado aos filhos das classes populares menos favorecidas financeiramente.

No método tradicional de ensino, há uma correspondência entre o som (fonética) e grafia, oral e escrita, (fonema). Primeiro se aprende as vogais, em seguida as consoantes, formação das sílabas para se chegar às palavras e frases, e à construção das orações e textos. É considerada mais importante a montagem silábica e não o conteúdo (Annunciato, 2019).

Neste método o ensino se inicia pela forma e pelo som das vogais, seguidas pelas consoantes. Cada letra (grafema) é aprendida como um som (fonema) que, junto a outros fonemas, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada, sendo dos mais simples para os mais complexos (Glossario Ceale, 2014).

Savage (2015), conceitua a fônica como sendo um estudo consciente e concentrado da relação entre sons e símbolos, com o objetivo de aprender a ler e a escrever. Esse autor afirma: “a relação entre letras e sons fica no núcleo da fônica. A fônica baseia-se no princípio alfabético, que exige o conhecimento das correspondências letra-som para pronúncia e a produção da linguagem escrita. [...] é uma ferramenta que ajuda no letramento” (Savage, 2015, p. 25).

As metodologias do método tradicional de ensino buscam uma ortografia mais perfeita, ensinada por meio de regras gramaticais, escritos de forma ortograficamente correta, porém com ausência de sentido. A cartilha Caminho Suave, do método tradicional, foi usada por longo tempo e cria uma linha própria de sequência que vai

das letras de A a Z. Com essa cartilha o aluno segue fielmente a sequência das lições, é bem ilustrada com figuras correspondentes ao que vai se aprendendo, mas o conhecimento e o saber continuam centrados no professor.

Nesse método de ensino, a função do professor é monitorar os alunos e conduzi-los na sala de aula de uma forma disciplinar. O professor passa a matéria ou conteúdo no quadro, e da mesma forma os exercícios no caderno, faz as correções e segue em frente com a matéria, dia após dia, numa rotina de aula mecanizada, de modo que o aluno só irá aprender através do conhecimento do professor, não pensando sozinho. As aulas acontecem sempre dentro da sala de aula, onde o docente tem maior controle. A lição para casa deve ser passada praticamente todos os dias para que não se crie vácuo e seja uma constante de repetições e exercícios que levam os alunos à memorização ou a decorar. O aluno vai aprender por meio de da exaustão ao repetir inúmeras vezes os exercícios. Pode-se considerar que apesar dos pontos negativos dessa metodologia de ensino, promoveu a alfabetização de muitas pessoas por todo o Brasil, tanto nas cidades como nas escolas de zona rural.

3.2.1 Método sintético e método analítico

De forma pedagógica, a alfabetização, considerada como sendo o ensino e o desenvolvimento das habilidades de codificação e decodificação, foi implantada em sala de aula, no final do século XIX, por meio da criação e desenvolvimento vários e diferentes métodos de alfabetização que buscaram uma padronização para a aprendizagem da leitura e da escrita (Salomon, 2009). Nesse contexto, as cartilhas passaram a ser largamente utilizadas e relacionavam-se a esses métodos, evidenciando-se como relevante material de ensino nessa área.

Stephanou e Souza (2013), voltaram-se à análise de uma diversidade de cartilhas escolares para a compreensão dos princípios das formas didáticas, estudando o papel dos abecedários, ou seja, qual a intenção pedagógica é dirigida ao ensino da leitura e da escrita. Analisaram a maneira como os abecedários se inscreviam no suporte das cartilhas, como as letras do alfabeto se apresentavam nas diversas formas: tamanhos, formatos, tipos, ordenamentos etc. Se as imagens estavam associadas às referidas letras e se as letras apareciam sozinhas ou

construindo sílabas, palavras, frases ou pequenos textos. E ainda se estavam mais voltados à construção da escrita, da leitura ou para ambas. Entenderam o abecedário como um conjunto de letras do alfabeto.

Já o alfabeto enquanto conjunto de letras utilizadas na grafia de uma língua necessita “ser ensinado e aprendido por uma tradição secular que não é apenas um imperativo escolar, mas também cultural”. Nesse contexto o abecedário que é um conjunto de letras do alfabeto tem “seu papel didático de ensino e estabelece uma relação fonema/grafema”, podendo ser admitido como o primeiro modelo da relação hierárquica. Em seguida, a formação das sílabas vem complexificar “um pouco mais as relações linguísticas, na medida em que estabelece combinações entre elas, fazendo agrupamentos entre consoantes e vogais” (Stephanou; Souza, 2013).

No Brasil o método tradicional de ensino abarcava:

[...] os “métodos sintéticos” tomavam como ponto de partida a letra (método alfabético ou da soletração), o fonema (método fônico), ou a sílaba (método silábico ou da silabação), que eram combinados, por meio de um processo de síntese, em unidades linguísticas maiores (palavras, frases e textos). Já os “métodos analíticos” (ou globais), ao contrário dos sintéticos, partiam de unidades maiores da língua: palavra (método da palavração), frase (método da sentencição) e texto (método global) (Stephanou; Souza, 2013, p. 307).

Outra distinção em relação a esses dois blocos de métodos, foi feita por Braslavsky (1988), que considerou que o método sintético partia de elementos menores, não significativos de uma palavra (letras, fonemas, sílabas) e que o método analítico, de unidades significativas da linguagem mais completas como as palavras, frases ou textos.

O Método sintético está inserido dentro do método tradicional e tem como prioridade, o ponto de partida de partes para o todo. Esse método se divide em três tipos:

1-Método alfabético ou de soletrar: é o mais conhecido e foi regularmente o mais utilizado e tem o princípio de que a leitura deve-se iniciar decorando ou memorização de forma oral (repetição) das letras do alfabeto, na ordem sequencial, se dispondo de A a Z. A principal crítica a este método está relacionada à repetição de exercícios (Annunciato, 2019).

2-Método fônico: consiste em um aprendizado usando uma associação entre fonemas e grafemas, ou seja, sons e letras baseando no ensino do código alfabético, tem como crítica o método da soletração.

3-Método silábico: a aprendizagem ocorre por meio de uma leitura mecânica do texto, decifração das palavras. Nesse método as tradicionais cartilhas de alfabetização são utilizadas para orientar os alunos, são usados fonemas e seus grafemas, em outras palavras, seria a junção dos dois anteriores (Mortatti, 2009).

De acordo com Savage (2015), o uso da fônica é uma excelente ferramenta, sendo um estudo muito consciente e ao mesmo tempo concentrado na relação entre os símbolos visuais e os sons (vozes), levando os alunos a aprenderem a ler e escrever. Soares (1986) faz a seguinte colocação:

[...] o ato de alfabetizar-se significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler), a alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler)." (Soares, 1986, p. 20).

Diante deste entendimento, o processo de Alfabetização dar-se-á através da codificação e decodificação dos grafemas e fonemas, podendo propiciar a escrita e a leitura de mundo feita pelo aluno. Assim, a aprendizagem vai ocorrendo por meio de letra por letra e sílaba por sílaba e palavra por palavra, dessa forma o aluno é capaz de perceber os símbolos gráficos de uma forma geral, sendo capaz de construir as orações e como resultado aprender a ler e escrever.

O método analítico se divide também em três segmentos pedagógicos:

1-Palavração: as palavras nesse momento são apresentadas aos alunos sempre acompanhadas de uma imagem ou figura ilustrativa, porém é dirigida aos detalhes da palavra como sílabas. A palavra é composta e decomposta (Mortatti, 2009).

2- Sentenciação: o aluno visualiza e memoriza as letras para formar novas palavras, dando o sentido de estar em processo evolutivo de construção.

3-Contos e historietas: é um método com uma ideia considerada fundamental, fazendo com que o aluno aprenda que praticar a leitura e estar descobrindo o que está contido na escrita. E também de compor ou contar pequenas histórias em partes cada vez menores, memorizando as pequenas histórias e as palavras dentro dessa história (Bertoletti, 2006).

É um método que analisa as orações num contexto do todo (palavra inteira). Inicia-se sempre com palavras, frases mais complexas, contos e historietas (pequenas histórias). Propicia ao aprendiz compreender melhor o sentido de um texto. Não

prática a leitura através da silabação, estimulando a leitura do todo, deixando o aluno à vontade para a prática de leitura. As habilidades cognitivas dos alunos devem ser sempre levadas em consideração. Prioriza as habilidades de ouvir, falar e escrever dos alunos, ou seja, a plena participação do aluno dentro de uma ideia de construção do conhecimento.

3.3 O MÉTODO TECNICISTA

A Pedagogia tecnicista vai surgir nos Estados Unidos na metade do século XX, chegando ao nosso país entre os anos 1960 e 1970. A mesma parte de uma concepção em que o homem, o ser humano vem a ser considerado um simples produto do meio (Filipaki, 2010). A prática do professor no dia a dia em sala de aula traz as características dos diferentes métodos e tendências pedagógicas, desenvolvidas ao longo do tempo histórico.

A organização do ensino na escola com a pedagogia tecnicista vem priorizar as técnicas específicas direcionadas à aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes nos respectivos alunos, priorizando a prática. Essa escola vai preconizar o aperfeiçoamento de uma ordem social vigente para aquele momento, dando valor ao sistema capitalista e emparelha com o interesse de produzir indivíduos, pessoas, alunos com competências para atender ao mercado de trabalho, o mercado do capital.

Segundo Matui (1988), a escola tecnicista desenvolveu um tipo de aprendizagem que tornasse o aluno como um depósito ou depositário passivo dos conhecimentos, uma máquina de fotocópia e repetidora dos conteúdos estudados. Trata-se de uma reedição da mesma escola tradicional, com uma diferença, a de valorizar mais ainda as técnicas de produção, em detrimento dos antigos modelos pré-estabelecidos. Outra diferença é que, enquanto no método tradicional o professor era o centro do processo de ensino, detentor e autor do saber e do conhecimento, enquanto o aluno um era um mero ouvinte, coadjuvante e espectador. Nessa pedagogia da escola tecnicista, o professor e aluno se tornavam ambos componentes passivos do processo educativo, o que importava nesse momento era o sistema de ensino com suas técnicas.

Para Saviani (2001), a escola tradicional foi instituída para combater a ignorância e não conseguiu fazê-lo enquanto escola. A pedagogia tecnicista como novidade em relação pedagogia tradicional veio no afã de eliminar a rejeição, que a escola tradicional proporcionava e seria esse o motivo do não aprendizado por parte dos muitos alunos. Por sua vez, a escola tecnicista foi concebida visando erradicar a incompetência, sendo esta a razão da marginalidade social do aluno, dando a entender que nesse modelo o aluno deixaria de ser incompetente, ao menos serviria para atender ao mercado de trabalho. Desta forma, menosprezava o cidadão, o ser humano com suas habilidades e competências e colocava de lado o conhecimento acadêmico do professor. Nesse contexto, a escola regular nessa tendência tecnicista precisava organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrassem na máquina do sistema social global (Luckezi, 1994), sem se preocupar com as outras vertentes do conhecimento, do ser humano e do cidadão etc.

Cabia à escola atuar efetivamente dando suporte a ordem social vigente, tão somente, o sistema capitalista de produção e de consumo. O interesse desse modelo era o de reproduzir indivíduos aptos para se submeterem ao mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente informações precisas, objetivas e rápidas, como se os seres humanos fossem simples máquinas e escravos à disposição do sistema capitalista. Nesse período, o conceito de aprendizagem estava fundamentado na teoria behaviorista ou teoria do comportamento. Morin (1991), aponta para as mudanças de comportamento, partindo da ideia da máquina produtiva da industrialização. Educar nesse conceito é levar o indivíduo à adaptação ao meio social que neste caso se prestava à industrialização e ao lucro. Esse modelo era atuante e foi internalizado pelo então sistema socioeconômico dominante.

Pode-se dizer que o modelo pautado na pedagogia tecnicista se pautava pela multidisciplinaridade que é uma superposição de conhecimentos. As relações existentes entre os diversos conhecimentos ficavam a cargo de cada um dos alunos, mas em geral, quando muito, estes alunos terminavam com uma “cabeça bem cheia” ao invés de uma “cabeça bem feita” (Morin, 1991), uma forma de dominação mecânica e mercantilizada. Esse modelo metodológico buscava sempre a racionalização e objetivação do ensino, com base na objetividade e neutralidade da ciência e na impessoalidade do professor, como se as pessoas fossem máquinas.

Na pedagogia tecnicista, a relação professor e alunos é intermediada (neutralizada) pelas técnicas e para minimizar relações pessoais e afetivas que denegrissem a objetividade do processo educacional. Assim, o papel reservado ao professor e aos alunos era o de não pensar ou raciocinar, somente executar e tão somente ler o manual, haja vista que o conteúdo geral havia sido passado e ao professor cabia executar o programa tutorial, instrutivo e mecânico. O seu pensamento já estava delimitado pela chamada razão instrumental (Habermas, 1988).

As técnicas didáticas na pedagogia tecnicista são consideradas como sistematizações formuladas, segundo o conceitual teórico daqueles que as utilizavam ou que as criavam, portanto, possuíam em si o fundamento ideológico que as determinava repetitivamente, pois a essência das técnicas estava na maneira de ver e entender dos envolvidos na educação (Santos; Pessoa, 2016). Nesse processo, a preocupação exclusiva era com a formação técnico-profissional na qual se enfatizava a técnica, o saber-fazer que seria o suficiente para determinada profissão, sem maiores questionamentos, nem aprofundamentos na construção do conhecimento.

Na pedagogia tecnicista, as aulas seguem uma orientação pedagógica e ideológica para a época com base em princípios militares. Essa preocupação com a formação técnico-profissional tem que estar presente sim, mas não com essa intensa exclusividade. Nesta pedagogia a aprendizagem é uma questão de modificação do desempenho. O ensino deve ser eficientemente organizado, criando condições de estímulo de tal forma que o aluno saia da situação de aprendizagem diferente do modo como nela entrou.

3.4 O MÉTODO CONSTRUTIVISTA

Segundo Piaget (2011), o método construtivista para o atual modelo de educação usa como base estrutural conhecimentos e pesquisas, bem como ideias até então já desenvolvidas dentro da psicologia cognitiva, considerando que o conhecimento do ser humano vai evoluindo de forma natural dentro de uma interação social e vai se estruturando dentro dessa cultura de interação social (Nunes, 1990). Nesse processo de desenvolvimento, pode-se afirmar que para Piaget, o aluno, a criança vão construindo o seu próprio aprendizado, dentro do seu mundo de criança,

passo a passo, e vivendo suas experiências no dia a dia em um processo de dentro para fora, do intrínseco para o extrínseco e de uma forma e vivência muito natural (Nunes, 1990).

O desenvolvimento das práticas escolares e das metodologias construtivistas tem início na década de 1970, destacando-se principalmente nos países da Argentina (1974) e no Brasil (1980), iniciando dessa fôrma os seus primeiros trabalhos desenvolvidos dentro dos núcleos de pesquisas, sendo esses centros experimentais e de formação profissional, além de redes escolares públicas ou privadas, que foram receptivas e adeptas à essa nova proposta metodológica, especialmente na escolarização inicial da alfabetização (Glossário Ceale, 2014).

O modelo Construtivista, segundo Gadotti (2005), traz em suas raízes, ou bebe na fonte e é uma continuidade do movimento da Escola Nova (1922-1932), que imprimia duras críticas ao modelo até então utilizado na época que estava em vigência que era o modelo tradicional de Ensino. Esse movimento disseminado em muitas partes do mundo, principalmente no Brasil, valorizava a formação e a atividade espontânea da criança. A Escola Nova “propunha que a educação fosse instigadora e uma ferramenta propulsora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança” (Gadotti, 2005, p. 142).

A mesma visão fica evidenciada por Fava (2014), ao colocar que o modelo construtivista, se articula em posição diferente e até contrária ao modelo de ensino tradicional. O método Construtivista traz em suas linhas a concepção de manter-se em um ensino mais claro e mais objetivo, pois valoriza de forma especial o aluno, o aprendiz como um ser humano cidadão, pensante e único que é, não somente um ouvinte espectador e repetidor que obedece a comandos. O aluno tornando-se então o centro, o alvo, o principal protagonista dentro desse processo de construção do conhecimento, cercado de seus valores.

Narrando sobre o construtivismo Fava (2014), evidencia que é uma vertente filosofia de aprendizagem, em que o aluno aprendiz vai interagindo com o meio social, político, histórico e econômico, no qual como cidadão poderá construir e vivenciar o conhecimento. É uma filosofia de se aprender, baseado na ideia de que esse estudante vai refletir e utilizar as próprias experiências no ambiente em que está inserido. Nesse método, a aprendizagem vai constituindo-se, dentro de um processo de ajustamento dos modelos mentais à acomodação de novas experiências. Em vez de absorver os simples conceitos repetitivos, as imagens, e a reprodução do conteúdo

que são transmitidos pelo docente, o estudante é incentivado e levado a criar, e dessa forma estar desenvolvendo as suas ideias próprias e caminho do conhecimento e independência.

De acordo com Fava (2014), há uma preocupação em formar alunos para pensar e serem independentes, dando-lhes a autonomia que antes era outorgada somente ao professor, no método tradicional de ensino. Não se preocupa com a perfeição da ortografia e o aprender a ler e escrever somente, mas mantém o seu foco no aprendiz e na sua interação e integração em aprender, tornando o aluno mais crítico e participativo na construção do conhecimento. Valoriza a aprendizagem intrínseca da criança, que começa bem antes da escolaridade na escola regular tendo em vista que todo ser humano, antes de ser alfabetizado, já tem conhecimento da linguagem verbal das palavras matrizes de sua língua falada. O método é mais conciso devido a temporaneidade e busca incentivar a criança a colocar seus sentimentos, escrever e pronunciar aquilo que está pensando, despertando a curiosidade. Leva os alunos a buscarem as próprias soluções para problemas, o que os torna cidadãos livres e críticos, capazes de responder pelos seus próprios atos.

3.5 MÉTODO DE PAULO FREIRE

O professor e educador Paulo Regus Neves Freire destacou-se no mundo e se destaca até hoje como um dos educadores citados e pesquisados por universidades devido ao seu trabalho realizado no processo educacional no Brasil ao longo de sua vida, principalmente, em se tratando da educação popular, voltada tanto para a escolarização e alfabetização, bem como para a formação da consciência política dos cidadãos.

Em um de seus vários livros “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire traz em seu arcabouço uma ideia metodológica de alfabetização, em que o autor trata da educação e da dialética, traz um ideal ou um pensamento que vai diferenciar do pensamento dos mesmos pensadores e educadores da vanguarda para os seus dias e dos intelectuais e políticos da própria esquerda e vem sempre defendendo o diálogo com as pessoas simples, não só como método educador, mas como um modo de ser realmente mais humanizado e voltado para a vertente da democracia (Freire, 1987).

Paulo Freire jamais corroborou ou veio concordar com as práticas educacionais desenvolvidas em sua época e considerava que as metodologias transmitiam aos cidadãos somente um saber construído e acabado, sendo essas pautadas no método tradicional de ensino em que os alunos são somente os espectadores de um processo de educação engessado. O autor sempre acreditou e militou que o ato de educar deveria contemplar o pensar e o concluir dos cidadãos e contrapor ao simples modelo da reprodução repetitiva, inculcadora, mecanizada e fechada em um sistema de ideias de imposição. Nesse contexto ele acreditava que a alfabetização deveria ser o sinônimo da reflexão, pensamento, argumentação e da crítica (Freire, 1991).

Paulo Freire não se posicionava a favor de cartilhas, mas não enfatizava que era contra esse tipo de material didático, embora ele usasse cartazes escritos e desenhados, o que chamava de alfabeto móvel. Para esse educador, as cartilhas eram elaboradas na visão de um todo acabado, para todo um país continental e de culturas das mais diversas, o que acabava ficando distante da realidade dos educandos devido à diversidade de cada região geográfica e territorial. Em se tratando da alfabetização de adultos, considerava que as cartilhas não contribuíam da forma que deveriam para o processo de construção do adulto em processo de alfabetização.

Paulo Freire ponderava ser uma forma engessada e mecânica, sem o pensar e o ser humano. Afirmava sempre que a criação das palavras deveria ser gerada e não “doadas” ou inculcada pelo ato de repetição sem fim. O alfabetizando é o sujeito e não o objeto da alfabetização. O doado denota o sentido de pronto e já acabado, portanto, findo. Para Freire (1979), a educação, com todos os seus sistemas e métodos vinha se reinventando, por meio de novos métodos e práticas pedagógicas que fossem adequados para a construção do aprendiz, ou seja, oferecer o melhor para a alfabetização de jovens e adultos, que ficaram para trás em termos de processo educacional.

Para Freire esse processo de alfabetizar não poderia ser feito de cima para baixo, de uma forma impressa e pronta, como uma doação ou uma exposição, mas sim de dentro para fora pelo próprio cidadão e somente ajustada ou guiada por esse educador professor, sendo assim uma construção. Para Freire, a razão do educador sempre buscar uma forma metodológica e pedagógica que seria capaz de proporcionar, ao educando e educador, a construção da alfabetização. Defendia ainda que atividades propostas aos alunos no modelo tradicional de ensino seriam sem motivação, pois já vinham prontas, acabadas e não exigiam e ou apresentavam a

necessidade de um questionamento e reflexão, pois tudo já estava pronto e não havia necessidade de construção desse conhecimento.

Paulo Freire iniciou e desenvolveu as suas pesquisas de campo experimentando pedagogias e metodologias utilizadas e materiais didáticos da época, afirmando que não estimulavam a devida motivação, além de que havia uma demora nos resultados da aprendizagem dos alunos em relação ao processo de ler e escrever. Para ele, por esses e vários outros motivos, com essa demora, os alunos acabavam abandonando a escola ou os estudos, permanecendo analfabetos.

Diante desse cenário, Paulo Freire entendeu que precisava partir para um horizonte além das tradicionais cartilhas até então usadas nas escolas para crianças, pois considerava que as cartilhas não contribuíam da mesma forma dentro desse processo de alfabetização de jovens e adultos. Freire (1989, p. 13), faz a seguinte colocação:

[...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também o apuro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo não pudesse somente reduzir a alfabetização ao ensino. Como se o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados (Freire, 1989, p. 13).

Em sua concepção, as cartilhas da época imprimiam um método de repetir as palavras soltas ou de frases pré-criadas de forma a forçar a leitura, denominado como linguagem da cartilha. Explicando afirma que essa construção de alfabetizar torna a criação ou a montagem da forma oral na expressão escrita, uma evolução. Esta montagem não poderia ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando, precisava ser construída. Nessa tarefa criadora e sua realização, o educador necessitava saber ouvir o aprendiz, conhecer suas experiências do cotidiano e utilizar-se das palavras ou expressões dos alunos para depois elaborar um roteiro didático. Essa forma de apresentar os elementos que o estudante aprendiz tinha conhecimento empírico atribuiria fazendo sentido para a vida dos alfabetizados, o que poderia proporcionar uma reflexão, durante os círculos de cultura, uma nomenclatura utilizada por Freire para apresentar essa fase do método alfabetizador (Dantas, 2010).

Freire considerava o método tradicional uma concepção bancária da educação e fazia uma crítica ao modelo de produção capitalista (Freire, 2005). Para ele nesse método, o educador é sempre o que está educando, o educador é o que diz a palavra, o que pode falar; os educandos são os que escutam calados e inertes, o educador é

o que disciplina e tem a tutela, os educandos são os tutelados e disciplinados. O educador é livre e tem suas opções e as coloca, prescreve, aos educandos cabe seguir as suas ordens prescritas; o educador é o que atua é o ator do processo, os educandos, são meros coadjuvantes e têm a ilusão e impressão de que atuam; ao receber essa educação, o educador é sempre o que sabe, o detentor do saber, os educandos, os que não sabem; o educador é pensador sábio e os educandos aceitam e executam sem reclamar, não havendo outra opção. O educador identifica-se com a sua autonomia e a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações e regras deste; o educador e portanto, o sujeito ativo principal desse processo metodológico de educação e os alunos simples objetos que fazem parte desse processo de forma passiva (Freire, 1987, p. 34).

Para Freire (1987), o professor teria a outorga desse fio condutor e o poder sobre seus alunos e, como consequência, teria a possibilidade de formar sujeitos ativos e críticos e não domesticados, o que, ao seu ver, não acontece no método tradicional de ensino. Em seu entendimento a educação bancária, tem seus alicerces baseadas nos princípios de dominar, controlar de forma lenta e possui um tipo de alienação que é transferida do educador para os respectivos alunos através do conhecimento imprimido e imposto, repetido e inculcador. Nessa concepção, o conhecimento é imposto e vai sendo absorvido de uma forma passiva e sem posicionamentos contrários, não se pode quebrar o sistema.

Ainda para Freire (1987), o autor considera que, na educação bancária em que saber e conhecimento são elementos para que os detentores do saber façam grande favor aos que nada sabem, ou seja, os analfabetos. Essa doação, que se fundamenta em instrumentos ideológicos e políticos de opressão, torna a ignorância absoluta. Para esse educador, a opressão consiste no cerne dessa concepção de educação, que se fundamenta no anti-diálogo, e apresenta características de que está a serviço de um sistema de opressão, político e financeiro, quais sejam:

A-conquista: existe uma necessidade latente de se conquistar e que a mesma se dá desde as formas mais duras as mais simples, das mais repressivas às mais adocicadas, a exemplo do paternalismo.

B-divisão: na medida em que as massas e minorias, vão se submetendo as maiorias, ficando dessa formas ob seus domínios, que vão oprimindo-as e dividindo-as e mantê-las divididas são condições indispensáveis à continuidade de implantação e exercer a hegemonia do poder.

C-manipulação: através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar, dar formas as massas populares a seus objetivos. e quanto mais

imaturas politicamente estejam, tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder.
D-invasão cultural: a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo e inculcando a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freia e priva de criatividade, ao inibirem sua expansão. ao contrário da educação libertadora, a concepção bancária de educação não exige a consciência crítica do educador e do educando (Freire, 1987, p. 78).

Sendo contrário à educação bancária, Freire (1987), coloca que a educação é a ferramenta de libertação, portanto, a libertadora. Nesta concepção de liberdade, o conhecimento parte da realidade concreta do homem e este reconhece o seu caráter histórico e transformador. Uma educação que problematiza com caráter reflexivo, implicando em constante ato de desvelamento da realidade, e que resulte na inserção crítica do aluno em sua realidade.

De acordo com o entendimento de Freire (1987), o comprometimento com a transformação social é a grande premissa da educação como uma ferramenta de libertação do sistema. Esta libertação não seria só individual, mas totalmente coletiva, social, política e de consciência. O ponto de partida desse pensamento parte da visão de uma realidade onde o homem já não era sujeito de si próprio, e sim do sistema o que vem anulando o sentido de sua vocação, deixando de ser sujeito de seu agir e de sua própria história. Essa educação vai ser libertadora para que os objetivos educacionais se concretizem para a autonomia do educando. Freire (1987, p. 197) coloca como necessárias as seguintes ações:

1-colaboração: essa nova ação dialógica só vai acontecer se for coletivamente, entre os sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, e pode realizar-se através de uma comunicação clara e objetiva entre os seus pares democraticamente.

2-união: a classe popular tem de estar unida e não dividida, pois significa a união solidária entre si, implica esta união, indiscutivelmente, numa consciência de classe.

3-organização: é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos os aprendizados da autoridade e da liberdade verdadeiros onde ambos, como um só corpo, busca instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza.

4-síntese cultural: essa síntese consiste em uma ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante e faz da realidade o objeto de sua própria análise crítica.

Na ação educativa libertadora, existe uma relação de troca horizontal entre educador e educando, exigindo-se nesta troca, atitude de transformação da realidade conhecida e vivida. Uma educação libertadora é, acima de tudo, uma educação conscientizadora, na medida em que além de conhecer a realidade, vai buscar sua

transformação. Neste sentido, quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas, quanto mais incitados, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade.

3.5.1 Educação de Jovens e Adultos e método de Paulo Freire

Freire (1987), preconiza que é preciso nesse processo de alfabetizar, fazer um levantamento prévio do vocabulário desse alfabetizando e, assim, identificar as palavras geradoras, as mesmas palavras que são usadas com mais frequência e conhecidas no seu dia a dia, na roça, no trabalho na família, na igreja, no futebol, no nicho onde esse cidadão vive e se encontra em sua comunidade ou na sociedade.

Essa metodologia de alfabetização utilizada e praticada por Paulo Freire trouxe um grande referencial nos últimos 30 anos. Na sua visão, o educando adulto deve ser tratado como o sujeito do próprio conhecimento, habilidades e saberes, não somente um objeto ou um mero espectador, entendendo que o jovem e o adulto são portadores de um conhecimento fundamentado em sua cultura, sua religião, seus ancestrais, nas suas raízes e suas experiências vividas. As palavras geradoras são extraídas do seu mundo, do seu conhecimento e seu universo de palavras por ele conhecidas e serão os temas de discussão nos círculos de cultura. O método tem por base as palavras geradoras que se inicia pelo levantamento do universo vocabular dos alunos (Freire, 1987).

Freire (1987), explica que são denominadas de palavras geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras palavras. São as palavras conhecidas no universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas e reconstituídas em seus comportamentos, que configuram situações existenciais ou dentro delas. Através de conversas informais, o educador observaria os vocábulos mais usados pelos alunos e a comunidade e, assim, selecionaria as palavras que serviriam de base para usar em suas lições. Essa quantidade de palavras geradoras poderia variar de professor para professor, de acordo com seu público de alunos.

Depois de se montar esse composto que seria o universo das palavras geradoras, elas seriam apresentadas em cartazes e com imagens aos alunos na aula. O próximo passo seria desenvolvido nos círculos de cultura onde iniciar-se-ia uma discussão para significá-las na realidade daquela turma, podendo variar de turma para turma.

Na sequência, os educandos passariam para as etapas seguintes do aprendizado que consistiria em uma dupla leitura: a da realidade social em que viviam e a da palavra escrita que traduzia parte dessa realidade. Desta forma, o objetivo da alfabetização de adultos é promover a conscientização acerca de problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento de sua própria realidade. Não somente o ler e escrever, repetitivo e cansativo. Paulo Freire, por intermédio dos círculos de cultura, propôs o uso das palavras geradoras na alfabetização na EJA. Em seu entendimento, a partir dessas palavras vai surgir a comunicação e

[...] o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, recriam criticamente o seu próprio mundo: o que antes os absorvia, agora pode ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo (Freire, 1987, p. 6).

Nesse processo educacional, é de extrema importância conhecer a realidade dos seus educandos jovens e adultos sendo um dos principais fundamentos para eleger as palavras que podem impulsioná-los na aprendizagem da leitura e da escrita. A exemplo de alunos de uma escola da periferia de uma cidade, que têm uma realidade muito diferente de alunos da zona rural de uma cidade do interior e de alunos de uma tribo indígena e ou de alunos de remanescentes de quilombos. Cada situação tem as suas peculiaridades e como tal devem ser observadas para melhor desempenho do processo de alfabetização.

Conforme o Freire (2000), sobre as palavras geradoras, o emprego dessa prática didática vai envolver basicamente três etapas ou fases, quais sejam:

- 1-Etapa de investigação: a busca das palavras dar se a de forma conjunta entre professor e os alunos participantes desse processo, usando temas com mais significância da vida do aluno, dentro de seu mundo de palavras vocabular simples e o cotidiano da sua comunidade onde mora e reside.
- 2-Etapa de tematização: é o momento de estar mostrando que precisamos ter consciência do atual momento em que vivemos com todos os problemas sociais, políticos e econômicos através de uma análise entender como nos situamos nele.

3-Etapa de problematização: momento esse em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.

A etapa seguinte consiste em separar do tema gerador discutido as palavras que possam ser utilizadas como palavras geradoras, que serão o caminho para iniciar essa alfabetização. Por exemplo, se um grupo de mulheres estiverem discutindo questões relativas à alimentação, pode-se separar palavras como: menina, leite, amamentação, fraldas, leite entre outras (Freire, 2000).

Nesse método, as palavras geradoras devem ser selecionadas de acordo com a representação da realidade do educando jovem ou adulto para a formação de novas palavras. Com essas "palavras geradoras" pode-se criar um conceito, pois surgem várias palavras, onde se cria um conceito do tema abordado, partindo do universo do educando, trabalhando assim os mais diversos conhecimentos da região ou o local onde o educando está inserido, o que pode facilitar para o aluno no sentido de aprender a partir do seu meio. A base desse método de Paulo Freire é valorizar intensamente a relação do aluno com o meio ambiente, levando-se em conta a sua história, cultura, a experiência de mundo desse aluno, ou grupo de alunos, o que pode ser muito proveitoso em termos de aprendizagem (Freire, 1987).

As palavras geradoras possibilitam aos alunos se redescobrirem em um mundo expressado no próprio comportamento. Paulo Freire considera esse ambiente ideal tornando-se o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e junto aos demais, o que possibilita a socialização e o diálogo entre esses cidadãos em uma escola. Mas explica que essas palavras geradoras precisam obedecer a uma sequência lógica. Para isso, as sílabas trabalhadas em sala de aula devem ser registradas em uma ficha ou no próprio caderno dos alfabetizandos. Depois, os alunos são incentivados a construir novas palavras e a compará-las para descobrir semelhanças ou diferenças entre elas. O uso do alfabeto móvel e do quadro também são essenciais para a formação de novas palavras.

Além disso, Paulo Freire explica que nesse processo de construção de novas palavras, a leitura e a escrita devem acontecer simultaneamente para que o aluno possa perceber a relação oral (fonética) dos valores das vogais e das consoantes nos fonemas e, assim, fazer o reconhecimento sonoro das letras e das sílabas, no aprendizado da leitura e da escrita. Para esse educador, alfabetizar não é aprender a repetir palavras, mas dizer cada um, sua palavra relacionada a palavra geradora, de

seu dia a dia, de seu meio, de sua cultura e de seu mundo. Depois do levantamento vocabular praticado pelos alunos, os “círculos de cultura” vão oferecer oportunidades de um debate, de uma problematização, de conscientização.

Segundo Freire (2000), a alfabetização para esses alunos não é puramente mecânica e repetidora, feita por decifração de códigos ou de sinais gráficos, mas, enquanto se desenvolve o processo de aquisição da leitura e da escrita, que é aprendizagem de significados, dá-se primordialmente, a conscientização. O professor, nesse processo, é um animador, um mediador evitando toda forma de autoritarismo e auto saber, promovendo a interlocução e o diálogo.

O método de alfabetização utilizado por Paulo Freire tem a pretensão de integrar a leitura da palavra com a leitura do mundo, pois essa precede aquela. Lê-se a palavra e se aprende a escrever essa palavra como consequência de quem vive a experiência desse mundo e de estar em contato com o mundo. Para Freire (2000) o alfabetizando torna-se sujeito da aprendizagem, dono de um conhecimento intrínseco, e de uma aprendizagem que vai ocorrer a partir das suas experiências, do diálogo, da leitura do mundo, da concepção de alfabetização como construção de significados.

Esses estudos, sobre os métodos de ensino, à luz dos conceitos teóricos, possibilitaram perceber que nos projetos que desenvolvi estava baseando-me no método tradicional de ensino, considerando aspectos dos métodos analítico e sintético, mas fundamentado em aspectos da escola nova, no construtivismo de ensino e na pedagogia de Paulo Freire, do ponto de vista de considerar a importância do que os alunos trazem de experiências e conhecimento já construído visto que são adultos e idosos. Além disso, que esses alunos pudessem ter papel ativo na própria aprendizagem nessa fase primeira de alfabetização.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa é qualitativa, quantitativa e pesquisa ação, que aborda a construção de significados sobre o objeto de estudo, considerando participantes e as práticas sociais, o contexto e modo de vida, além de valorização do produto e do processo (Flick, 2013). Esse tipo de abordagem pode possibilitar aprofundar o nível de conhecimento, com ênfase ao processo vivenciado pelos participantes.

Esta pesquisa, quanto aos objetivos, é uma pesquisa ação que segundo (Gil, 2019), possibilita maior familiaridade do pesquisador com o problema de pesquisa, admitindo uma flexibilidade em seu planejamento, com coleta de dados por meio de levantamento bibliográfico e de pesquisa de campo. Franco (2017), referindo aos estudos de caráter exploratório, colocam que nesse tipo de pesquisa não se pretende confirmar ou refutar as hipóteses, mas sim levantar outros questionamentos. São estudos que objetivam conhecer variáveis de estudo conforme se apresentam, o significado dessas variáveis e o contexto em que se inserem. Quanto à análise dos dados é descritiva, pois tem a pretensão de “observar, fazer a descrição de características de determinada situação, de forma a estabelecer a relação existente entre as variáveis do estudo” (Polit; Beck, 2011, p. 145).

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” Thiollent (2000, p. 16). Procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar um resultado prático e propor a solução. O embasamento teórico que fundamentou este estudo foi obtido por meio de um estudo bibliográfico que, de acordo com Boccato (2006, p. 266), considera “referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”, podendo trazer contribuições para a temática em questão, conforme a literatura científica. A pesquisa realizada considerou o que Gonsalves (2001, p. 67), pontua sobre sua relevância: “A pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto”. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

DOS OBJETIVOS

Para responder a esse questionamento e o objetivo geral desse ambiente de aprendizagem, é desenvolver, experimentar, analisar e validar um design metodológico dentro de um ambiente de aprendizagem para alfabetização de adultos e idosos, com base na utilização de símbolos de operações matemáticas representando ações de agrupamento e separação de letras, sílabas e palavras junto aos participantes no processo de aprendizagem.

Gerais:

Pesquisar, a partir da literatura projetos alfabetizadores.

Pesquisa de métodos de ensino utilizados para a alfabetização no Brasil, suas definições e características específicas.

Desenvolver um design metodológico para a alfabetização de adultos e idosos, conforme citado.

Específicos:

Realizar o ambiente de aprendizagem para a alfabetização de adultos e idosos

Desenvolver, experimentar e validar esse design com duração de 12 meses.

Coleta de dados.

Análise de dados e obtenção dos resultados.

Instrumentos da Pesquisa:

A observação é uma das técnicas mais utilizadas para obtenção de informações. Este instrumento pode-se observar os fatos e correlações existentes. A observação, segundo Marconi e Lakatos (2003), é importante, pois pode comprovar uma teoria, um discurso na prática. O pesquisador precisa estar atento às situações ao seu redor, procurando compreender as condições objetivas e subjetivas que compõem o campo de estudo. Condições objetivas são as condições materiais de uma sociedade e as subjetivas são as imateriais, no campo das ideias (Demo, 1995).

O questionário é um instrumento constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por

escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

A entrevista propicia situações de contato com o entrevistado, mesmo que seja necessário criar um ambiente informal para realizá-la. Trata-se de uma técnica rigorosa que necessita de um planejamento prévio e roteiros que delimitem o percurso para se alcançar os objetivos da pesquisa. Assim como o questionário, a análise das respostas de uma entrevista exige cuidado com as inferências, com a interpretação para se analisar fidedignamente a opinião do entrevistado (Duarte, 2004).

Questionário:

Houve a aplicação de um questionário verbal, com 30 questões, tendo em vista que os entrevistados são não alfabetizados, momento no qual o pesquisador fez a gravação de suas respostas, a qual foi transcrita (em apêndice).

Nesse questionário consta dados referentes a: sexo, faixa etária, piso salarial, média salarial, estado civil, se pais de família ou não, número de filhos, raça, origem emigratória (urbana ou rural), há quanto tempo não estuda. O questionário foi pensado à luz da literatura e realizado oralmente de forma individual com os alunos, durante todo o desenvolvimento do curso, com educandos partícipes da pesquisa, observando os preceitos de Anastasiou e Alves (2015).

Linha da Metodologia Construtivista:

Foi utilizado nesse ambiente de aprendizagem, várias ferramentas didáticas e pedagógicas de outras linhas metodológicas, como a tradicional, escola nova e metodologias ativas, mas a linha de pensamento e desenvolvimento do modelo é o construtivista.

Utilização do método tradicional com a correspondência entre o som, a fonética e grafia, oral e escrita o (fonema). Para ser realizada a construção da arquitetura das letras do alfabeto onde se aprende as vogais, em seguida as consoantes, formação das sílabas para se chegar às palavras e frases, e à construção das orações e textos. É considerada mais importante a montagem silábica e não o conteúdo (Annunciato, 2019).

Método silábico, ou soletramento, onde a aprendizagem vai acontecer por meio de uma leitura mecanizada do texto onde vai se decifrando as palavras. Método que

utiliza também as tradicionais cartilhas de alfabetização para orientar os alunos, seguindo uma ordem alfabética (Mortatti, 2009).

Fonética, para Savage (2015), esse uso da fônica é uma excelente ferramenta, sendo um estudo muito consciente e ao mesmo tempo concentrado na relação entre os símbolos visuais e os sons (vozes), levando os alunos a aprenderem a ler e escrever, Soares (1986).

Construtivismo. Piaget (2011), um dos pensadores do construtivismo. Considera que o conhecimento do ser humano vai evoluindo dentro de uma forma natural e de uma interação social e vai se estruturando dentro dessa cultura de interação social.

O desenvolvimento das práticas e das metodologias construtivistas tem início na década 1980, iniciando os seus primeiros trabalhos desenvolvidos dentro dos núcleos de pesquisas e adeptas à essa nova proposta metodológica, especialmente na escolarização inicial da alfabetização (Glossário Ceale, 2014).

O modelo, para Gadotti (2005), é uma continuidade do movimento da Escola Nova, (1922-1932). A Escola Nova “propunha que a educação fosse instigadora e uma ferramenta propulsora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança” (Gadotti, 2005, p. 142).

A mesma visão fica evidenciada por Fava (2014), O método Construtivista traz a concepção de manter um ensino mais claro e mais objetivo, pois valoriza de forma especial o aprendiz como um ser humano cidadão, pensante e único que é, não somente um ouvinte espectador e repetidor que obedece a comandos. O aprendiz tornando-se então o centro, o alvo, o principal protagonista dentro desse processo de construção do conhecimento, cercado de seus valores.

Narrando sobre o construtivismo, Fava (2014), evidencia que é uma vertente filosofia de aprendizagem, em que o aluno aprendiz vai interagindo com o meio social, político, histórico e econômico, no qual como cidadão poderá construir e vivenciar o conhecimento. É uma filosofia de se aprender, baseado na ideia de que esse estudante vai refletir e utilizar as próprias experiências no ambiente em que está inserido. Nesse método, a aprendizagem vai constituindo-se, dentro de um processo de ajustamento dos modelos mentais à acomodação de novas experiências. Em vez de absorver os simples conceitos repetitivos, as imagens, e a reprodução do conteúdo que são transmitidos pelo docente, o estudante é incentivado e levado a criar, e dessa

forma estar desenvolvendo as suas ideias próprias e caminho do conhecimento e independência.

4.1 DELINEAMENTO DO LOCAL, PARTICIPES E ÉTICA DA PESQUISA

Como local para a pesquisa de campo foi selecionado um espaço em um ambiente extra escolar, espaço utilizado pelos jovens de uma igreja, no Centro de uma cidade do sul de Minas Gerais.

Esse ambiente conta com uma estrutura física e foi adicionado cadeiras universitárias, computador, data show e quadro branco. O projeto desta pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o título “Da escuridão para as letras, um sonho a realizar”, com o parecer 5.347.006, o qual foi aprovado para a realização do estudo em 17/03/2022. Dados do município que se desenvolveu: Se estende por 409,948 km² e conta com 20.522 pessoas, com densidade demográfica de 49,84 hab. km², escolarização 6 a 14 anos 97,8 %, com Índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) de 0,740 (IBGE, 2011).

Após, a aprovação do projeto pelo CEP, 5.347.006, o pesquisador fez contatos e visitou três cidades limítrofes em busca dos órgãos educacionais e sociais, aos quais estão outorgadas as responsabilidades constituídas por Lei, foi realizada várias visitas, reuniões e muitas reuniões informais na busca de um trabalho conjunto nessa proposta de alfabetização, sendo a mesma para ser realizada junto a uma escola municipal ou estadual da cidade ou zona rural, centro comunitário etc. O que pode observar é que, embora tenha sido bem recebido pelos respectivos secretários de educação, assistentes sociais, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), por prefeitos, vereadores etc., para os quais foram apresentadas a proposta de pesquisa, foi ficando tudo somente na conversa.

Achavam o projeto muito interessante e ficavam até entusiasmados com a proposta, mas quando buscava-se uma resposta junto aos mesmos, para ter uma posição e dar prosseguimento na implantação do projeto ou na realização do curso, as respostas foram sempre semelhantes, muitas desculpas, alegando falta de tempo, protelação para o futuro e isso foi se repetindo, pois sabe-se que alfabetizar não é tão

fácil o quanto parece, na vida real é um processo trabalhoso e demanda paciência, responsabilidade, dedicação e boa vontade para a concretização.

E diante do narrado, sem respostas, tomou-se a decisão de buscar outra saída e como já havia desenvolvido essa prática alfabetizadora antes, no ano de 1994, em uma cidade do sul de Minas Gerais e em 2017, em outra cidade do sul de Minas Gerais, expos o fato a um amigo, Reverendo de uma igreja. Fiz-lhe a exposição do projeto, o qual considerou interessante. Assim, para a realização do ambiente de aprendizagem e alfabetização, ele ofereceu-me um local que a igreja utilizava somente para reuniões de jovens, situado no centro de uma cidade do sul de MG, um imóvel que possui uma infraestrutura com todos os recursos físicos e áudio visuais, cadeiras, banheiros, refeitório, espaço amplo, arejado e muito bem ventilado etc.

Participes do Ambiente de Aprendizagem

Desta forma, foi fechada essa parceria no dia 20 de setembro de 2021, e já iniciou-se o cadastro dos futuros alunos para esse ambiente de aprendizagem, com duração 12 meses, cujas aulas se dariam nesse espaço , que denominamos Ambiente de Aprendizagem, sendo somente aos sábados, sendo 03 aulas no período da manhã, das 08h às 11h, aulas com duração de 50 minutos, havendo também um intervalo de 5 minutos, entre a 2ª e 3ª aulas, para café e lanches, com atividades e exercícios para serem realizados em casa.

A fase de busca desses participes foi feita via redes sociais (*Facebook, Whatsapp e Instagan*). Além disso, foi concedida uma entrevista em um programa de rádio local em 09 de outubro de 2021, para divulgação o ambiente de aprendizagem, bem como em diálogos com amigos e pessoas conhecidas, iniciou-se um calendário de visitas no dia 02 de outubro de 2021, sendo essas visitas feitas aos sábados nos períodos da tarde, durante 02 horas todos os sábados, de casa em casa nos bairros da periferia da referida cidade. Esses bairros foram escolhidos de forma aleatória, com a pretensão de visitar todos os bairros com essas características, até que conseguisse atingir um número de 20 alunos inscritos.

No dia 26 de novembro de 2021, foi feita a divulgação Ambiente de Aprendizagem em uma chamada no jornal local desta cidade, um jornal que conta com número grande de assinantes e leitores, com o intuito de auxiliar a captação de interessados no referido curso (Figura 2).

Figura 2 – Arte para divulgação do projeto

Projeto
ALFABETIZAR

INSCRIÇÕES ABERTAS

Início das aulas: 08 de Janeiro - 2022
 Contatos para matrícula:
 Professor Ivaldir (35) 99121-5966
FAÇA A SUA MATRÍCULA PESSOALMENTE!

LOCAL: SPACE
RUA: JOAO PINHEIRO, 367 - CENTRO

AULAS AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Totalmente Gratuito, inclusive o material para as aulas!
Destinado a pessoas sem alfabetização a partir de 18 anos

Nunca é tarde para abraçar o conhecimento!

IGREJA
 PRESBITERIANA
 INDEPENDENTE

Conhece alguém que não sabe ler nem escrever?
 Nós podemos ajudar.

Entre em contato conosco:
 Rua: Carlos Prado, nº 92 - Centro / Muzambinho

Fonte: Jornal A Folha Regional.

Foi realizado também um vídeo a respeito do ambiente de aprendizagem proposto nesta pesquisa e divulgado nas redes sociais e em um site da cidade obtendo muitas visualizações sobre o projeto. Vale salientar que, no contato informal com esses cidadãos em suas residências, deparou-se com pessoas totalmente analfabetas e até mais de uma pessoa por família e, ao fazer a exposição da proposta do ambiente de aprendizagem, já rejeitavam de pronto com justificativas das mais diversas, tipo, “cavalo véio não pega marcha”, por exemplo, ou seja, não acreditando que podiam aprender.

As redes sociais, principalmente o Facebook, mostrou resultados positivos, pois pessoas que tinham em sua família integrantes não alfabetizados adicionaram o *WhatsApp* da divulgação em busca de informações sobre as inscrições desse curso. Para a divulgação nas redes sociais: Facebook, Instagram e WhatsApp, a partir de 20 de setembro de 2021 foi postada a seguinte publicação:

O projeto Alfabetizar irá alfabetizar pessoas maiores de 21 anos que não puderam ou não tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever na escola em tempo regular. Se você conhece alguém ou tem algum integrante de sua família alguém não alfabetizado, entre em contato pelo Watsapp 991215966 e podemos inscrevê-los no curso de Alfabetização, totalmente grátis. A cada 3 meses de aulas ministradas iremos avaliar através de teste, a evolução do aproveitamento dos participantes e mensurar esse tempo real de alfabetização, utilizando a observação das habilidades e competências e os cadernos de cada aluno, uma forma de avaliação mais formativa.

Crêterios de Inclusão e Exclusão de Acordo com o CEP

Cr terio de Inclusão: Serão cr terios de inclusão dos partícipes, ser analfabeto ou somente assinar o nome e aceitar participar do ambiente de aprendizagem e ser maior de 21 anos de idade.

Cr terio de Exclusão: Serão cr terios de exclusão dos participantes nesse ambiente de aprendizagem, ter idade menor que 21 anos ser alfabetizado e letrado.

Assim, a amostragem intencional foi utilizada para a sele o dos participantes e estabelecidos os seguintes cr terios acima, pessoas não alfabetizadas da referida cidade ou de outras cidades, residentes na zona rural ou urbana, em que foi que concordaram em participar do ambiente de aprendizagem, após uma terceira pessoa realizar a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), em voz alta, para a assinatura desse documento. Concordando a pessoa não alfabetizada em participar do ambiente de aprendizagem, foi coletada no TCLE pelo pesquisador a sua assinatura ou a sua impressão digital.

Coleta de Dados

Houve a aplica o de um questionário verbal, contendo 30 perguntas com op o de respostas sim ou não e abertas, tendo em vista que os entrevistados são não alfabetizados, momento no qual o pesquisador fez a grava o de suas respostas, a qual foi transcrita para o documento Word.

Foi utilizado a ferramenta do Excel Planilhas para o cáculo dos dados do referido questionário.

Participaram no total 14 pessoas não alfabetizadas, cujo perfil   assim delineado: 57% de mulheres e 43 % do sexo masculino, sendo que a maioria (78%) tem entre 41 e 67 anos, 22% têm idades entre 67 e 75 anos. A aluna do curso de alfabetiza o mais nova tem 45 anos e o mais velho tem 75 anos, sendo uma média de 55,5 anos de idade desses aprendizes. Do total, 14% se autodeclararam pretos, 78% pardos e 7% brancos.

Em rela o ao estado civil, 35% são solteiros, 21% são vi vos e os demais (56%) são separados (desquitados ou divorciados). 79 % têm filhos, sendo em média um total de 02 filhos.

Todos residem na zona urbana e 28% pagam aluguel num valor médio de R\$ 400,00. 72%, têm casa própria. Sobre a empregabilidade, 60% são aposentados e

40% encontram-se empregados e ou realizando serviços em casa. Os que estão empregados e são beneficiários ganham em média um salário-mínimo vigente, no valor de R\$ 1.302,00.

Esta pesquisa foi realizada com observação dos princípios éticos para a pesquisa com seres humanos estabelecidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprovou as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012). Assim, os riscos mínimos e relacionados à exposição dos pesquisados durante o questionário aplicado oralmente pelo pesquisador, como por exemplo, constrangimentos em responder as perguntas e cansaço físico. Assim, tiveram oportunidade de responder ao questionário de forma oral, em horário pré-agendado com o pesquisador, que tomou todos os cuidados para minimizar os riscos.

4.2 CRITÉRIOS DE ANÁLISES DE DADOS: qualitativos e quantitativos

Utilizando o software MaxQDA 2020, um software apropriado para as análises qualitativas, foi feita a organização dos dados por meio dessa ferramenta que auxilia na organização, apresentação e interpretação dos dados, bem como nas análises.

Esse software “suporta arquivos de texto, áudio, vídeo, imagem, PDF e tabelas” e disponibiliza “ferramentas para realizar a transcrição e a análise de entrevistas, discursos e grupos focais”. Além disso, consiste em um “software desenvolvido por pesquisadores, para pesquisadores”. Com esse software o usuário pode importar arquivos de diferentes tipos com os dados para análises.

Para a análise qualitativa dos dados obtidos no questionário aplicado aos participantes na pesquisa de campo, oralmente, por meio de gravações pelo pesquisador. Posteriormente essas gravações foram digitalizadas para a produção dos dados, ou seja, as respostas às questões abertas passaram a integrar um documento Microsoft Word, o qual foi importado no MaxQda 2020.

As análises observaram as três etapas estabelecidas segundo Bardin (2016), a pré-análise, exploração do material e interpretação inferencial foram observadas neste estudo.

Na primeira fase, denominada pré-análise: foi feita a organização das informações coletadas. Na segunda etapa, denominada por Bardin (2016), por exploração do material, foi executada a leitura cuidadosa das respostas dadas oralmente pelos pesquisados, de modo a identificar as categorias temáticas que representassem esses conteúdos.

Essa leitura foi feita orientada pelos objetivos e referencial teórico desta pesquisa, emergindo dessa análise categorias temáticas que forneceram sínteses relativas às percepções dos participantes da pesquisa. Essas categorias identificadas foram cadastradas como códigos no MaxQDA 2020 e das respostas dos pesquisados foram retirados e alocados excertos identificados como pertinentes a cada um desses códigos.

Em seguida foram construídos gráficos da frequência desses excertos nos códigos, bem como da relação estabelecida entre esses códigos por meio do mapa de proximidade.

Nessa terceira etapa Interpretação inferencial, conforme Bardin (2016), foram realizadas as análises propriamente ditas. Para essa autora, é nessa fase que ocorre a reflexão mais aprofundada sobre os dados coletados, de modo a estabelecer inferências com base na interpretação desses dados à luz dos fundamentos teóricos.

Essas análises foram realizadas admitindo como relevante, o pesquisador conhecer a realidade estudada e agir com uma sensibilidade que possa auxiliá-lo na captação das diferenciadas nuances presentes nas respostas dos participantes do estudo observando Bardin (2016).

Para as análises de dados quantitativa foi utilizado a ferramenta Excel, na elaboração e cálculos dos dados e gráficos.

5 DO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM- RELATÓRIOS DOS REUNIÕES

As aulas do ambiente de aprendizagem foram iniciadas no dia 08 de janeiro de 2022, com a participação de 4 professores formados em pedagogia para proporcionar maior assistência aos alunos.

A previsão de duração do curso foi mantida, ou seja, por um período de 12 meses a depender da evolução da aprendizagem dos educandos, previsto de ser realizado em duas fases, com duração de um semestre cada uma.

O curso teve início na data de 08 de janeiro de 2022, em um dia de sábado, no período das 08h às 11h, quando foram realizadas três aulas com duração de 00:50, cada uma e um intervalo depois das duas primeiras aulas e antes da 3ª aula. Nesse primeiro encontro estavam presentes 09 participantes. O pesquisador professor contou com a participação 03 professores.

Utilizamos uma sala física, que possui excelente estrutura com cadeiras adequadas, ótima iluminação, 02 quadros brancos grandes, data show e 02 aparelhos de ar-condicionado, 03 janelas grandes, as quais ficaram abertas todo o tempo das aulas. Vale salientar que como estávamos ainda em período de cuidados em relação ao isolamento físico em razão da Covid-19, utilizamos o espaço admitido como um ambiente de aprendizagem, mantendo uma distância entre os alunos, segundo as normas sanitárias, com uso de máscaras, álcool gel para desinfecção das mãos e todos os participantes estavam devidamente vacinados em atendimento aos protocolos sanitários.

Denominei as reunião de 03 aulas de 00:50, do ambiente de aprendizagem de módulos, para facilitar o relatório das atividades.

Nesse primeiro dia ambiente, feitas as devidas apresentações, foi realizado com todos os presentes nas aulas, um alongamento de mãos e punho, sob a orientação de uma fisioterapeuta que ministrou os exercícios por 5 minutos, pois os aprendizes não estavam acostumados a escrever, buscando assim amenizar possíveis dores nas mãos.

A aula foi iniciada com atividade de escrita das primeiras letras por parte dos alunos, iniciando pelas vogais maiúsculas A, E, I, O, U, sendo escritas uma a uma letra no quadro pelo pesquisador professor e os alunos as escreveram em seus respectivos cadernos, repetindo cinco vezes.

Nessa aula foi escrito pelos professores as vogais maiúsculas. Logo após foi-lhes mostrado o som de cada uma das letras, pausadamente, para a assimilação do som de cada letra. Em foi pedido participassem dando exemplos de palavras que iniciavam com as vogais, ocasião na qual falaram as seguintes: amor, arroz, estudar, esforço, elefante, igreja, ideia, ovo, ouro, uva, umidade.

Em seguida, foi colocado aos alunos que as vogais podiam ser agrupadas duas a duas por exemplo. Nesse sentido, de acordo com o design proposto pelo pesquisador, os aprendizes precisavam compreender que poderiam colocar uma vogal, o sinal + (sinal de adição), e outra vogal, obtendo um agrupamento de duas vogais com um significado: E+U= EU; U+I= UI; I+A= IA; A+U= AU; A+I= AI; E+I= EI; O+I= OI.

Desta forma, que os resultados desses agrupamentos de 2 letras são palavras curtas com uma sílaba, mas que contêm um significado. Por exemplo: O+ i=OI ou ainda E+U=EU. Assim começaram a entender como as letras agrupadas podem originar sílabas e palavras como aquelas que tinham apresentado como exemplo: a palavra amor era resultado do agrupamento das letras: A + M + O + R = AMOR. Como já mencionado, como não conhecem a escrita e leitura, o design didático trabalhado pelo pesquisador, que utiliza a ideia matemática de adicionar (juntar) duas coisas, no caso duas letras, aproxima o que está sendo ensinado da realidade deles, na qual usam cotidianamente a matemática. Esse design metodológico quer passar para os aprendizes que essa soma das letras sempre precisa acontecer da esquerda para a direita e enfatizar E + U = EU. Para cada junção ou adição de letras foi realizado um exercício em que os alunos copiavam 05 vezes, em seus cadernos, aquele agrupamento de duas letras vogais e a palavra formada.

Além disso, nesta primeira aula, utilizando o data show, projetou-se um vídeo disponível no site www.criançasinteligentes.com.br. Após foi feita mais uma atividade em que fizeram agrupamentos de duas ou mais vogais maiúsculas, sendo comentado pelos alunos e professores outras possibilidades. Por exemplo: U+A+I =UAI, uma expressão conhecida na cultura de Minas Gerais.

Os alunos foram acompanhados bem de perto pelas professores em relação às dúvidas que apresentaram em vários momentos, acompanhando a escrita, as quais auxiliaram no que se fez necessário. Foi também dada uma atividade para que fizessem em casa, uma forma de praticar o que haviam aprendido e buscar compreensão mais ampla sobre as letras e palavras construídas nessa aula em uma

ação conjunta. Foi realizado o registro dos cadernos dos alunos por meio de fotos, a título de poder analisar a evolução dos alunos nos trabalhos realizados a cada aula.

Nessa primeira aula foi notado, pelos professores do ambiente de aprendizagem, que dois dos alunos estavam com maiores dificuldades na construção das letras sendo o aluno nº 03, de 67 anos e o nº 02 de 68 anos. O nº 02 com mais dificuldade de movimento, o mesmo foi atendido e acompanhado em todos os momentos. Vale salientar que nessa aula todos se mostraram muito dispostos a aprender sendo participativos, constatou-se que realmente são pessoas totalmente não alfabetizados. Embora alguns assinem o nome, não conhecem nem as vogais, desta forma, esse tipo de aula foi preparada para se envolverem e participarem do ambiente de aprendizagem. No final desse primeiro encontro foi proposta uma atividade para casa no caderno na mesma metodologia da aula para os alunos irem memorizando e praticando a escrita.

5.1 CONHECENDO E COMPREENDENDO AS CONSOANTES B E C: segundo e terceiro módulos

O segundo e terceiro encontros do ambiente de alfabetização ocorreram, nos dias 12 e 15 de janeiro de 2022, sábado, no mesmo horário, das 8h às 11h20, com um intervalo. Nesses dias foram registradas as presenças de 10 alunos e 04 professores.

Nessa reunião feita as devidas apresentações de um novo aluno, procedeu-se a sessão de alongamento e aquecimento das mãos, braços e punhos, sob a orientação da fisioterapeuta, prezando pelo bem-estar dos participantes. Nesse dia o tema foi a consoante B, iniciando pela escrita dessa letra pelos alunos. Essa consoante foi-lhes apresentada na forma maiúscula. Após escreverem e conhecerem sua forma, foi mostrado como essa letra pode ser agrupada às vogais, para a formação de sílabas e a reunião de sílabas origina as palavras que iniciam com B.

Desta forma. Utilizando o design metodológico em desenvolvimento, mostrando que ao agrupar (somar) a consoante B + a vogal A= formando a sílaba simples BA. Esses alunos escreveram em seus cadernos, primeiro a letra B sozinha e depois reunida com as vogais, repetindo 5 vezes para familiarizarem com a forma e

aspectos dessa letra agrupada com outras letras. Assim foi feito sucessivamente até o agrupamento da letra B e a vogal U: B+ U= BU.

Na sequência foram construídos outros agrupamentos (soma) da letra B com outras vogais formando sílabas e as sílabas agrupadas (somadas) da consoante com as vogais já estudadas formando as palavras: BA + BA= BABA; BE + BE = BEBE; BE + BI = BEBI, BI + BI = BIBI; BI + A = BIA; BI + U = BIU; BO + I = BOI; BO + I + E+ I= BOIEI; BU + A = BUA; BU + BA = BUBA. A ideia era passar sempre que a leitura pode ser feita de uma letra, de uma sílaba, de uma palavra, de uma frase, de um parágrafo, para se chegar à leitura de um texto. Esse agrupamento (soma) das letras sempre deve ser feito sempre da esquerda para a direita. Cada palavra dessas dadas como exemplo foi lida e repetida pelos alunos pausadamente e feito um exercício de fixação no caderno, com acompanhamento dos professores etapa por etapa.

Em seguida, projetou-se um vídeo com palavras iniciadas com a consoante B, com duração de 10 minutos. Depois pediu-se que os alunos dessem exemplos de palavras que começassem com a letra B e falaram: boi, bola de futebol, bota e boné.

Aos alunos foi solicitado que construíssem duas frases utilizando palavras formadas com a letra B. Foram construídas as frases: O BOI BABOU e A BIA BEBEU. Ainda foi distribuído, para cada aluno, um caça palavras e lápis de cores para que procurassem as vogais e marcassem uma vogal de cada cor, sendo vogal A de cor verde, E de cor vermelho, I de cor azul, O de amarelo e U de cor preta. Para que os alunos conseguissem compreender e assimilar os conhecimentos, foram construídas sílabas e palavras somente empregando as cinco vogais e a consoante B.

Ao final, foram passadas atividades para que os participantes realizassem em casa como complemento do que aprenderam em aula, as letras sílabas e palavras. Foi realizado o registro por meio de fotos dos cadernos dos alunos a fim de poder acompanhar a evolução dos trabalhos realizados.

No módulo 3, dia 22/02/2022, houve a sessão de alongamento e aquecimento das mãos, braços e punhos com os participantes, sob a orientação de uma fisioterapeuta no início da aula. O tema desse módulo foi a letra C, e a formação silábica dessa letra agrupada (Somada) com vogais, todas em forma maiúscula. Explicado detalhadamente aos alunos que ao somar (agrupar) a consoante C a vogal A formamos a sílaba CA, ou seja: C+ A= CA. Em seguida, os alunos escreveram em seus cadernos primeiro a letra C e depois essa sílaba CA e outras sílabas possíveis como: CO e CU, para compreenderem como é a escrita. Exemplo: C-C-C-C-C; C+ A=

CA; CA- CA- CA- CA; C+O= CO; CO-CO-CO-CO; C+U= CU; CU-CU-CU-CU-CU;
C+E= CE e C+I= CI.

Em seguida, solicitou-se aos alunos que dessem exemplos de palavras que começam com a letra C e eles disseram: casa, cama, copo, coca -cola, cadeira, cadeado. Nota-se que são palavras que eles já conhecem embora não saibam ler e escrever, mas são do cotidiano deles. Para que se desse a compreensão, optamos por utilizar a letra B e a letra C somadas (agrupadas) às vogais que já tinham aprendido com formação de sílabas que podem formar diferentes palavras. Assim, mostramos aos alfabetizando as seguintes somas (agrupamentos) possíveis:

CU+BA= CUBA

BO+CA=BOCA

CA+I=CAI

BE+CO=BECO

CA+I+U=CAIU

BI+CA=BICA

CA+I+O=CAIO

CA+BO= CABO

CA+BO=CABO

CO+U+BE= COUBE

CO+CO=COCO

Para ampliar a compreensão e aprendizagem foi-lhes solicitado que copiassem em seus cadernos essas palavras. E na sequência, trabalhou a letra somada (agrupada) com as vogais E e I, tem o seguinte resultado (=): C + E= CE e C+I= CI. De forma pausada, mostrando-lhes que há diferença fonética nessas sílabas, mesmo sendo da mesma família silábica, possuem um som diferente. Reforçou que para fazer a leitura das sílabas e palavras formadas sempre se realiza da esquerda para a direita.

Cada palavra foi lida e repetida pelos professores pausadamente explicando para eles que a compreensão é ampliada ao escreverem as sílabas e palavras para que possam fixar o conhecimento. Assim, todos os alunos fizeram em seus cadernos o registro, sendo acompanhados pelas professoras, etapa por etapa, sendo explicado tudo sobre as dúvidas que foram surgindo.

Na sequência, foi apresentado um vídeo abordando palavras iniciadas com a consoante C, com duração de 10 minutos. Após explicações sobre as dúvidas que apresentaram como: podemos agrupar essas letras de qualquer forma? Sim podem, desde que a palavra tenha sentido para vocês. Em seguida, foi mostrado exemplos de somas (agrupamentos) de sílabas formando palavras com as letras B e C combinadas com vogais e construção de frases: O BOI BEBE NA BICA; O CAIO BEBEU; O COCO CAIU.

Os alfabetizandos copiaram em seus cadernos as frases e foram entregues atividades impressas envolvendo sílabas e palavras envolvendo a letra B e C para os alunos realizarem em casa, de maneira a ampliar a compreensão do que foi estudado nas aulas. Foi recolhido o material do módulo anterior foi recolhido e avaliado, no que tange ao desenvolvimento da coordenação motora e o desenvolvimento da escrita por esses alunos.

Observou-se que, por vezes, as atividades do módulo terminavam antes do horário previsto, a equipe de professores decidiu por sondar os conhecimentos dos alfabetizandos em relação aos números. Notou-se que quase todos os alunos praticamente conheciam os números e o valor das notas de dinheiro, sabiam olhar as horas no relógio analógico e digital e somar unidades com menos de 2 dígitos, mas não conheciam unidades numéricas como dezena, centena e milhar. Sabem também fazer operações (contas) de adição somando pequenos números mentalmente, mas não sabem subtrair, dividir e nem multiplicar e não entendiam o que é uma dezena por exemplo. Assim, iniciou-se mostrando-lhes os números naturais de 0 a 9: 0-1-2-3-4-5-6-7-8-9, oralmente e por escrito no quadro para que copiassem em seus cadernos. Na sequência foi feita uma explanação no quadro explicando-lhes o que é uma dezena.

Foi feito o registro dessas atividades por meio de fotos, para a comprovação da evolução dos trabalhos realizados. O que foi percebido nesse módulo é que os alunos mostraram gostar mais das aulas em que foram realizadas atividades envolvendo vídeos, cantiga das letras, fotos etc.

5.2 ESTUDO DAS LETRAS D, F E G: quarto e quinto módulos

O quarto e quinto módulos do ambiente de aprendizagem foram realizados nos dias 29 de janeiro e 05 de fevereiro de 2022, respectivamente, sábado, no horário das 8h às 11h20min, com intervalo para lanche e conversas entre os alfabetizandos. Contou com a presença de 08 alunos e 03 professores.

No início, ocorreu o momento de alongamento e aquecimento das mãos, braços e punhos. Em seguida, deu-se início, com foco no estudo detalhado da consoante D. Seguindo o mesmo design em desenvolvimento, após apresentar-lhes a letra D na

forma maiúscula e eles copiarem em seus cadernos, deu-se sequência explicando-lhes que ao somarem (agruparem) a letra D com vogais, formariam as sílabas simples: D+A =DA; D+E= DE; D+I= DI; D+O= DO e D+U= DU.

Pediu-lhes que dessem exemplos de palavras que conhecem e que começam com a letra D, quando falaram: Dedo, Dói, Duro, Dinheiro, Doce. Após copiaram em seus cadernos, o que havia sido explicado: D+A= DA; DA-DA-DA-DA-DA; D+E= DE; DE-DE-DE-DE-DE; D+I= DI DI-DI-DI-DI-DI; D+O= DO DO-DO-DO-DO; D+U=DU-DU-DU.

Na sequência foram realizadas somas (agrupamentos) das consoantes B, C e D com as vogais A, E, I, O e U, formando palavras, como por exemplo:

DA+DA= DADA

DE+DE= DEDE

DI+DI=DIDI

DU+DU=DUDU

DA+DO=DADO

DE+DO=DEDO

DI+CA=DICA

Com essas palavras foram formadas frases: O DEDO DÓI; O DOCE CAIU; O BODE É DO DUDU, A BOCA DO CACA DÓI e O BICO DO CACO CAIU, reforçando que a leitura se dá sempre da esquerda para a direita. Cada palavra formada ou frase construída foi lida e repetida pausadamente, bem como envolvidas em exercícios de fixação nos cadernos dos alfabetizando, com acompanhamento dos professores.

Nessa data não conseguiu-se apresentar um vídeo em razão de problemas de acesso à internet no computador ligado ao aparelho data show. Foram passadas atividades para os alunos realizarem em suas casas envolvendo a letra D, de maneira a ampliar a compreensão sobre o que estudaram em relação à letra, sílabas e palavras construídas nesta data.

Vale salientar que até essa data totalizou-se 4 módulos e já se percebia uma leve melhoria na escrita dos alunos e no desenvolvimento em relação à compreensão de como se dá o agrupamento das letras, com exceção do aluno 02 que ainda mostrava dificuldades na construção das letras, dificuldades de coordenação motora, o que demandou um trabalho mais próximo a ele, que mostrava um lento avanço na escrita das letras.

Como ainda havia tempo, na sequência foi apresentado mais noções sobre a alfabetização matemática, retomando os números de 0 a 9 e apresentando-lhes no quadro como se dava o registro horizontal de algumas somas básicas Ex. $1+1=2$; $2+1=3$; $3+1=4$ e, assim, sucessivamente. Foi também mostrado aos alunos, como pode ser realizada uma adição com registro na forma vertical, o que posteriormente facilita resolver operações com números maiores. O intuito era trabalhar somente até dezenas. Os alunos participaram da aula, copiaram os registros em seus cadernos, dos quais foi feito o registro por meio de fotos a título de acompanhar a evolução dos trabalhos realizados.

No quinto módulo do ambiente de aprendizagem, foram estudadas as consoantes F e G. Após apresentar-lhes a letra F, na forma maiúscula: F-F- F-F- F-F- F-F- F-F- F-F- F-F- F-F, os alfabetizandos copiaram em seus cadernos. Na sequência, foi anotado no quadro e utilizando o design em desenvolvimento, mostrou-lhes que, ao somarem (agruparem) a consoante F utilizando o sinal + e uma vogal formariam as sílabas simples: $F+A=FA$; $F+E=FE$; $F+I=FI$; $F+O=FO$ e $F+U=FU$.

Feito isso, solicitou que dessem exemplos de palavras que conheciam e que começassem com a letra F, quando falaram: Faca, Fila, Feio, Fácil, Fé. Para que se familiarizassem com a escrita, foi pedido que copiassem em seus cadernos essa formação de sílabas escritas no quadro:

$F+A=FA$ FA-FA-FA-FA-FA;

$F+E=FE$ FE-FE-FE-FE-FE;

$F+I=FI$ FI-FI-FI-FI-FI-FI;

$F+O=FO$ FO-FO-FO-FO-FO-FO;

$F+U=FU$ FU-FU-FU-FU-FU

Na sequência, retomando o que já haviam aprendido, foram realizadas somas (agrupamentos) das consoantes B, C, D e F com as vogais A, E, I, O e U, formando palavras, como por exemplo:

$FA+FA=FAFA$

$FI+FI=FIFI$

$FO+FO=FOFO$

$FU+BA=FUBA$

$FA+DA=FADA$

$FE+I+O=FEIO$

5.3 ESTUDO DA LETRA H E J: sexto e sétimo módulos

O sexto e sétimo módulos do ambiente de aprendizagem, foram realizados nos dias 12 e 19 de fevereiro de 2022, sábado, das 8h às 11h20min, com intervalo para lanche e conversas entre os alfabetizandos e professores. Contou-se com a presença de 10 alunos e 03 professores. Nesse momento, observou-se que o aluno 08 já somava 3 faltas, aluna 07 teve 2 faltas e 01 uma falta, compareceu depois e faltou nesta aula novamente.

Após, um momento inicial de alongamento e aquecimento das mãos, braços e punhos pela fisioterapeuta, foi iniciada a aula do módulo 6 que tinha como propósito a construção sequencial da consoante H. Foi trabalhada essa consoante na formação das sílabas simples, com base no método em desenvolvimento, em que os alunos somaram (agruparam) a consoante H com as vogais A, E, I, O e U. O foco foi no uso da letra consoante H no início das frases sempre acompanhada de uma vogal, não alterando o som da vogal na pronúncia.

A construção das palavras foi sendo realizada sempre utilizando o design em curso, em que os alunos utilizavam sempre o sinal de + e o =, a fim de compreenderem que o agrupamento de letras poderia formar sílabas e palavras. Assim foi mostrado no quadro para eles a escrita do H em letra maiúscula com realização de exercício no caderno H-H-H-H-H-H-H-H-H-H, sendo acompanhados a todos os momentos. Na sequência mostrou-se que poderiam realizar as somas (agrupamentos) possíveis com as vogais:

H+A= HA HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HÁ;

H+E= HE HE-HE-HE-HE-HE-HE-HE-HE-HE-HE-HE

H+I= HI HI-HI-HI-HI-HI-HI-HI-HI-HI-HI-HI

H+O= HO HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO-HO

H+U=HU HU-HU-HU-HU-HU-HU-HU-HU-HU-HU

Continuando, pediu-se que apresentassem exemplos de palavras que conheciam e que começassem com a letra H, quando falaram: Homem, Heleno, herança, honra. Foi projetado um vídeo no Datashow com palavras e imagens iniciados com a consoante H e as sílabas simples formadas, tornando o momento mais lúdico e trabalhando também a relação entre as letras, sílabas, palavras e imagens.

Realizou-se uma dinâmica de grupo, tipo teatral, com folhas de papel a 4, onde cada aluno escreveu com pincel atômico todas as letras estudadas até o momento: A, E, I, O, U, B, C, D, F, G e H. Nessa dinâmica, os alunos se envolveram bastante, o que mostrou que foi um exercício de construção das sílabas e das palavras. Assim, os alunos, com as letras que haviam confeccionado, montaram as palavras se posicionando na parte da frente da sala, onde cada um foi mostrando uma letra. Foram formadas as palavras: AI, UI, OI, EI, IA, UAI, BOI, BEBE, BEBEU, BOBO, BOBA, BEBADO, BEBI, BEBIDA, BOCA, BIFE, BABA, CAFÉ, CAIU, CAIO, DEDO, DEDE, DUDA, DOI, DIDI, FEIO, FOCA, FOICE, FUBÁ, FUGA, FOFO, FOFA, FEIA, FOI, GAGO, GAGA, GUGA, FOCO e algumas outras.

Foi projetado um vídeo com a Letra H e algumas imagens de objetos cujo nome iniciava com a letra H. Foi passada uma atividade para casa envolvendo todas as vogais e consoantes aprendidas até aquele módulo. Foram exercícios semelhantes aos realizados em sala de aula para fixação e memorização e melhoria na construção da escrita. O que foi observado é que a escrita dos alunos estavam evoluindo a cada aula.

Terminada essa atividade de participação e interação dos alunos, percebeu que havia tempo ainda e retomou-se a alfabetização matemática, novamente tratando do conceito de dezena. Fizeram um exercício para lembrar e continuou em praticar a soma dos números utilizando números acima de 10.

Trabalhou mais um pouco o conceito de dezena e adição de pequenos números com alinhamento vertical. Ao tratar o conceito da soma de dezenas com números pequenos, usou-se como exemplo fazer a soma de: valores de dinheiro como notas de 2,00, 5,00, 10,00 e 20,00, usando imitação de notas que fora levado como material. Assim puderam, em atividade prática exercitar a soma desses valores para se chegar ao valor de 2 dezenas, por exemplo.

No módulo7 retomou-se a consoante H e evoluiu para o estudo da consoante J, com utilização do design metodológico, em que associa o agrupamento de letras à soma obtendo um resultado, a sílaba e, somando (agrupando) as sílabas, resulta em palavras. Foi realizado no quadro a escrita da letra J em forma maiúscula mostrando-lhes a fonética.

Solicitou-se que os alfabetizandos escrevessem em seus cadernos, de forma lenta e gradual, e acompanhado um a um em seus lugares, dando a devida atenção necessária, já que contávamos com 3 professores para 10 alunos nesse módulo.

Assim foi mostrado no quadro como proceder a escrita do J em letra maiúscula, solicitando que realizassem no caderno a cópia da referida consoante: J-J-J-J-J-J-J-J-J-J-J.

Invertendo a ordem, nesse momento da aula projetou um vídeo no Datashow com palavras e imagens de objetos iniciados com a consoante J, o que lhes despertou interesse e atenção por se tratar de recursos mais chamativos que o quadro. Na sequência mostrou-se que poderiam realizar as somas (agrupamentos) possíveis da letra J com todas as vogais, resultando:

J+A= JA -J-A -JA -JA -JA -JA

J+E= JE- JE-JE-JE-JE-JE

J+I= JI JI-JI-JI-JI-JI

J+O= JO JO-JO-JO-JO-JO

J+U= JU JU-JU-JU-JU-JU

Após copiarem essas construções silábicas da letra J em seus cadernos, mostrou-se as possibilidades de agrupamento de sílabas já estudadas, até aquele momento, compostas pelas seguintes consoantes e vogais: A, E, I, O, U, B, C, D, F, G, H e o J, de maneira a formar outras palavras, ampliando assim, o vocabulário deles.

A construção das palavras foi sendo feita sempre utilizando o design, em que os alunos utilizavam sempre o sinal de + (agrupamento) e o = (resultado do agrupamento), a fim de compreenderem que o agrupamento de letras poderia formar sílabas e de sílabas formar palavras. Foram construídas as seguintes palavras: JO+CA= JOCA, JU+CA=JUCA, JE+CA=JECA, JE+GUE=JEGUE, JA+CA= JACA, JU+JU+BA= JUJUBA, as quais os alunos copiaram em seus cadernos, complementando um rol de conteúdos estudados nas aulas, juntamente com atividades realizadas em casa.

Nessa aula, os alunos foram levados para conhecerem uma biblioteca de um Instituto de Educação da cidade, salientando lhes a importância da leitura no processo de alfabetização e da construção do conhecimento. A partir das palavras formadas, trabalhou-se no quadro que tinha nessa biblioteca, a construção de algumas frases como: O JECA CAIU. O JOCA BEBEU AGUA E CAFÉ. O CAFÉ E O CAJU. A JIBÓIA É FEIA. EU BEBI CAFÉ E ÁGUA HOJE CEDO. O DEDO DO CAIO É FEIO. Vale registrar que até esse momento, os respectivos alunos mostravam progresso no aprendizado do que estava sendo construído, bem como de parte escrita em seus cadernos, ainda da participação nas aulas, mostrando estarem com um pouco mais

de autonomia, todos estavam realizando as atividades propostas para casa, com a escrita evoluindo a cada dia.

5.4 ESTUDO DA LETRA L e LETRA M: oitavo módulo

O oitavo módulo do ambiente de aprendizagem, foi realizado no dia 26 de fevereiro de 2022, sábado, das 8h às 11h20min, quando contaram novamente como momento de interação entre os alfabetizandos e professores. Contou com a presença de 10 alunos, a aluna 01, faltou novamente, o que indicou que provavelmente não iria continuar e a aluna 10, avisou que não iria mais participar alegando problemas de saúde. Houve também a participação de 03 professores nessa data.

No início, com auxílio da fisioterapeuta, os alfabetizandos fizeram alongamento e aquecimento das mãos, braços e punhos, o que os auxiliava no desempenho da escrita. Foram estudadas as consoantes L e M, com utilização do design em desenvolvimento. Assim, primeiro foi mostrado, no quadro, como se escreve a letra L, em forma maiúscula, solicitando-lhes que realizassem no caderno a cópia da referida consoante: L-L-L-L-L-L-L-L-L-L, mostrando-lhes a fonética e a escrita. Foram sempre acompanhados pelos professores podendo apresentar suas dúvidas que eram prontamente esclarecidas.

Na sequência, foi projetado um vídeo no Datashow com palavras e imagens de objetos iniciados com a consoante L, um recurso mais chamativo que o quadro, o que tornava as aulas mais interessantes para eles ao poderem conhecer associações entre a palavra escrita e imagens de objetos cujos nomes iniciavam com a letra L.

Seguindo no design, no quadro foi mostrado e escrito a eles que as somas (agrupamentos), da consoante L com as vogais, formam sílabas e palavras:

L+A= LA LA-LA-LA-LA-LA-LA-LA-LA-LA

L+E= LE LE-LE-LE-LE-LE-LE-LE-LE-LE

L+I= LI LI-LI-LI-LI-LI-LI-LI-LI-LI-LI

L+O= LO LO-LO-LO-LO-LO-LO-LO-LO-LO

L+U= LU LU-LU-LU-LU-LU-LU-LU-LU-LU

Foi pedido aos alfabetizandos que escrevessem em seus cadernos essas sílabas formadas. Foram acompanhados com a atenção necessária.

Após essas construções silábicas da letra L, copiadas em seus cadernos, foi colocado no quadro algumas possibilidades de somas (agrupamentos) de letras já estudadas com o decorrer dos módulos: A, E, I, O, U, B, C, D, F, G, H, J e L para a formação de sílabas e palavras.

Essa construção foi feita sempre seguindo a mesma linha adotada em que os alunos utilizavam sempre o sinal de + (agrupamento) e o = (resultado do agrupamento), a fim de compreenderem que o agrupamento de letras poderia formar sílabas e de sílabas formar palavras. Na ocasião foram formadas as seguintes palavras: LELE, LILI, LOLO, LULU, LALA, LOUCA, LEIGO, e ainda outras como: BELO, BELA, BOLA, LULA, LEIA, LOBA, LOBO, LOUCA, LOUCO, LOLA, LUCIO, LUCIA, LIA, LUA.

Devido ao progresso e a evolução nas aulas, foi possível ainda nesse módulo conhecerem e estudarem a letra M, prosseguindo da mesma forma, iniciando com a escrita, em forma maiúscula: M-M-M-M-M-M-M-M-M-M. Continuando, os alunos já compreendiam que ao somar (agrupar) a letra M com a vogal A resultava em M+A= MA MA-MA-MA-MA-MA-MA-MA e assim sucessivamente com as outras vogais: M+E= ME ME-ME-ME-ME; M+I= MI MI-MI-MI-MI-MI; M+O= MO-MO-MO-MO-MO; M+U= MU MU-MU-MU.

Além disso, foi projetado um vídeo no Datashow abordando construções de sílabas com a consoante M, contendo palavras e imagens de objetos com nomes iniciados com M. Foi também feita a repetição fonética a título de memorização dos alunos do som dessa letra. Até esse momento, os respectivos alunos estavam evoluindo bem e contava-se com presença constante de 10 alunos, outro ponto importante é que já haviam se acostumado a realizar as atividades propostas para fazerem em casa.

5.5 ESTUDO DAS CONSOANTES N E P: nono e décimo módulos

O nono e décimos módulos, foram realizados nos dias 05 e 12 de março de 2022, respectivamente, sábado, das 8h às 11h20min, com um intervalo para a interação entre os alfabetizados e professores. 10 alunos estiveram presentes no módulo 9, com 2 professores.

Já no módulo 10 estavam presentes 07 alunos, com 3 professores.

Após momento de alongamento e aquecimento das mãos, braços e punhos, iniciou-se a aula com o estudo e compreensão da consoante N. Foi projetado um vídeo no Datashow, contendo palavras iniciadas com N e imagens cujos nomes eram iniciados com a consoante N. Em seguida foi o momento de escrever no quadro essa consoante seguindo os mesmos passos: N-N-N-N-N-N-N-N-N-N-N-N-N-N-N-N, quando os alfabetizandos efetuavam a cópia para ampliar a compreensão tanto da escrita quanto do significado daquela letra na formação de palavras ao serem associadas às vogais.

Assim, reforçando que essa construção poderia sempre ser realizada utilizando o design em curso, em que utilizavam o sinal de + (agrupamento) e o = (resultado do agrupamento), a fim de compreenderem que a soma (agrupamento) de letras formaria sílabas, por exemplo:

N+A= NA NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA
 N+E= NE NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE
 N+I= NI NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI
 N+O= NO NO-NO-NO-NO-NO-NO=NO=NO
 N+U= NU NU-NU-NU-NU-NU-NU-NU-NU
 NA-NE-NI-NO-NU.

Além disso, essa forma auxilia na compreensão de que, a partir das sílabas, ao somarem (agruparem) uma ou mais sílabas terem como resultado uma palavra. Assim, foi mostrado que poderiam praticar a escrita formando palavras e frases usando o M e as demais letras já estudadas sendo: A, E, I, O, U, B, C, D, F, G, H, J, L e M. As palavras formadas foram: NUCA, CANELA, MENINO, BANANA, BONÉ, ALUNO E ALUNA e, as frases formadas foram: O NOME DA MENINA É BIA; O BONÉ É DO ALUNO.

Ao final foi proposta uma atividade para casa envolvendo as letras L e M e exercícios para a fixação dos conhecimentos construídos. Percebeu-se que os alunos tiveram certa dificuldade para construir frases com mais palavras e decidiu-se por praticar primeiro as palavras isoladas e trabalhar as mesmas dentro das frases mais no futuro quando avançássemos no alfabeto.

O tema do módulo 10 foi a construção e compreensão da consoante P, abordada em um vídeo no Datashow que continha palavras iniciadas com P e imagens cujos nomes eram iniciados com essa letra. Após o vídeo, foi passado no quadro a

consoante P da seguinte forma: P-P-P-P-P- P-P-P-P-P e os alfabetizandos copiaram em seus cadernos para contribuir com a compreensão da escrita e do significado dessa letra na formação de palavras. Assim, reforçando a construção do conhecimento sobre essa letra P, foi mostrado que poderiam sempre utilizar o design já citado, em que somam (agrupam) utilizando o sinal + entre a letra P e uma vogal obtendo, como resultado desse agrupamento, uma sílaba:

P+A= PA PA-PA-PA-PA-PA-PA-PA-PAPA-PA-PA-PA

P+E= PE PE-PE-PE-PE-PE-PE-PE-PE-PE-PE-PE-

P+I= PI PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI-PI

P+O= PO PO-PO-PO-PO-PO-PO-PO-PO-PO-PO-PO-PO

P+U= PU PU-PU-PU-PU-PU-PU-PU-PU-PU-PU-PU-PU

PA-PE-PI-PO-PU

Além disso, a partir das sílabas, possibilita somarem (agruparem), uma ou mais sílabas, obtendo como resultado uma palavra. Assim, poderiam formar palavras e frases usando a letra P e as demais letras já estudadas até aquele momento: A, E, I, O, U, B, C, D, F, G, H, J, L, M e P. As palavras formadas foram: PE+NA= PENA, PE+PI+NO= PEPINO, PA+PO=PAPO, PO+DA= PODA, PO+DE=PODE, PI+PO+CA= PIPOCA, PU+LE+I= PULEI, PU+LO+U= PULOU, PU+LA= PULA.

Nessa data, foi feita uma análise dos cadernos dos alunos, percebendo que os alfabetizandos estavam com certa dificuldade de manter espaços entre as letras na formação das sílabas e espaços entre as palavras em pequenas frases trabalhadas.

Outro ponto que foi desenvolvido com eles nesse módulo foi a questão dos espaços verticais entre as linhas que separam as palavras, mostrando-lhes que as sílabas têm que ser escritas agrupando as letras sem espaços entre elas, por exemplo: PO, CA, NA. Da mesma forma, foi mostrado que entre as palavras de uma frase deve haver espaçamento, como exemplo: O BOI PODE PULAR. Percebeu-se a necessidade de trabalhar com mais constância essa questão dos espaços nas aulas futuras. Entretanto, nessa aula não foi trabalhada a construção de frases, mas, foi passada uma atividade para casa com as letras estudadas.

5.6 RETOMADAS E ESTUDO DAS CONSOANTES Q, R, S: módulos 11, 12, 13 e 14

Nas mesmas condições dos módulos anteriores, o décimo primeiro módulo foi realizado no dia 19 de março de 2022, o décimo segundo módulo, no dia 26 de março de 2022, o décimo terceiro módulo, no dia 02 de abril de 2022 e o décimo quarto módulo, no dia 09 de abril de 2022, todos no sábado, das 8h às 11h20min, com um intervalo de 10 minutos. Nesses encontros estavam presentes 10 alunos com 03 professores.

O módulo 11 foi iniciado com uma retomada das aulas anteriores, não trazendo uma nova consoante que não conheciam. Realizou-se uma atividade lúdica em forma teatral, na qual cada aluno escreveu as letras estudadas até o momento desse módulo sendo: as vogais e as consoantes de B até a letra P. Cada aluno escreveu todas as letras em uma folha A4, em tamanho grande, usando o pincel atômico colorido e foram escrevendo no quadro as palavras. Os alunos iam na frente com essa folha nas mãos mostrando para os demais de maneira organizada formando as palavras que foram registradas.

Construiu-se várias palavras, iniciando com a letra A e na volta para a cadeira, cada aluno colocava as letras em ordem alfabética exercitando e assimilando as letras. As palavras formadas pelos alunos foram utilizadas com a participação deles, para formar pequenas frases, constituindo-se em uma atividade em que houve participação dos alunos, desenvolvimento da autonomia, colaboração e interação.

Como de costume, em seguida foi realizado um momento de alongamento de mãos e braços, com o acompanhamento uma fisioterapeuta passando os movimentos a todos durante cerca de 5 minutos na busca de melhorar os movimentos de punhos dos alunos. Em continuidade, os alunos participaram da formação de outras palavras, com uma ou mais sílabas, escritas no quadro. As palavras formadas foram: AI, IA, OI, UAI, EU, EU, EIA, BOI, BIA, BUA, BAU, UBA, LAGO, LAGOA, BEBO, BOLA, BOM, BEBE, BEBEU, BEBIDA, BULE, BEBI, BEBO, BOLA, BALA, BELO, BOLO, BOBA, BEBI, BEBADO, LOJA, LOGO, JOGO, JOGOU, GOL. Formaram também algumas pequenas frases, sendo: EU BEBO, O DIA BOM, BOM DIA, A BOLA, A GOLA, O BOLO É BELO.

com o R, como: RALO, RABO, RAMO, RAMBO, RARA, RARO, RARIDADE, RAQUEL RAPIDO, REGINA, REI, REGUA, REMO, REMÉDIO, REBOCO, RECIBO, RIO, RICO, RIMA, RIPA, RIM, RIGOR, RICARDO. Finalizou o estudo da letra R com um vídeo no Datashow, com palavras e imagens de objetos cujos nomes são iniciados com a consoante R, oportunizando esses alunos conhecerem outras palavras e nomes de objetos iniciados com essa letra.

O estudo da consoante S se deu no módulo 14, nos mesmos moldes, sendo primeiro a escrita da letra sozinha: S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S-S e depois agrupada a vogais formando as sílabas: S+A=AS; S+E=SE; S+I=SI; S+O=SO e S+U=SU. Os alfabetizandos copiaram essas construções silábicas em seus cadernos. Em seguida, no quadro, com sugestão dos alunos foram formadas palavras com a consoante S: SAL, SAUDE, SAUDADE, SALSA, SECO, SEDA, SECA, SEBO, SECO, SECA, SELA, SIRIO, SIM, SIRIM, SILO, SINO, SAPATO, SIGA, SILABA, SONO, SONIA, SOUZA, SOPA, SODA, SUCO, SUCURI, SUBIR, SOL, SULA, SUJO.

Houve também o momento do vídeo no Datashow, com palavras e imagens de objetos cujos nomes são iniciados com a consoante S. Foram passadas atividades que poderiam fazer no para casa, para a fixação do que apreenderam nessas aulas.

5.7 ESTUDO DAS CONSOANTES T, V, X e Z: módulos 15, 16, 17 e 18

Como nos módulos anteriores, no ambiente de aprendizagem, foram realizados os módulos 15, 16, 17 e 18, nos dias 16, 23 e 30 de abril de 2022 e 07 de maio de 2022, todos no sábado, das 8h às 11h20min, contando com um intervalo de 10 minutos para a interação dos alunos e professores. Nesses encontros estavam presentes 10 alunos e 3 professores.

Em todos os módulos, após a sessão de alongamento, foram estudadas consoantes que formam sílabas se agrupadas às vogais. No módulo 15, foi a construção da consoante T, partindo de como é escrita em forma maiúscula: T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T-T. Após copiarem em seus cadernos foi mostrado que ao somar (agrupar), a letra T com as vogais obteriam as seguintes sílabas: T+A= TA; T+E= TE; T+I= TI; T+O= TO; T+U= TU, TA-TE-TI-TO-TU, as quais copiaram em seus cadernos. Solicitado que dessem sugestões de palavras iniciadas com a letra T, apresentaram:

Tatu, Tarzan, Tábua, Time, Tijolo. Na construção de palavras no quadro foi colocado pelos professores as seguintes: TATA, TATI, TATU, TUTU, TIA, TEU, TEO, TIO, TETE, TETO, TEMA, TELA, TEIU, TITO, TIME, TUCA, TOCA, TOCO, TUA, TUCA. TUBARÃO, TIGRE, TUTU, TUDO, TODO. Foi projetado um vídeo no Datashow com palavras e imagens de objetos cujos nomes são iniciados com a consoante T, com duração de 20 minutos.

Foi trabalhado nesse módulo 15 a adição matemática ainda na casa das dezenas aumentando um pouco o grau de dificuldade e praticada em alguns exercícios no quadro e no caderno. Para casa foi proposta atividade com a letras T, nos mesmos moldes das aulas para que os discentes praticassem a escrita e a pronúncia das letras, sílabas e palavras, o que seria recolhido na próxima aula. Os alunos estavam se mostrando cada vez mais animados com os estudos e a compreensão nesse processo de alfabetização.

O módulo 16 envolveu o estudo da consoante V, iniciando com a escrita dessa letra em forma maiúscula: V-V-V-V-V-V-V-V-V-V-V. Após copiarem em seus cadernos essa escrita da letra V, utilizando o mesmo procedimento, ao somarem (agruparem), a letra V (+) uma vogal formariam (=) as seguintes sílabas: V+A= VA; V+E= VE; V+I= VI; V+O= VO; V+U= VU e VA-VE-VI-VO-VU, onde copiaram em seus respectivos cadernos. Foi pedido a eles sugestões para a formação de palavras iniciadas com a letra V, apresentaram: VACA, VACINA, VENTO, VIOLÃO, VIDA, VENCER, VIVO, VIVA, VOVÓ, VOVÔ, VULCÃO, VULTO, VOLANTE, VÔLEI, VONTADE, VIAJAR, VIVER. Para o estudo de letra V, também foi projetado um vídeo no Datashow com palavras e imagens de objetos cujos nomes eram iniciados com a consoante V, com duração de 10 minutos.

Ainda nesse módulo 16 foi trabalhado o conceito do acento “Til” nas palavras terminadas com “ão”. Foi esclarecido pausadamente sobre esse acento e usado como exemplos palavras escritas no quadro: Vão, Viverão, Violão, Vulcão. Foi também realizada uma atividade de completar as frases com as figuras faltando as letras para os alunos completarem, usando o material impresso em folhas A4, tipo palavras cruzadas. Foram realizadas 4 atividades pequenas de maneira lenta e gradual pelos alunos que se apresentaram um pouco de dificuldades com as sílabas diferentes das trabalhadas anteriormente.

O estudo das consoantes X e Z foi realizado no módulo 17 nos mesmos moldes dos módulos anteriores no ambiente de aprendizagem. Primeiro um exercício no

5.8 ESTUDO DAS SÍLABAS COMPLEXAS INICIADAS COM CONSOANTES, B, C, D, E, F e N: módulos 19, 20, 21 e 22

A partir desse momento, no ambiente de aprendizagem, terminado o estudo das vogais e consoantes, formação de sílabas, palavras e frases, entende-se necessário dar continuidade com abordagens complementares em relação às sílabas complexas, na língua portuguesa, formadas por três letras. Assim, nos dias 7, 14, 21 e 28 de maio de 2022, ocorreram respectivamente os módulos 19, 20, 21 e 22, nas mesmas condições, sendo, todos aos sábados, das 8h às 11h20min, contando com um intervalo de 10 minutos para a interação dos alunos e professores.

O módulo 19 contou com as presenças de 08 alunos e 3 professores. O tema foi “sílabas complexas compostas por 3 letras”, iniciadas com a consoante B e tendo as consoantes R e L em seguida uma das vogais.

Assim, mostrado no quadro que poderiam continuar a utilizarem o método em que somariam (agrupariam), utilizando o sinal + entre a letra B, a consoante L e uma vogal obtendo, como resultado desse agrupamento, as sílabas complexas: B+R+A= BRA; B+R+E= BRE; B+R+I= BRI; B+R+O= BRO; B+R+U= BRU. Continuou-se apresentando-lhes que, com a consoante B somada (agrupada) a consoante L e somada (agrupada) a uma vogal obteriam como resultado, as sílabas complexas: B+L+A= BLA; B+L+E= BLE; B+L+I= BLI; B+L+O= BLO; B+L+U= BLU. Após compreender essas construções a partir das explicações, os alunos copiaram em seus cadernos, de maneira a desenvolver a escrita do que estava sendo estudado no momento.

Na continuidade foi feita com a participação dos alunos a construção de palavras com as consoantes e sílabas complexas: BRINQUEDO, BRINCOS, BRIGADEIRO, BRUXA, BRUNA, BRUTUS, NUBLADO, DRIBLAR, DUBLADO, DUBLE, BLINDADO, PABLO, BLOCOS, BIBLIA, BIBLIOTECA, BLUMENAU, NEBLINA, BROCOLIS, BROMELIA, BREJO, BRECHÓ E BRETÃO. Foi projetado um vídeo, com duração de uns 15 minutos, no Datashow com palavras e imagens de objetos com nomes envolvendo as sílabas estudadas.

Foi passada uma atividade para casa, em material impresso, abordando as sílabas estudadas, nos mesmos moldes das aulas, para praticarem a escrita das letras, sílabas e palavras, a qual foi recolhida na próxima aula. Notou-se uma evolução

considerável dos alunos na aprendizagem do alfabeto, porém, observou-se uma dificuldade na fonética das sílabas complexas quando se usa a consoante L, o que está demandando um trabalho mais aprofundado para amenizar essa dificuldade.

Todo a produção está sendo registrada por meio de fotos e acompanhada nos cadernos e atividades propostas para casa são impressas e recolhidas todas as semanas.

No módulo 20 tivemos a presença de 10 alunos e 3 professores. Iniciou-se a construção das sílabas com três letras iniciadas com a consoante C, seguida das consoantes R ou L e de uma das vogais. Dando sequência no design utilizado e somariam (agrupariam) a consoante C utilizando o sinal + entre a letra C, a consoante L e uma vogal obtendo, como resultado desse agrupamento, as sílabas complexas: CLA, CLE, CLI, CLO e CLU e usando a consoante C somada (agrupada) a consoante R seguida de uma vogal obtendo o seguinte resultado: C+R+A= CRA, C+R+E= CRE, C+R+I= CRI, C+R+I= CRI e C+R+U= CRU. A partir das explicações, após compreender, os alunos copiaram em seus cadernos essas construções.

Na continuidade, foi feita com a participação dos alunos a construção de palavras iniciadas por consoantes, contendo sílabas complexas com a consoante R: CRAQUE, CRASE, CRATO, CRAVADO, LACRADO, ENCRAVADO, CRER, CREIO, CREDO, CREME, RECREIO, CRENTE, CRIA, CRISE, CRIAR, CRIME, CRISMA, CRISTO, CROCHE, CROSTA, CRU, CRUZEIRO, CRUZAR, CRUZ, havendo o propósito de colocar a sílaba complexa no início, no meio e no fim das palavras.

As palavras construídas, iniciadas por consoantes, contendo sílabas complexas com a consoante L: CLASSE, CLAUDIO, CLAVA, PROCLAMAVA, CLAMAR, CLEZIO, CLEIDE, CLEUZA, CLEMENCIA, CLIMA, CLODOVIL, CLUBE, INCLUIR. Foi passado uma atividade para casa, em material impresso, abordando as sílabas estudadas, nos mesmos moldes das aulas, a qual foi recolhida posteriormente. Foi projetado um vídeo com duração de uns 15 minutos, no Datashow, contendo palavras com as sílabas complexas iniciadas com C.

Considerando a evolução da construção da escrita e memorização por parte dos alunos, foi iniciado o estudo das sílabas complexas: NHA, NHE, NHI, NHO e NHU. Da mesma forma, somaram (agruparam) a consoante N utilizando o sinal + entre a letra N, a consoante H e uma vogal obtendo, como resultado desse agrupamento, as sílabas complexas: N+H+A= NHA; N+H+E= NHE; N+H+I= NHI; N+H+O= NHO; N+H+U= NHU. Em seguida, foi feito pelos alfabetizandos um exercício de fixação da

escrita no caderno e a construção de algumas palavras contendo a sílaba complexa no começo, meio e fim dessas palavras, mostrando a diferenciação na pronúncia e caracterizando as mesmas.

O módulo 21 contou com a presença de 09 alunos, 03 professores. Foi feita a construção das sílabas com três letras, iniciadas com a consoante D, seguida das consoantes R ou L e de uma das vogais. Sempre da mesma forma, foi feita a soma (agrupamento), da consoante D utilizando o sinal + entre a letra D, a consoante R e uma vogal obtendo as sílabas complexas: D+R+A= DRA; D+R+E= DRE; D+R+I= DRI; D+R+O= DRO; D+R+U= DRU.

Na continuidade do módulo 21, foi realizado, com a participação dos alunos a construção de palavras iniciadas por consoantes, contendo sílabas complexas com a consoante D e seguida de R: DRAGÃO, PEDRA, DRAMA, ADRENALINA, EDEDRON, ADRIANO, ADRIELE, VIDRO, MADRUGADA, MANDRUA, QUADRADO, XADREZ, PEDREITO, DRIBLAR, QUADRINHO, QUADRO, DRONE, LADRÃO E PADRÃO, abordando a sílaba complexa no início, no meio e no fim das palavras. Foi também projetado um vídeo, com duração de 10 minutos, no Datashow, contendo palavras com as sílabas complexas iniciadas com D.

Foi entregue em material impresso, uma atividade envolvendo as sílabas complexas iniciadas com a consoante D somada ao R e uma vogal, relacionadas as realizadas em aula para ampliarem os conhecimentos sobre o estudado.

O módulo 22 contou com a presença de 07 alunos e 3 professores. Foi realizada a construção das sílabas com três letras, iniciadas com a consoante F, seguida das consoantes R ou L e de uma das vogais. Seguindo o mesmo procedimento padrão, sendo realizado a soma (agrupamento), da consoante F utilizando o sinal + entre a letra F, a consoante R e uma vogal obtendo as sílabas complexas: F+R+A= FRA; F+R+E= FRE; F+R+I= FRI; F+R+O= FRO; F+R+U= FRU. De mesma forma, foi feito em relação à consoante F utilizando o sinal + entre a letra F, a consoante L e uma vogal obtendo as sílabas complexas: F+L+A= FLA; F+L+E= FLE; F+L+I= FLI; F+L+O= FLO; F+L+U= FLU.

A construção de novas palavras se deu com a participação dos alunos, momento no qual é esclarecido quais palavras realmente se encaixam por possuírem essas sílabas estudadas. Formaram as seguintes palavras: FRALDA, FRASE, FRACO, FREITO, TRETE, FREVO, FRIO, FRITA, FRIGIDEIRA, FROTA, FRONTEIRA, FRONTAL, FRUTA, FRUTEIRA, AFLITO, CONFLITO, LAUTA,

FLIPERAMA, FLUTUAR, FLUIDO, FLECHA, REFLEXO, FLEXÃO, REFLETIR, REFLEXÃO.

Nota-se que essas palavras têm as sílabas complexas em diferenciadas posições: início, meio e final. Foi também passado um vídeo, com duração de 10 minutos, via Datashow, contendo palavras com as sílabas complexas iniciadas com F.

Foi entregue uma atividade impressa para realizarem em casa no sentido de fixarem o que aprenderam. Observou-se nesse módulo que os alunos estavam se mostrando animados e a maioria evoluindo nas construções das sílabas, palavras e pequenas frases, com exceção dos alunos 02 e 03, de 67 anos e 68 anos, os quais apresentavam uma dificuldade de memorizar em relação aos outros alunos, embora dispensasse atenção e apoio em suas atividades.

5.9 ESTUDO DE SÍLABAS COMPLEXAS INICIADAS COM CONSOANTES G, L, R, P e T: módulos 23, 24, 25 e 26

Nos dias 04, 11, 18 e 25 de junho de 2022, ocorreram respectivamente os módulos 23, 24, 25 e 26, nas mesmas condições, no ambiente de aprendizagem, todos aos sábados, das 8h às 11h20min, contando com um intervalo de 10 minutos para a interação dos alunos e professores. A média de alunos presentes foi de 8 alunos em cada módulo. E estando presente 03 professores.

Outro ponto relevante e comum em todos os módulos foi a presença da fisioterapeuta que realizava as sessões de alongamento com os alfabetizandos, preparando-os para os exercícios de escrita que não estavam acostumados. Os temas abordados nesses módulos continuaram sendo abordagens complementares do estudo de sílabas complexas, na língua portuguesa, formadas por três letras, iniciadas por consoantes do alfabeto.

No módulo 23 seguiu com construção das sílabas com três letras, iniciadas com a consoante G, seguida das consoantes R ou L e de uma das vogais, foi feita a soma (agrupamento) da consoante F utilizando o sinal + entre as letras G, R e uma vogal obtendo as sílabas complexas: G+R+A= GRA; G+R+E= GRE; G+R+I= GRI; G+R+O= GRO; G+R+U= GRU. De mesma forma, foi feito em relação à consoante G utilizando

o sinal + entre as letras G, a consoante L e uma vogal obtendo as sílabas complexas: G+L+A= G LA; G +L+E= G LE; G+L+I= GLI; G+L+O= GLO; G+L+U= GLU.

Nesse momento foi colocado aos presentes que com essas sílabas pode-se dar a construção de novas palavras, o que foi feito a participação deles. Eles disseram algumas palavras que entendiam ter essas sílabas: GRAÇA, GRADE, GRAFICO, GREGO, GRETA, GRÉCIA, GRILO, GRIFE, GROTA, GROTESCO, GROMA, GROSSO, GRUTA, GRUDE, GRUPO, CLACIAL, GLADIADOR, GLAUCOMA, INGLÊS, GLEBA, GLICOSE, GLITER, GLUTEN, GLOBO, GLÓRIA, AGLOMERADO, IGUL, AGLUTINAR e GRÃO.

Foi apresentado um vídeo contendo palavras com as sílabas complexas, iniciadas com G. Foi proposto para realizarem em casa uma atividade impressa abordando sílabas complexas iniciadas com G. Observou-se nesse módulo que os alunos apresentavam uma dificuldade fonética quando a sílaba iniciada com G, seguida do L, o que não aconteceu quando pronunciavam a sílaba iniciada com G e seguida do R. Foi realizado um exercício fonético sobre essas sílabas mostrando-lhes a diferenciação na pronúncia quando se utiliza o L e R e caracterizando as mesmas.

Nessa data tivemos o testemunho do filho de uma aluna que é advogado e leva a mesma as aulas, ele verbalizou que manda mensagens de texto para sua mãe no Zap App e que ela já está conseguindo ler boa parte das palavras e responder escrevendo pequenas orações para ele.

No módulo 24 foi trabalhado a construção das sílabas com três letras e iniciadas com a consoante P, seguida das consoantes R ou L e de uma das vogais. Nessa construção das sílabas com a consoante P, utilizando o mesmo design, em que é realizado a soma (agrupamento), da consoante P utilizando o sinal + entre as letras P, R e uma vogal obtendo as sílabas complexas: P+R+A= PRA; P+R+E= PRE; P+R+I= PRI; P+R+O= PRO; P+R+U= PRU. Da mesma forma, foi feito em relação à consoante P utilizando o sinal + entre as letras P, a consoante L e uma vogal obtendo as sílabas complexas: P+L+A=PLA; P+L+E= PLE; P+L+I= PLI; P+L+O= PLO; P+L+U= PLU.

Nesse momento, foi passado aos alfabetizandos presentes, que essas sílabas possibilitam várias construções de novas palavras. Solicitado que apresentassem exemplos de algumas palavras que entendiam ter essas sílabas e expressaram as seguintes: PRUMO, PRUDENTE, APRUMAR, PLACA, PLANTA, PLANETA, PLASMA, PLÁSTICO, PLENO, PELITO, PLEBEU, PELNITUDE, APLICAR, AMPLIAR, PLIM, EXPLICAR, EXEMPLO, PLOTAR, AMPLO, TEMPLO, PLURAL, PLUTÃO, PLUMA,

PROSA, PROMESSA. PROFETA, PROFESSOR, PRISMA, PRISCILA, PRIMO, PRIMA, PRIMEIRO, PREÇO, PREGO, PRESO, PRETA, PRESSA, PRATA, PRATO, PRAIA, PRANTO, PRAZO, PRAGA, PRAXE e COMPRA.

Foi apresentado um vídeo contendo palavras com as sílabas complexas, iniciadas com P e proposta uma atividade impressa para os alfabetizandos realizarem em casa, abordando essas sílabas complexas. Foi realizado também a diferenciação na pronúncia dessas sílabas em um exercício fonético.

No módulo 25 foram construídas as sílabas complexas com três letras, iniciadas com a consoante T, seguida das consoantes R ou L e de uma das vogais, nessa construção das sílabas iniciadas com a consoante T, é realizada a soma (agrupamento), da consoante T utilizando o sinal + entre as letras T, R e uma vogal obtendo as sílabas complexas: T+R+A= TRA; T+R+E= TRE; T+R+I= TRI; T+R+O= TRO; T+R+U= TRU. De mesma forma, foi feito em relação à consoante T utilizando o sinal + entre as letras T, a consoante L e uma vogal obtendo as sílabas: T+L+A=TLA; T+L+E= TLE; T+L+I= TLI; T+L+O= TLO; T+L+U= TLU.

Após copiarem no caderno essas construções de sílabas foi mostrado a eles como essas sílabas complexas trabalhadas podem formar várias palavras. Assim ao pedir que eles exemplificassem algumas palavras, deram os seguintes exemplos: TRANSITO, TRATOR TREVEO, TRENÓ, TRIGO, TRICÔ, TROMBA, TRONO, TRUTA, AVESTRUZ, TROVÃO, TROCO, TROTE, TORVA, TROPA, RONO, TRUCO, TRUFA, TRUTA, ATLETA, ATLETICO, TLINTAR, TLIM, TRIATLO, PINTATLO, ATLAS, ATLANTICO.

Nesse momento, os alunos comentaram que em Minas Gerais, os mineiros cortam as palavras e forçam o R. Já nas sílabas complexas com a consoante R, não mostram dificuldade, mas nos exercícios fonéticos pode-se ver a dificuldade em que estavam de pronunciar do L. Todo material em produção foi registrado por fotos a título de acompanhamento dos resultados.

No módulo 26 foram desenvolvidas as sílabas complexas com três letras, iniciadas com a consoante L, seguida das consoantes H e de uma das vogais. No mesmo mote, nessa construção das sílabas iniciadas com a consoante L, é realizada a soma (agrupamento), da consoante L utilizando o sinal + entre as letras L, H e uma vogal obtendo as sílabas complexas: L+H+A= LHA; L+H+E= LHE; L+H+I= LHI; L+H+O= LHO; L+H+U= LHU.

Assim também foi explicado em relação à consoante V utilizando o sinal + entre as letras V, a consoante R e uma vogal obtendo as sílabas: V+R+A=VRA; V+R+E= VRE; V+R+I= VRI; V+R+O= VRO; V+R+U= VRU. Os alunos copiaram no caderno essas construções de sílabas para posteriormente formarem palavras.

Foi solicitado que dessem exemplos de algumas palavras, quando deram os exemplos: ILHA, ABELHA, ORELHA, PALHA, ALHEIA, COLHER, BARULHENTA, VELHINHO, FOLHINHA, ALHO, OLHO, MOLHO, COELHO, ABELHUDO, ORELHUDO, GALHUDO, LAVRAS, LAVRAR, LAVRADOR, PALAVRA, LIVRE, LIVRETO e LIVROU. Como, na prática temos poucas palavras com as sílabas VLA, VLE, VLI, VLO e VLU, foi colocado aos alunos a construção, e verbalizado que há poucas palavras com esse grupo de sílabas complexas.

Observou-se que os alunos, em sua maioria, mostraram estar com dificuldades em relação à pronúncia das sílabas complexas que iniciam com o V e contêm a consoante L.

Assim finalizou esse primeiro semestre do ambiente de aprendizagem, sendo a FASE 1. Foi comunicado aos alunos que teriam quatro semanas de férias e com o retorno previsto para o dia 30 de julho de 2022, com a continuação da Fase 2.

5.10 ESTUDO DE SÍLABAS E OCORRÊNCIAS DIFERENCIADAS DE LETRAS EM PALAVRAS: módulos 27, 28 e 29

No dia 30 de julho de 2022, retornou-se ao módulo do ambiente de aprendizagem Fase 2, para os que tinham concluído a Fase 1 no primeiro semestre. Foi realizado nessa data o módulo 27, no mesmo local, sendo aos sábados, das 8h às 11h10min, com intervalo depois das 02 primeiras aulas.

Estavam presentes 06 alunos e 3 professores. A temática foi a finalização das sílabas complexas formadas por três letras, agora, aquelas iniciadas com a consoante C, seguida da letra H e depois de uma vogal. Dando sequência no mesmo processo do design na construção das sílabas iniciadas com a consoante C, somada (agrupada) a consoante H utilizando o sinal + entre as letras C, H e uma vogal, obtendo como resultados as sílabas complexas: C+H+A=CHA; C+H+E= CHE; C+H+I= CHI; C+H+O= CHO; C+H+U= CHU. Foi solicitado que os alunos copiassem essa construção em

seus cadernos para o desenvolvimento da escrita e compreensão do que estavam estudando, o que facilitaria a realização da atividade em casa.

Além disso, para que participassem contribuindo com exemplos de palavras com essas sílabas complexas iniciadas com C, seguidas de H e uma vogal, pediu-se que apresentassem exemplos, os quais foram escritas no quadro para compreenderem a escrita de tais palavras: CHACARA, CHARADA, CHÁ, CHAPEU, CHAMADA, CHARME, CHEQUE, CHEIRO, CHEIO, CHEFE, CHECAR. CHIQUE, CHINELO, CHIFRE, CHIPRE, CHIP, CHINA, CHORO, CHOP, CHOVE, CHOQUE, CHUVA, CHUPETA, CHUVEIRO, CHUCHU. Foi projetado um vídeo lúdico com letras e músicas que ajuda na compreensão do conceito estudado por ser dinâmico e chamativo, mesmo para adultos e idosos.

Também nesse módulo 27, foi trabalhado com os alunos que algumas palavras que são escritas com sílabas compostas com a consoante R somada (agrupada) a uma vogal, como já haviam estudado em aulas anteriores, a família silábica do R, mas, outras são escritas com a consoante R duplicada no meio de duas vogais, como por exemplo: BEZERRO; CARRO; ERRO; MACARRÃO; FERRUGEM.

Foi projetado um vídeo que mostra as palavras escritas com 2 RRs e foi colocado no quadro alguns exemplos que eles apresentaram as palavras contendo 2 RRs: BARRAGEM, BARRA, TERRA, BURRO, ERRADO, SERRA, CORRER, CORREIO, CORRETO, VARRER, CORREU, ARREIO, MORRE, MORRI, CORRIDA, ARRIMO, IRRITAR, SORRI, BARRO, BERRO, FORRO, JARRO, FORRO, MARRUCO, ARRUDA, ARRUMAR, ARRUMOU, VERRUGA e FERRUGEM.

Os alunos copiaram essas palavras em seus cadernos logo em seguida. Foi mostrado que não se trata de uma sílaba, pois essas palavras com RR ao separarmos as sílabas, essas duas letras iguais são separadas da seguinte forma: CORRETO: COR+RE+TO, por exemplo.

No módulo 28 da Fase 2, realizado dia 06 de agosto de 2022, estiveram presentes 06 alunos e 3 as professoras. Continuando com o estudo das palavras, trabalhamos a formação de palavras onde são utilizados 2 SS, no lugar de 1 S somente. Assim, foi apresentado algumas palavras que foram escritas no quadro: MASSA, PASSARO, PASSEAR, PASSA, ASSADO, PASSEIO, ASSÉDIO, ASSINOU, JÉSSICA, ASSIRIA, TOSSIR, ASSINA, POSSO, FOSSO, RUSSO, NISSO, CASSO, CASSIO, PASSOS, ASSUNÇÃO, ASSUNTO, ASSUNTA e ASSUMIR.

Foi colocado para eles que essas palavras com SS ao separarmos as sílabas, essas letras são separadas da seguinte forma: ASSUNTO: AS+SUN+TO, por exemplo. Foi projetado um vídeo lúdico com letras e músicas sobre essas ocorrências de palavras com SS.

Continuando, trabalhamos também a letra C acompanhada da cedilha: Ç. Prosseguindo com o design na construção das sílabas iniciadas com a consoante C com cedilha (Ç), somada (agrupada) utilizando o sinal + entre as letras Ç e uma vogal, obtendo como resultados as sílabas Ç+A=ÇA; Ç+O=ÇO; Ç+U=ÇU; Ç+Ã+O=ÇÃO e ainda Ç+Õ+E+S =ÇÕES. Solicitado que os alunos dessem alguns exemplos de palavras que têm essas sílabas, quando falaram as seguintes: AÇUCAR; CORAÇÃO, ORAÇÃO, AÇAI, GRAÇA, CALÇA, ALÇA, PEÇA, MOÇA, GRAÇA, MAÇÃ, PEÇA, AÇO, BRAÇO, ABRAÇO, ALMOÇO, MOÇO, PALHAÇO, AÇUDE.

A percepção da evolução dos alunos nessas novas construções é que estavam com um pouco de dificuldades por ser bastante diferenciado um caso do outro, mas como há diversas palavras do cotidiano deles, ao que parece facilitou a compreensão. Copiaram as palavras formadas no quadro em seus cadernos, o que permitia que fixassem a escrita e compreendessem com a realização das atividades para casa.

O módulo 29 do ambiente de aprendizagem Fase 2, realizado em 13 de agosto de 2022, contou com a presença de 07 alunos e 3 professores.

Iniciou construindo ligações formadas por uma vogal e a consoante R, mostrando-lhes sempre a fonética dessas sílabas. Usando design na construção dessas ligações silábicas, mostrou-se que precisavam somar (agrupar) utilizando o sinal + entre uma vogal e a consoante R, obtendo como resultados as sílabas: A+R=AR; E+R=ER; I+R=IR; O+R=OR e U+R=UR, onde os alunos copiaram do quadro em seus cadernos.

Foi pedido alguns exemplos de palavras que tem essas ligações silábicas e foi escrito no quadro para compreenderem a escrita e a fonética: ARCO, ARVORE, ARNICA, ARTE, ARTISTA, ATIRAR, BRAÇO, JARDIM, ERVA, ERGUER, TER, PERDER, SER, COMER, CERCA, VIR, IRMÃO, CARPIR, SUBIR, PARTIR, FUGIR, SORRIR, NAIR, SAIR, CAIR, IVALDIR, CIRCO, IOGURTE, URTIGA, URSO, URNA, FURTO, TURMA, TURNO, TURCO, ABAJUR e CURSO. De mesmo modo, os alunos copiaram do quadro essas palavras em seus cadernos. Foi projetado um vídeo lúdico com letras e músicas envolvendo essas ligações, sílabas e palavras.

Nesse módulo também, na mesma sequência de construção de sílabas mostrou-se que, para a formação de ligações silábicas, usando uma vogal e a consoante S, precisavam somar (agrupar, uma vogal utilizando o sinal + e a consoante S, obtendo como resultados as sílabas: A+S=AS; E+S=ES; I+S=IS; O+S=OS e U+S=US, o que os alunos copiaram do quadro em seus cadernos.

Em seguida, os alunos deram vários exemplos de palavras com essas sílabas, as quais foram construídas no quadro: ASTRO, ASMA, ASNO, ASTRONAUTA, ASPAS, PASTEL, GÁS, GASTO, CASTRAR, DUAS, CASCA, ESPELHO, RESPIRAR, ESQUILO, ESQUIMO, ESTOU, ESTIMAR, ESCOLA, ESTRELA, FESTA, CESTA, TRÊS, ESTOJO, ESCADA, HISTÓRIA, ISQUEIRO, ISTO, DISCO, PISTA, TRISTE, ISSO, BISCOITO, BISNAGA, LAPIS, TENIS, CIAS, ROSTO, GOSTO, AGOSTO, OSSO, TOSCO, BOSQUE, BUSCO, FUSCA e AUGUSTA.

Nessa escrita, além de repetirmos as palavras para fixação foi feita a interpretação das palavras, o que representam e o que significam e foi feita a projeção de imagens relacionadas a palavras com essas sílabas. Foram feitos registros por meio de fotos dos cadernos dos alunos o que permitiu um acompanhamento e as atividades realizadas em casa, eram sempre impressas e recolhidas toda semana.

5.11 ESTUDO DE LETRAS MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulos 30 e 31

Em continuidade dessa segunda Fase do curso de alfabetização, ocorreram os módulos 30 e 31, realizados respectivamente nos dias 20 e 27 de agosto de 2022, no mesmo local, sendo o ambiente de aprendizagem, aos sábados, das 8h às 11h10min, com intervalo depois das 02 primeiras aulas. A presença foi em média de 08 alunos e 3 professores.

O objetivo dos próximos módulos foi a construção de letras, sílabas, palavras e frases, agora na forma minúscula cursiva e de fôrma. Voltando ao início do alfabeto, foi mostrado aos alunos escrevendo no quadro para que escrevessem em seus cadernos, facilitando a compreensão, leitura e escrita. Tudo feito de maneira lenta e gradual e estiveram o tempo todo acompanhados pelos professores, com quem podiam tirar as dúvidas.

Iniciou-se a construção de letras, sílabas, palavras e pequenas frases escritas em letras minúsculas cursivas e de forma. Primeiro trabalhou-se as vogais a, e, i, o, u e as consoantes b, c e d. Foi projetado um vídeo mostrando a eles como essas letras são escritas, suas arquiteturas tanto de fôrma quanto cursiva e após foram escritas no quadro e eles copiando em seus cadernos, sendo um exercícios de fixação. Foi mostrada, no quadro, a diferença entre a escrita cursiva e a escrita em letra de fôrma, trabalhando lentamente para facilitar a compreensão.

Utilizou-se o Datashow, com slides projetados no quadro e foi-se montando as sílabas, palavras e pequenas orações em forma cursiva e letras de fôrma. Foram colocadas as mesmas letras e sílabas utilizadas na forma maiúscula. Após mostrar, as vogais e referidas consoantes em forma cursiva e letras de fôrma: a-e-i-o-u; b-b-b-b-b-b-b-b-b-b, retomou-se que iriam escrever tudo que aprenderam em maiúscula em cursiva e letras de fôrma, inclusive a formação de sílabas e palavras, utilizando a soma (agrupamento), de letras. Mostrou-se, como exemplo, que a construção de palavras somando (agrupando) duas dessas vogais diferentes ou um consoante e uma vogal se daria da mesma maneira haviam aprendido, obtendo como resultados (=) sílabas: a+i=ai, a+u=au, e+i=ei, e+u=eu, i+a=ia, u+a+i=uai, o+i=oi, b+a=ba; b+e=be; b+i=bi; b+o= bo; b+u= bu.

E ainda que, ao somarem essas sílabas obteriam palavras como já haviam aprendido em letras maiúsculas, só que agora escritas com letras cursivas e de fôrma. Foram passadas no quadro estas palavras em letra de forma: bebe, bebeu, bebo, beba, beco, bico, bia, bica, bibi, boca, bobo, bua, cabo, cedo, caco, coco. Pediu-lhes que fizessem cópia dessas palavras em seus cadernos em letra cursiva.

Ainda nessa aula, após os alunos escreverem o que estava no quadro, foram distribuídas revistas impressas que foi levado para eles encontrassem e circulassem palavras escritas com letras minúsculas de fôrma, envolvendo essas letras e sílabas, uma prática que os ajudou a realizar a leitura de palavras e pequenas partes de frases. Foi proposta uma atividade impressa com exercícios para fazerem em casa que seria recolhida na semana seguinte.

No módulo 31, realizado dia 27 de agosto de 2022, iniciou construindo as consoantes f e g de forma cursiva e de fôrma: f-f-f-f-f-f-f-f-f-f-f e g-g-g-g-g-g-g-g, bem como, retomou sobre a formação de sílabas iniciadas com essas consoantes. Primeiro projetou-se um vídeo envolvendo construções com essas letras minúsculas para conhecerem e entenderem como se dá a escrita dessas letras, sílabas e

palavras. Seguindo o design, com a participação dos alunos realizou-se a construção de letras somando (agrupando), uma das duas consoantes, f e g, + uma vogal, da mesma forma que haviam aprendido em maiúsculas, obtendo como resultados (=) sílabas: f+a= fa; f+e= fe; f+i= fi; f+o= fo; f+u= fu e as sílabas: g+a= ga; g+e= ge; g+i= gi; g+o= go; g+u= gu. Após a projeção de um vídeo para ampliar a compreensão deles sobre essas construções, pediu-se que auxiliassem dando exemplos de palavras que poderia formar usando essas sílabas em minúsculas, escritas de letra cursiva e de fôrma. Deram os seguintes exemplos: fé, fada, foco, foca, feito, fico, fui, fuga, fobia, café, fogo, gato, guta, gago, gude, galo, gol, gel, gota, gogó, golfe, gola, gel, gente, gênio, guloso, guru. Tudo foi copiado por eles em seus cadernos e registrado em fotos esses cadernos. Nessa escrita além de repetir as palavras para auxiliar na compreensão foi falado sobre a interpretação das palavras e foi projetado imagens ou figuras da internet referente aos substantivos.

No final desse módulo, tivemos a visita de duas alunas: Gina Catalina Albeciano Uchamocha e Dayana Fernanda Lopez Bonilla, intercambistas por 6 meses em uma Instituição da cidade, as quais eram estudantes de medicina veterinária e de educação física, respectivamente, naturais e residentes no país vizinho Colômbia.

Elas foram apresentadas e explicado que esse intercambio no Brasil objetiva que enriqueçam no conhecimento e em relação ao nosso idioma. Elas conversaram com os professores, consistindo em um momento de aprendizado e troca de experiências para todos, pois participaram, de forma efetiva, das atividades realizadas na aula, na construção das sílabas e escrita de palavras, bem como fizeram perguntas sobre a fonética e o fonema das palavras, bem como sobre o significado. Com a aluna Catalina, nas palavras que teve dificuldades em compreender foi traduzido para o inglês que ela fala fluentemente, foi colocado aos alunos sobre o alfabeto da língua que falam, o Espanhol, e era traduzido as palavras em espanhol para o português para os alunos alfabetizando compreenderem. Foi uma experiência incrível para o processo de construção da alfabetização desses alunos e das intercambistas compreenderem o Português.

5.12 ESTUDO DAS LETRAS H E J MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulo 32, 33 e 34

Os módulos 32, 33 e 34 da segunda Fase, foram realizados, respectivamente, nos dias 03, 10 e 17 de setembro de 2022, aos sábados, das 8h às 11h10min, com intervalo depois das duas primeiras aulas. A presença foi em média de 10 alunos e 03 professores.

No módulo 32, foram estudadas as consoantes h e j de forma cursiva e de fôrma. No primeiro momento projetou um vídeo mostrando a escrita dessas letras: h-h-h-h-h-h-h-h-h e j-j-j-j-j-j-j-j-j-j para conhecerem a escrita dessas letras em minúsculas e de fôrma, depois a cópia no caderno também em letra cursiva. Dando sequência no design em desenvolvimento, para mostra-lhes que, do mesmo modo, poderiam construir sílabas somando (agrupando), uma consoante minúscula, h ou j, + uma vogal, obtendo como resultados (=) as sílabas: h+a= ha; h+e= he; h+i= hi; h+o= ho; h+u= hu e as sílabas: j+a= ja; j+e= je; j+i= ji; j+o= jo; j+u= ju. Para melhor conhecerem e compreenderem foi apresentado um vídeo sobre essas formas de escrita e os alunos auxiliaram fornecendo exemplos de palavras usando essas sílabas minúsculas em letra cursiva e de fôrma.

Ainda foi explicado que a consoante h é uma letra de sustentação e não muda o som da próxima consoante que for ligada a ela, mudando só se a sílaba iniciar por n por l, ou um por c, resultando: n+h+a= nha e l+h+a= lha. Deram-nos os seguintes exemplos: hoje, homem, hora, honesto, humano, etc. Todas as referidas construções e exemplos foram copiadas pelos alfabetizando em seus cadernos, o que demandava sempre um bom tempo, devido às dificuldades em delinear as letras cursivas. Essas atividades em seus cadernos eram sempre registradas em fotos para acompanhamento da evolução.

No módulo 33 trabalhou-se as consoantes l e m, minúsculas, cursiva e de fôrma, sendo que no início da aula foi projetado um vídeo e, após, foi escrevendo-se no quadro as letras e sílabas para que copiassem em seus cadernos. Foi realizado pelos alunos um exercício de fixação, sendo-lhes mostrado, no quadro, a diferença entre a escrita cursiva e a de fôrma. Trabalhando pausadamente cada letra, usando o Datashow com slides projetados no quadro e foi montando as sílabas, palavras e pequenas orações em cursiva e de fôrma.

No primeiro momento desse módulo, projetou-se a escrita dessas letras: l-l-l-l-l-l-l-l e m-m-m-m-m-m-m-m para compreenderem as características dessas letras minúsculas de fôrma e cursivas. Fizeram a cópia dessas construções no caderno. Foi projetado um vídeo lúdico com essas letras e músicas mostrando a grafia delas. Retomou com os alunos, no quadro, para mostra-lhes que, do mesmo modo, poderiam construir sílabas somando (agrupando), uma consoante minúscula, l ou m, + uma vogal, obtendo como resultados (=) as sílabas: l+a= la; l+e= le; l+i= li; h+o= lo; l+u= lu e as sílabas: m+a= ma; m+e= me; m+i= mi; m+o= mo; m+u= mu. Para melhor conhecerem e compreenderem, foi apresentado um vídeo sobre essas formas de escrita que auxiliaram fornecendo exemplos de palavras usando essas sílabas minúsculas em letra cursiva e de fôrma.

Observou-se que, embora estivessem construindo pausadamente em letras cursivas e de fôrma, dois dos 10 alunos, sendo o nº 3 e nº 2, ainda apresentavam dificuldades na escrita cursiva, enquanto os demais estavam desenvolvendo bem. Assim, mudou-se a dinâmica das aulas passando para um ritmo mais acentuado, focando na sílabação fonética a título de auxiliá-los na memorização das construções, trabalhando assim, somente 2 letras por módulo. Nesse módulo, com sugestões dadas pelos alunos, ainda construíram palavras usando sílabas em letras minúsculas, cursivas e de fôrma, tais como: loja, lago, laje, lado, lábio, lego, leigo, lida, liga, limbo, louco, loba, lua, Lucas, lúdico, mala, meia, meio, maluco, maio e mal.

No módulo 34, com a presença de 09 alunos e 03 professores, foi abordado as consoantes n e p, mostrando-lhes, no quadro, a diferença entre a escrita cursiva e a de fôrma de letras minúsculas. Num primeiro momento desse módulo, projetou a escrita dessas letras: n-n-n-n-n-n-n e p-p-p-p-p-p para compreenderem essas letras de fôrma e cursiva. Após copiarem essas construções no caderno, foi projetado um vídeo com essas letras e músicas para compreenderem com ajuda desse recurso.

Retomando, no quadro, mostrou-lhes que podiam construir sílabas somando (agrupando), uma consoante minúscula, n ou p, + uma vogal, obtendo como resultados (=) as sílabas: n+a= na; n+e= ne; n+i= ni; n+o= no; n+u= nu e as sílabas: p+a= pa; p+e= pe; p+i= pi; p+o= po; p+u= pu. Para melhor compreenderem foi apresentado um vídeo sobre essas formas de escrita e os mesmos auxiliaram fornecendo exemplos de palavras como: nada, nabo, naco, não, Ana, nascer, neném, Neide, Nei, Nida, Nico, Nicolas, Noé, nós, nome, nuca, anular, canudo e anu, usando essas sílabas em letras minúsculas cursivas e de fôrma.

A título de lembrarem, foi falado que os mesmos tinham estudado as letras maiúsculas A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O e as minúsculas a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o e p nas formas cursiva e de fôrma. Foram também construídas no quadro com sugestões dos alunos algumas frases: Oi, bom dia. Meu nome é. Eu bebo café e água. Oi, o dia é lindo. O homem caiu da cama.

Observou-se que, no decorrer das aulas, algumas palavras sugeridas por eles para serem construídas no quadro eram nomes próprios. Nesse momento explicou-se que as frases são sempre iniciadas com letras maiúsculas e que nomes próprios como de pessoas, cidades, estados, países, dentre outras, por regra são iniciadas com letras maiúsculas.

Nesse ponto do curso de alfabetização foi observado que, em razão das aulas do curso serem realizadas somente aos sábados, sempre havia falta de algum aluno, pelos mais diversos motivos, como: ficavam doentes e doenças em membros de suas famílias. Ainda houve desistências, um dos motivos foi a mudança de endereço para outro município. Outros ainda não apareceram e mesmo ligando e tentando trazê-los de volta, não consegue-se que voltem.

5.13 ESTUDO DE LETRAS C, D, F, G, H MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulos 35, 36, 37

Os módulos 35, 36 e 37 da segunda Fase do ambiente de aprendizagem foram realizados, respectivamente, nos dias 17 e 24 de setembro e 01 de outubro de 2022, no mesmo local, aos sábados, das 8h às 11h10min, com intervalo depois das duas primeiras aulas. A presença foi em média de 10 alunos e 3 professores.

No módulo 35, foram construídas as letras: c-c-c-c-c-c-c-c-c-c-c; d-d-d-d-d-d-d-d-d-d, para compreenderem essas letras de fôrma, cursiva e minúsculas. Após foi passado o vídeo com auxílio do Datashow com essas letras e músicas que auxiliassem esses alunos na compreensão. Retomando no quadro, colocou-se que podiam construir sílabas somando (agrupando), uma consoante minúscula, c ou d, + uma vogal, obtendo como resultados (=) as sílabas: c+a= ca; c+e= ce; c+i= ci; c+o= co; c+u= cu e as sílabas: d+a= da; d+e= de; d+i= di; d+o= do; d+u= du. Para melhor compreenderem os mesmos auxiliaram dando exemplos de palavras como: café,

bebeu, cuia, dia, bom e canudo, usando essas sílabas em letras minúsculas cursivas e de fôrma para formar palavras e pequenas frases.

Assim, foram sugeridas por eles frases como: Oi, bom dia. Eu bebi café. O Caio bebeu café. A cuia é de cabaça. Foi reforçado sobre a necessidade de se colocar sempre a primeira letra da oração ou frase em letra maiúscula e quando for utilizado nome próprio. Nessa aula, foi explicitado a necessidade de colocarem os acentos graves, agudos e circunflexos nas palavras construídas, o que até o momento estávamos dando exemplos sem acentuar.

Nesse sentido, para não tirar o foco, fomos prosseguindo, para somente agora explicarmos a necessidade de acentuação. Sempre recorria-se ao uso do vídeo com letras e músicas o que os auxiliava na compreensão e fixação do que haviam aprendido.

Nesse momento do curso observou-se que, os alunos estavam realizando muito bem as atividades de escrita nos seus cadernos, portanto, quanto à memorização para a leitura e construção das sílabas, palavras e frases, entende-se que precisavam ainda ser reforçada por meio de outras atividades que envolvessem a memorização das letras, a construção das sílabas e palavras para a formação das frases e orações. Assim decidiu por realizar aulas em que participassem de atividades de memorização sem copiarem em seus cadernos.

No módulo 36 foi realizada uma retomada das sílabas e palavras iniciadas com B, C, D e F. Como exemplos os alunos apresentaram as seguintes frases que foram escritas no quadro em letras minúsculas cursivas e de fôrma: O dedo do Caio doeu. A cuia é boa. Eu bebo café no copo. O carro é do Bruno. Prosseguiu escrevendo várias palavras: fada, fado, feio, figo, fé, faca, facão, fedor, feliz, fico, figo, fiado, fígado, fuscão, foi, folha, fogo, fome e febre.

Retomou como essas palavras em letras maiúsculas também para conseguirem entender que são as mesmas escritas de forma diferente e que, a primeira letra da oração ou frase é escrita sempre em letra maiúscula, como também os nomes próprios. Reforçou também sobre os acentos graves, agudos e circunflexos nas palavras e sobre a vírgula em uma frase construída.

Sugeriram para escrever no quadro as palavras em letras maiúsculas: GADO, GATO, GALO, GABI, BIGA, BRIGA, GAMA, GOL, GOLA, GOMA, GOGÓ, GOELA, GULA, GORILA, GAIOLA, GOTA e GALINHA. E as orações: O GALO É GAGO. A GALINHA É CEGA. O GADO ESTA GORDO. O GATO CAGOU MOLE NA SALA. A

GATA BEBEU ÁGUA NA BACIA. A ÁGUA DO RIO É BOA E FRIA. E ainda orações escritas em letras de fôrma minúsculas: Oi, bom dia! O dia está lindo. O café foi coado cedo. O galo gosta da galinha. A faca é afiada.

Foi realizado um exercício da fonética das palavras e orações e explicado o que cada palavra significava e mostrado um vídeo relacionando palavras e imagens. Constatou-se que os alunos estavam se esforçando para a memorização que precisou ser trabalhada de forma intensiva.

Essas aulas de memorização na construção da escrita de palavras, frases e orações sem escrever no caderno foram uma experiência interessante para os alunos, pois, puderam dispensar mais atenção nas explicações dos professores, o que os levou a solicitarem mais algumas aulas sem escreverem em seus cadernos. Assim, percebeu-se que, simultâneo às construções que iam sendo realizadas no quadro, os alunos já iam fazendo a leitura das sílabas, palavras e pequenas orações, embora ainda sem muita desenvoltura, pois a alfabetização não é tarefa fácil mesmo. Entendeu-se, nesse momento, que o método utilizado estava surtindo efeitos na aprendizagem daqueles alunos.

No módulo 37 foi a retomada do uso da consoante H nas sílabas complexas em que somando (agrupando) a consoante h antecedida por: n, l e c teriam como resultado (=) as sílabas: nha, nhe, nhi, nho, nhu e lha, lhe, lhi, lho, lhu e cha, che,chi, cho, chu, em letras de forma cursiva e de fôrma. Nessas aulas seguiu com a mesma metodologia em que tudo era feito oralmente com os alunos e eles não copiavam em seus cadernos. Assim foi desenvolvida a memorização dessas construções de sílabas e posteriormente de palavras, e pequenas frases e orações em forma maiúsculas e depois em letras minúsculas na forma cursiva e de fôrma.

Reforçado com eles que, com essas sílabas complexas formadas poderíamos formar diversas palavras. Pediu-se exemplos de palavras com a presença dessas sílabas, os quais foram escritas no quadro e, depois, os alfabetizando realizaram a leitura: ALHO, ILHA, OLHO, MULHER, COLHER, BANHEIRO, DETALHE, COLHI, VELHICE, ACOLHIDA, MOLHO, VELHO, FILHO, COELHO, JOELHO, TALHO e FALHA, em maiúscula, minúscula e de fôrma. Prosseguindo falaram mais alguns: CHÃO, CHAVE, CHATO, CHÁ, CHAPÉU, CHALÉ, CHEIO, CHEIRO, CHURROS, ARANHA, RAINHA, MANHÃ, LINHA, SONHO, UNHA, NINHO, CINHEIRO, HOMEM, HOJE E HAITI. E ainda algumas orações: Oi bom dia, o café está frio e gelado. O pão da padaria do Madeira é bom. A aluna Marilli estuda com a gente. O aluno Orlando

gosta de contar causos. Amanhã de manhã vou pedir um café para nós dois, te fazer um carinho e depois te envolver em meus braços. Hoje vou ver meu namorado a noite. Hoje vou almoçar mais tarde.

Ainda foi realizado um exercício e mostrado um vídeo contendo algumas palavras relacionando-as a imagens. Os alunos estavam se mostrando animados e evoluindo na memorização das construções das sílabas, palavras e pequenas frases, mas ainda havia um pouco de dificuldade de reconhecer algumas palavras quando se tratava de frases e ou orações, o que será trabalhado nos módulos futuros.

5.14 ESTUDO DAS LETRAS J, L, M EM MINÚSCULAS CURSIVA E DE FORMA: módulos 38, 39 e 40

Os módulos 38, 39 e 40, da segunda Fase, foram realizados, respectivamente, nos dias 15, 22 e 29 de outubro de 2022, aos sábados, das 8h às 11h10min, com intervalo depois das duas primeiras aulas. A presença foi em média de 9 alunos. Também estiveram presentes, 03 professores.

No módulo 38 trabalhamos as consoantes J, L e M nas formas maiúsculas, minúsculas, letra cursiva e de fôrma. Seguindo com a metodologia que não utilizava o caderno e trabalhando a memorização das construções das sílabas e palavras, de frases e a leitura, iniciou projetando 3 vídeos lúdicos de 05 minutos cada com letras e músicas envolvendo essas letras, sílabas e palavras que podem formar. Assim, além do vídeo utilizamos o quadro, no qual íamos retomando com os alunos e escrevendo as construções de palavras com as consoantes trabalhadas, apresentadas pelos alunos como exemplo: JACI, JACUI, JACA, JESUS, JABOTICABA, JAPÃO, JIBÓIA, JARARACA, JAPONÊS, JABUTIRICA, JESUA, JILÓ, JOÃO, JOIO, JOSE, JOSUÉ, JOABE, JUDAS, JUDEU, JOANA, JIPE, JACARÉ, LATA, LAMA, LAÍS, LÁPIS, LETRA, LINDA, LITRO, LIMBO, LIMÃO, LOUCO, LOBO, LUCAS, LUA, LUGAR, LUANA e LUTA, MALA, MAMÃO, MOÇA, MOÇA, MENINO, MELANCIA, MERCADO, MIHO, MIL, MILHÃO, MILENA, MOLHO, MORENA e MOLA, em letras maiúsculas. Depois as mesmas palavras em letras minúsculas e de fôrma: Jaci, Jacuí, jaca, Jesus, jaboticaba, Japão, jiboia, jararaca, japonês, jaguatirica, Jesua, jiló, João, joio, José, Josué, Joabe, judas, judeu, Joana, jipe e jacaré, lata, lama, Laís, lápis, letra, linda,

litro, limbo, limão, louco, lobo, Lucas, lua, lugar, Luana, luta, mala, mamão, moça, moça, menino, melancia, mercado, milho, mil, milhão, Milena, molho, morena e mola. Mostrou-se também que algumas palavras precisavam de acentuação e outras de iniciarem com letras maiúsculas por serem nomes próprios.

As frases ou orações que deram como exemplos: Oi bom dia, já tomei café. Hoje o dia está ensolarado, hoje é sábado. Eu fui a Aparecida do Norte passear e rezar. Eu já liguei a luz do quarto hoje. O leite quente caiu da caneca.

Foi trabalhada a questão das primeiras letras das orações e de nomes próprios serem sempre maiúsculas, a vírgula para dar sentido necessário nas frases e que todas as vezes que se tem a sequência de AE e AO usa-se o sinal do TIL “~”, como exemplo: Mamã^o e deu sequência com um exercício mostrando o uso da cedilha no C= ficando Ç, como em: moça. Percebendo-se uma melhora no entendimento dos alunos e decidiu-se por, nas próximas aulas, fazer metade do tempo das aulas de exercícios orais, exemplos e memorização por parte dos alunos e metade do tempo das aulas de escrita em seus cadernos para que retomassem a escrita e a leitura, formando um todo necessário para a leitura e aprendizagem.

O módulo 39, realizado no dia 22 de outubro de 2022, foi iniciado com a apresentação de 2 vídeos lúdicos de 05 minutos cada com letras e músicas envolvendo essas letras, sílabas e palavras que podem formar. Em seguida se deu a construção, no quadro, sem o uso da escrita nos cadernos, das sílabas e palavras escritas com as consoantes N e P, com o método criado aplicado, em que soma (agrupa) a consoante N + uma vogal: N+A= NA e assim sucessivamente com todas as vogais, e o mesmo o faz com a consoante P. Assim poderiam escrever as palavras. Apresentaram os seguintes exemplos: NAIR, NAVIO, NOSSA, NEVE, NADA, NUVEM, PEPINO, POBRE, PINHA, PILHA, PITOCO, POBRE, POROSO, PUXAR e PUMA, em maiúsculas e minúsculas, cursivas e fôrma. Construíram também as seguintes frases:

Hoje o dia está lindo.

O café da manhã tinha pão, leite e frutas.

O Jose Adail trabalha na roça e vai cedo todos os dias.

Oi, bom dia.

Hoje é sábado e estamos felizes e alegres.

O menino gosta de pipas de papel.

Ovos de galinhas viram pintinhos.

O pé do Orlando é torto.

As pernas da mesa são retas.

O Sebastião mora no bairro Imigrantes, ele não trabalha mais, pois já é aposentado e ganha muito bem.

O Cirineu, vende sorvetes todos os dias até a tarde.

O pé de café está com botões.

O pé do papai.

O pai do Pedro é preto.

Eu apanhei café esse ano.

A panha de café estava boa e eu ganhei muito dinheiro.

O pó de café está caro.

O pé de café está com flor.

O papai do céu ama a todos nós.

Jesus é o filho de Deus.

Maria é a mãe de Tiago.

Judas é irmão de Jesus.

Foi trabalhada a questão de se começar as orações e nomes próprios com letra maiúscula, a necessidade da vírgula para dar o sentido almejado em algumas frases e o acento grave que transforma as vogais: e em é e o em ó. Exemplos: José, fé, pó, café, cipó, céu, etc. Após essas atividades orais, os alunos copiaram essas frases em seus cadernos.

No módulo 40, foram estudadas as consoantes Q e R. Utilizando o quadro iniciou com a escrita de sílabas e palavras, com foco nas formas maiúscula e minúsculas, em letras cursivas e de fôrma: Q+U+A= QUA, por exemplo, e q+u+a= qua e, ainda R+A= RA e r+a= ra, por exemplo. Foi feita a apresentação de 2 vídeos lúdicos de 05 minutos cada com letras e músicas envolvendo essas letras, sílabas e palavras que podem formar.

Os alfabetizando se mostraram bem interessados nessas aulas participativas e deram exemplos das seguintes palavras: QUASE, QUALQUER, QUAL, QUATRO, QUEIJO, QUERO, PAQUERA, CHEQUE, AQUI, QUINTA, QUINA, QUILO, ERRADO, RATO, RÁDIO, RARO, RÁPIDO, RAIZ, RAIÓ, RABO, RABANETE, RAPAÇ, RABINO, RABICHO, RAPARIGA, RETO, REDE, REMO, RENA, RUI, RODO, RALO, RALAR, as quais foram escritas no quadro em letras maiúscula e minúsculas, cursivas e de fôrma. Em seguida copiaram em seus cadernos.

Totalizou nesta data, 120 aulas de 50 minutos com esses alunos. O que observou-se é que estavam aprendendo em seu tempo e com suas limitações, e mostravam-se sempre interessados e participativos, evoluindo nas construções das sílabas, palavras e pequenas frases. No entanto, os 02 alunos mais idosos, nº 02 e 03 apresentaram um desenvolvimento em ritmo mais lento, os quais receberam atenção especial. Continuou também o registro dos trabalhos e atividades.

O design metodológico desenvolvido está sendo eficiente e atingindo o objetivo do ambiente de aprendizagem na construção da alfabetização. Buscando ampliar as oportunidades, nessa data, ficou agendada uma visita em 05 de novembro de 2022, ao laboratório de Pedagogia de uma instituição da cidade, que possui amplo acervo de materiais didáticos, contendo letras e sílabas nas mais diversas formas e em formatos diferentes e lúdicos, quebra cabeça, montagens, letras coloridas, o que poderá vir a somar na aprendizagem.

5.15 RETOMANDO MAIUSCULAS E MINÚSCULAS CURSIVAS E DE FÔRMA: módulos 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47

Os módulos 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47, o ambiente de aprendizagem foram realizados, respectivamente, nos dias 05, 12, 19 e 26 de novembro de 2022, no mesmo local, aos sábados, das 8h às 11h10min, com intervalo depois das duas primeiras aulas. A presença foi em média de 9 alunos e 03 professores, estiveram presentes.

Conforme combinado no módulo anterior, foi o dia de uma visita dos alfabetizando ao laboratório de Pedagogia, iniciada às 08h e finalizada às 09h15min. O laboratório conta com uma estrutura para a formação de professores para atuarem na educação infantil e possui várias salas com materiais didáticos contendo letras de várias formas, jogos para montagem de sílabas e palavras, e juntos fizeram algumas atividades de construção de nomes, palavras e pequenas leituras nesse laboratório, o que veio a acrescentar na construção do conhecimento e da alfabetização dos alunos que ficaram muito felizes, o que também foi registrado em fotos.

Retornou-se para o ambiente de aprendizagem, dando início às aulas, onde prosseguiu agora com a construção das letras, palavras e orações de forma maiúscula

e minúscula, em letras cursivas e de fôrma. Iniciou projetando 03 vídeos lúdicos de 05 minutos cada com letras e músicas o que ajuda na compreensão e fixação de letras e palavras. Relembrou no quadro as sílabas complexas formadas com CH, NH e LH: CHA, CHE, CHI, CHO, CHU, NHA, NHE, NHI, NHO, NHU, LHA, LHE, LHI, LHO e LHU.

Os alunos apresentaram as seguintes palavras como exemplo: chá, chuva, cheiro, chaveiro, choque, ilha, alho, olho, abelha, dinheiro, companhia, alheio, olhar, amanhã. Essas construções em minúsculas cursivas e de fôrma foram copiadas por eles em seus cadernos, pois as tinham somente em letras maiúsculas.

O Módulo 42 teve de início a apresentação de 02 vídeos lúdicos de 05 minutos com letras e músicas referentes a essas letras e sílabas que auxiliaram os alunos na compreensão das famílias silábicas das consoantes S e T: SA-SE-SI-SO-SU e TA, TE, TI, TO e TU. Foi realizado um exercício envolvendo a construção dessas sílabas em letras minúsculas de fôrma e cursiva, no quadro, utilizando o mesmo design. Assim foi registrado: s+a=sa; s+e=se; s+i=si; s+o=so e s+u=su e t+a=ta; t+e=te; t+i=ti; t+o=to e t+u=tu. Solicitado aos alunos exemplos de palavras e participaram indicando alguns que foram escritos no quadro: sal, sala, saia, saúde, sabão, Saul, salada, sapo, sábado, sabido, sábio, saco, sapato, salto, satélite, saldo, saudade, sabonete, seu, servo, servia, severo, sereno, ser, será, sitio, sino, situação, simular, só, sopa, sorvete, sorriso, socorro, sopro, sombra, sofá, sogro, sólido, sono, sofrer, soda, sol, soma, solidão, sul, surto, subir, suco, sucata, suspeito, sula, sumo, super, tal, tatu, tatuagem, ter, tábua, Talita, Tábata, trator e tatu.

Observou-se nessas últimas aulas que a escrita e leitura de palavras e frases em letras minúsculas, de fôrma e cursiva, estavam sendo mais difíceis para alguns dos alunos. Assim, busca-se trabalhar mais incisivamente a escrita em minúsculas com letras cursivas e de fôrma usando o Datashow, para mostrar outros tipos de atividades envolvendo a troca de letras nas palavras, completando palavras faltantes, relacionar palavras.

Nesse módulo, observou-se que o aluno 03 ainda se mostrava com dificuldades de memorização, pois ele já copiava bem do quadro, mas não conseguia memorizar as letras, formar as sílabas e as palavras. Já o aluno 02 que também estava se desenvolvendo de forma mais lenta, estava evoluindo.

O Módulo 43 foi realizado em 19 de novembro de 2022. Iniciou com a apresentação de 02 vídeos lúdicos abordando as consoantes V e X e as vogais. Essas

letras formam as famílias silábicas: VA-VE –VI-VO-VU e XA- XE-XI-XO-XU. Só que agora o foco era na construção dessas sílabas em letras minúsculas de fôrma e cursivas. No quadro, foi registrado: v+a=va; v+e=ve; v+i=vi; v+o=vo e v+u=vu e x+a=xa; x+e=xé; x+i=xi; x+o=xo e x+u=xu.

Algumas palavras envolvendo essas sílabas foram indicadas pelos alunos: VACA, VAI, VAPOR, VAGO, VEIA, VERDE, VERSO, VENTO, VELHO, VIM, VIDRO, VIDA, VILA, VINTE, VIPE, VOU, VOLTAR, VOVÔ, VOVÓ, VOCÊS, VOLTAR, VULGO, VULGAR, construiu-se algumas orações e textos a título de memorização e leitura, sendo essa leitura de forma lenta e gradual.

O que foi observado nessa aula é que, na forma maiúscula os alunos estão lendo bem e evoluindo cada vez mais, entretanto, nas formas cursivas e de fôrma ainda estavam com dificuldades, o que demandou ampliar os trabalhos para amenizar essas dificuldades. Assim, utilizou frases construídas pelos próprios alunos com base no cotidiano de cada um, entendendo que a leitura poderia se tornar mais dinâmica.

Frases construídas pelos alunos:

- Oi, bom dia! Tudo bem?
- O dia está lindo.
- Hoje é sábado.
- A nossa aula está muito boa.
- O amor é lindo.
- Eu amo minha sogra.
- Muzambinho é a minha cidade.
- Eu nasci em Arapongas Paraná.
- O dia está lindo é maravilhoso.
- Hoje é sábado, amanhã será domingo, eu vou dormir até tarde.
- Vou almoçar na casa da minha sogra dona Neuza.
- Estou apaixonada pelo meu namorado que se chama Celso, ele mora na cidade de Monte Belo-MG, iremos nos casar no ano de 2023 e seremos felizes em nome de Jesus.
- Nosso amigo Cirineu vai vender sorvetes à tarde e vai ganhar muito dinheiro, ele não vai vender fiado, pois, já vendeu e não recebeu, não vende mais para essa pessoa.

- Eu vim do estado de Pernambuco faz mais ou menos 25 anos. Quando Cheguei em Muzambinho passei por muitas dificuldades, mas, venci todas. Hoje estou bem estabilizado na vida.

Todas as frases foram escritas das três formas, maiúsculas e minúsculas cursivas e de fôrma. As dificuldades dos alunos tanto na leitura quanto na escrita se referia às palavras em letra de fôrma minúscula, o que foi trabalhado usando material apresentado em Datashow, atividades variadas, passo a passo.

O módulo 44, realizado dia 26 de novembro de 2022, envolveu o estudo da letra Z e as formações silábicas com essa letra: ZA, ZE, ZI, ZO e ZU. No quadro, utilizando o design foi registrado: z+a=za; z+e=ze; z+i=zi; z+o=zo e z+u=zu e foram também tirando as dúvidas e eles copiaram em seus cadernos tanto em letras minúsculas de fôrma quanto em letras cursivas. Os alunos usando essas sílabas apresentaram exemplos de palavras: zagueiro, zangado, Zagalo, zabumba, Zacarias, zap, Zezé, zebra, Zélia, Zema, zena, zebu, zero, zelador, Zeca, Zezé, Zica, zinco, zíper, zuar, zum, zumba, zunir, zulu.

Foi explicado detalhadamente para os alfabetizando que, quando as palavras terminam com a consoante Z, elas têm o som de S e foi realizado uma atividade na qual deram exemplos de algumas palavras terminadas com Z e com som de S: luz, Luiz, raiz, verniz, cicatriz, rapidez, surdez, xadrez, cuscuz, dez, liz, capaz e giz.

Realizou-se também um exercício detalhado mostrando a diferença das consoantes RRA e RA nas palavras escritas em letras minúsculas, colocando a diferença do som e da escrita dessas palavras: cara, caro, raro, carro, carrossel, carinho, carrinho, muro, murro, burro, arroz, aro e arado.

Totalizou nesta data 132 aulas e os alunos estavam mostrando evolução a cada dia em suas construções de sílabas, palavras, pequenas frases e leitura.

Os módulos 45, 46 e 47, foram realizados respectivamente nos dias 03, 10 e 17 de dezembro de 2022, contando com presença de 9 alunos e 3 professores.

Nessas aulas foi realizada uma grande revisão das famílias silábicas estudadas, escritas em maiúsculo, minúsculo de fôrma e cursiva.

No módulo 45, foi realizado um exercício escrevendo no quadro e nos cadernos as famílias silábicas em maiúsculo, minúsculo de fôrma e cursiva do A até o M. Sendo BA, BE, BI, BO, BU, ba, be, bi, bo, bu, CA, CO, CU, CE, CI, ca, co ,cu, ce, ci, DA, DE, DI,DO,DU, da, de, di, do, du, FA,FE,FI,FO,FU, fa, fe,fi,fo,fu, GA, GO ,GU, GE ,GI, ga, go, gu, ge, gi, HA,HE,HI,HO,HU, ha,he,hi, ho,hu, JA,JE,JI,JO,HU, ja, je ,ji, jo, ju, LA,

LE, LI, LO, LU, la, le, li, lo, lu, MA, ME, MI, MO, UM, ma, me, mi, mo e mu. Foi lembrada a diferença na fonética do ca, co, cu, e o CE, CI, e também do ga, go e gu e GE e GI.

Foi projetado o alfabeto completo no quadro em minúscula e de fôrma e maiúscula e realizou um exercício onde os alunos falavam as palavras e iam no quadro e circulavam as letras das palavras com o pincel. Todos participaram criando as palavras e cada um circulou várias palavras tanto escritas em minúsculas quanto em maiúsculas e os alunos gostaram muito da atividade.

Na sequência retornou o trabalho das sílabas complexas escritas das três formas, sendo o CHA, CHE, CHI, CHO, CHU, cha, che, chi, cho, chu, NHA, NHE, NHI, NHO, NHU, nha, nhe, nhi, nho, nhu, e LHA, LHE, LHI, LHO, LHU, lha, lhe, lhi, lho, lhu.

Trabalhou intensamente a fonética dessas sílabas e escreveu no quadro e nos cadernos frisando sempre a letra que vem antes do H, podendo ser o C, N ou o L.

Voltamos novamente ao início do alfabeto trabalhando as sílabas complexas, inserindo o R e o L na família silábica, construindo assim Bra, Bre, Bri, Bro, Bru, BRA, BRE, BRI, BRO, BRU, até o TRA, TER, TRI, TRO, TRU e tla, tle, tli. Repetindo todas as sílabas uma a uma pausadamente trabalhando a diferença fonética e escrevendo no quadro e no caderno.

No módulo 46, realizou-se um exercício escrevendo no quadro e nos cadernos com a família silábica em letras maiúsculas, minúsculas de fôrma e cursivas do C focando no Cedilha ÇA, ÇO, ÇU. Trabalhou também o ÇÃO e ÇÕES. Foi explicado detalhadamente a cedilha, a mudança vocal e escrita da mesma e o til sempre que houver a ligação de AO e OES.

Foi escrito no quadro várias palavras com a cedilha e praticou bastante a escrita e a fonética. Construindo as palavras: Ação, Coração, Ações, Corações, Canção, Açaí, Guaçu, Carçoço, Pesçoço, Açço, Piaçu, Açude, Açores, Cação. Trabalhou também o Ca, Co, Cu e o Ce, Ci, mostrando a diferença fonética do Ce e Ci e escreveu várias palavras em maiúsculas, minúsculas cursiva e de fôrma: Cinema, Capa, Café, Comer, Cua, Cunhado, Cozinhar. Cebola, Cego, Celeiro, Cisma, Cisterna.

Projetou o alfabeto completo no quadro em minúscula e de fôrma e maiúscula e realizou um exercício onde os alunos falavam as palavras e iam no quadro e circulavam as letras das palavras com o pincel, todos participaram criando as palavras e cada um circulou várias palavras tanto no minúsculo quanto no alfabeto em maiúsculo e os alunos gostaram muito da atividade.

Teve-se um tempo para tirar as dúvidas de leitura por parte dos alunos, qual era a dificuldade de cada um com a leitura e percebeu que há ainda uma necessidade de trabalhar mais um pouco as palavras em letras minúsculas, de fôrma e cursiva.

Com as letras maiúsculas eles estavam lendo bem e escrevendo bem espontaneamente. Apresentaram dúvida nas sílabas GE e GI e JE e JI. Foi escrito novamente todas as sílabas no quadro e realizou um exercício fonético diferenciando as mesmas na forma escrita e falada.

No módulo 47, o último módulo do curso de ambiente de aprendizagem, realizado dia 17 de dezembro de 2022, no mesmo local, estiveram presentes 09 alunos e 3 professores

Finalizando nesta data essa segunda fase, realizou-se um exercício de memorização escrevendo no quadro sem os cadernos onde foram construindo palavras e pequenas orações e os alunos iam escrevendo e tirando as dúvidas sobre as palavras escritas nas orações. Houve a prática de orações com SS, RR, NHA ao NHU, CHA ao CHU, LHA ao LHU, pois percebeu que nessas sílabas ainda tinham dificuldade na construção, ao ler e para escrever.

Projetou-se o alfabeto completo no quadro em maiúsculas, minúsculas cursivas e de fôrma e realizou-se outras atividades em que os alunos falavam as palavras e iam ao quadro reconhecer, circular as sílabas das palavras com um pincel. Todos participaram criando palavras e cada um circulou várias palavras tanto em letras minúsculas quanto em letras maiúsculas.

Assim, findou-se essa segunda fase, que teve um ano de duração. A orientação a todos foi no sentido de que praticassem a leitura, a cada dia.

Foram realizadas 141 aulas presenciais e 60 horas aulas de atividades para casa, no total de 200 horas e concluiu-se que os alunos participantes estavam já alfabetizados, conhecendo as letras, as sílabas e com conhecimentos na construção de palavras e orações tanto oral quanto na forma escrita, lendo e escrevendo bem nos cadernos e no quadro, com exceção do aluno 03 que ainda apresentava dificuldades de memorizar o que aprendia, embora copiasse corretamente. O aluno 03, embora tivesse ritmo mais lento que os demais estavam evoluindo na aprendizagem. Diante disso, entende-se que mesmo trabalhando de forma especial com o aluno 03, com um professor dedicado praticamente exclusivo para ele, mudando a didática e a metodologia, variando as formas de explicar, ele não estava conseguindo evolução no seu quadro de alfabetização.

6 RESULTADOS

6.1 DESIGN METODOLÓGICO

Para se obter os resultados do ambiente de aprendizagem, foi utilizado um design metodológico desenvolvido pelo pesquisador, que consiste em utilizar os símbolos das operações matemáticas, sendo o +, - e = em todo o processo. Iniciando com as vogais maiúsculas, exemplo: A+I= AI. Seguindo com o agrupamento de uma consoante e uma vogal, B+A= BA, formando as sílabas simples até o final do alfabeto. Ao mesmo tempo, agrupando sílabas, BO+CA= BOCA. Complementando com pequenas frases e orações usando somente as sílabas construídas até o momento.

Na sequência, parte para a construção das sílabas complexas em maiúsculo iniciando no B e percorrendo até o Z. B+R+A= BRA, B+L+A= BLA...V+R+A= VRA.

Sendo construído depois de cada sílaba, pequenas orações e frases até a mesma. Concluída essa primeira fase, evolui com o mesmo padrão para a escrita de forma minúsculas e cursiva, simples e complexas até finalizar o alfabeto (Relatórios).

Após inicia-se com algumas regras gramaticais como iniciar as frases com a primeira letra maiúsculo, substantivos próprios, acentuações, o uso da cedilha, 2 RRs, 2 Ss, construção de frases e prática de leitura. Como as reuniões se deram somente aos dias de sábados foram denominadas como módulos e cada um de 03 aulas.

A cada um dos módulos realizados, eram desenvolvidas as atividades para os participantes realizarem em casa durante a semana, material esse que foi utilizado para a avaliação da construção da escrita nos cadernos, essa prática se deu durante todo o ambiente de aprendizagem e se mostrou um excelente resultado, pois, os mesmos exercitavam em casa e desenvolviam a escrita progressivamente.

6.2 FONÉTICA

Utilizando a fonética na construção da arquitetura das letras e sílabas, pois, com essa ferramenta, utilizamos a fala da letra ou sílaba e a transportamos para o quadro e o caderno tornando-a escrita. Savage (2015), conceitua a fônica como sendo

um estudo consciente e concentrado da relação entre sons e símbolos, com o objetivo de aprender a ler e a escrever. Esse autor afirma: “a relação entre letras e sons fica no núcleo da fônica. A fônica baseia-se no princípio alfabético, que exige o conhecimento das correspondências letra-som para pronúncia e a produção da linguagem escrita. [...] é uma ferramenta que ajuda no letramento”

6.3 MÚSICA

Outro recurso muito utilizado no ambiente de aprendizagem foi a música na construção das sílabas simples e complexas. A música é um excelente instrumento que facilita no processo de aprendizagem, pois o aluno aprende a ouvir de maneira ativa e refletida, já que quando for o exercício de sensibilidade para os sons, maior será a capacidade para o aluno desenvolver sua atenção e memória (Penna, 1990).

Ao mesmo tempo que ao utilizar a música, utiliza-se as imagens produzidas nesses vídeos musicais, que vai estar trabalhando a memorização, a ligação da imagem com as palavras, portanto, a música faz parte dos recursos áudio visuais.

Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino e aprendizagem, onde, anteriormente, predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor (Kenski, 2012).

6.4 DIÁLOGOS

O diálogo de uma forma natural entre o educador e o educando, dentro desse ambiente de aprendizagem é muito importante e pode ser utilizado para conhecer esses cidadãos, e assim chegar ao conhecimento empírico desses participantes, suas experiências, seus conhecimentos e dessa forma, trabalhar estratégias e temas do dia a dia deles. Relacionando se a importância da linguagem no processo de ensino e de aprendizagem e a postura colaborativa de construção do conhecimento, o diálogo

entre os atores escolares surge como uma das principais propostas para as atividades de sala de aula, conforme Freitas (1999).

A aprendizagem sendo junto ao diálogo, propicia o desenvolvimento da capacidade de imaginar, inventar, criar e recriar, pois consiste no respeito aos alfabetizandos, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social Soares (1998).

6.5 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar pequenas histórias ou historietas, do nosso dia a dia e de nossas experiências ao longo da vida, histórias bíblicas, lidas ou até mesmo ouvidas, reais ou folclóricas, nada mais é que contextualizar algo e trazer para o presente e usar como exemplo, ou uma comparação, fazendo uma ligação e levar a uma melhor compreensão por parte dos aprendizados.

De acordo com Ramos (2011), nas pegadas das histórias contadas, o professor que conta histórias vai compartilhar uma imensidão de palavras com outros corações causando infinitos efeitos em quem o escuta.

E ao imitar e brincar utilizando a voz e os gestos o professor vai contando a história e vai equilibrando-se nas palavras e nas riquezas que a história presenteia e envolve seus ouvintes, em idas e vindas, a outros mundos, espaços dos quais, de certo, não hesitarão em voltar.

Entendemos como é importante que os educadores, em todos os anos escolares, (re)conheçam a prática de narrar histórias como uma prática de leitura fundamental para a formação dos alunos enquanto leitores. Todavia é indispensável que essa importância não fique só no discurso. Ela deve ser tecida no dia a dia escolar, ano após ano (Ramos, 2011, p. 24).

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADO DOS ALUNOS

Em uma escala de 1 a 10, a título de se mensurar essa construção da alfabetização proposta no design desenvolvido dentro do ambiente de aprendizagem, essa ação, mediante a construção da escrita gráfica maiúscula, minúscula e cursiva, exercícios nos cadernos, aprendizado de leitura e memorização, participação nas aulas, habilidades, competências, saberes, facilidades, seus conhecimentos empíricos, realização de atividades complementares em casa, avaliou-se também, por meio uma avaliação escrita simples de múltiplas questões, com questões em desenhos, realizado um pequeno ditado e frases para completar e após as correções realizadas pelos 03 professores participantes, chegou ao seguinte desenvolvimento.

Foi utilizado números em substituição aos nomes, a título de se preservar a identidade dos partícipes.

A aluna 1, tinha 42 anos à época do ambiente de aprendizagem. Estava se desempenhando de forma excelente, mostrou facilidade no aprendizado da escrita e leitura. No entanto, mudou-se de cidade, interrompendo assim, o processo na metade do curso. A mesma assinava o nome somente e também de acordo com o questionário respondido, é uma migrante, oriunda da zona rural, não lia e não conhecia as letras e as palavras.

O autor Carvalho (2009), buscou identificar os fatores relevantes do abandono e do retorno à escola, apontando para problemas dentro e fora do sistema escolar.

Foram considerados como os principais fatores do abandono: a necessidade do discente trabalhar, mudança de residência e morar longe da escola, não conseguir conciliar os horários de trabalho e das aulas, a pressão da família para ajudar na renda financeira, dificuldade no relacionamento aluno professor, a dificuldade com os conteúdos de matemática, falta de um currículo mais próximo do aluno e até as más condições físicas das escolas.

O aluno 2, de 68 anos, recebeu uma avaliação 7,0, pois terminou o ambiente, lendo e escrevendo bem, mas ainda apresentava ao final, uma dificuldades nas letras minúsculas de fôrma e cursiva. Essa dificuldade se deu devido ao mesmo ter muitas faltas devido a ter problemas de diabetes. Comprovado por receitas médicas.

Partindo do princípio que o mesmo, também só assinava o nome e também não conhecia a escrita e não sabia ler, sendo também um migrante, portador de problemas

de saúde, evoluiu e está buscando os seu ideal de tirar CNH conforme resposta no questionário e essa construção vem de encontro com o ambiente de aprendizagem, mostrando um resultado positivo de alfabetização e inclusão escolar “A alfabetização é muito importante para dar liberdade e autonomia para as pessoas.” (Miskalo, 2009).

O aluno 3, de 69 anos, recebeu uma avaliação 3,0, pois, apesar de participar ativamente no decorrer do ambiente de aprendizagem, copiando bem e escrevendo bem, porém, não conseguia memorizar o que se construía, não conseguia ler, apesar de toda a atenção e dedicação que a equipe teve com ele.

De acordo com o apresentado pelo aluno e o acompanhamento durante o ambiente de aprendizagem, as atividades para casa, o caderno do mesmo conforme os relatórios de aulas, constatou-se desde o início a dificuldade em memorizar o que o mesmo escrevia, construía a escrita e não conseguia ler, não memorizava as letras, foi mantido no ambiente durante todo o processo e não evoluiu. Nos resultados o mesmo foi infelizmente constatado com um insucesso apesar de todos a dedicação e empenho dos educadores.

Pode-se colocar que há uma deficiência intelectual ou atraso cognitivo, diagnostica-se, observando duas coisas (Almeida, 2007), funcionamento cognitivo ou intelectual: capacidade do cérebro da pessoa para aprender, pensar, resolver problemas, encontrar um sentido no mundo. Funcionamento ou comportamento adaptativo: competência necessária para viver com autonomia e independência na comunidade em que se insere. Percebe-se no aluno observado comprometimento nestes dois aspectos uma vez que mediante os aspectos expostos anteriormente verifica-se um comprometimento no seu desenvolvimento.

O aluno 4, de 53 anos, recebeu uma avaliação 8,0, pois, apesar dos problemas de audição e visão com laudo médico, mesmo assim, desenvolveu de forma responsável e participativa, dominando bem a escrita e a leitura.

Nessa mesma, Imbernón (2004), defende que o papel da educação é o de tornar as pessoas capazes de refletir e poder tomar suas próprias decisões, como cidadãos, sem serem manipuladas ou enganadas. Ainda afirma que, o objetivo da educação é ajudar a libertar as pessoas, torná-las a cada dia menos dependentes do poder econômico, político e social.

O aluno 5, de 59 anos, recebeu uma nota 8,0, considerando a desenvoltura na leitura e escrita, tendo pequenas dificuldades apenas em sílabas complexas o que foi

superado ao final do processo. Segundo o mesmo, o seu grande sonho é tirar a CNH, comprar um carro e poder viajar, resposta do questionário.

O autor Libâneo (2012), evidencia que a educação deve ser entendida como um fator de realização da cidadania, para a vida com qualidade, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social.

O aluno 6, de 48 anos, recebeu uma avaliação 10,0, pois está lendo e escrevendo desembaraçadamente. Sendo um dos melhores alunos, o mesmo até trocou o seu RG que era de não alfabetizado e agora tem o RG normal. O mesmo também migrante, tendo os pais analfabetos e mais 5 irmãos sem alfabetização.

Nóbrega (2006), aponta a baixa escolaridade da família do aluno como um dos principais fatores para a evasão do aluno da escola, pois desta forma a família não consegue acompanhar as atividades escolares do aluno no dia a dia. Nas respostas do questionário constatou-se que a maioria dos pais dos participantes são analfabetos. Como não foram escolarizados achavam que os filhos também não necessitariam ser escolarizados. Nesse caso há um rompimento de paradigmas.

O aluno 7, de 56 anos, estava indo muito bem e evoluindo dentro do ambiente de aprendizagem, mas, desistiu pouco depois da metade do processo, foi procurada, mas, não deu retorno. Narciso (2015, p. 221), apresenta fatores que mostram motivos para que os alunos sejam levados ao abandono escolar: Os fatores que contribuem com o abandono escolar são de diversas ordens, dentre eles destacam-se: reprovação, notas baixas, problemas com a instituição, conflitos na relação aluno-professor e aluno-aluno, problemas pessoais e familiares, problemas de saúde, dificuldade financeira, necessidade de trabalhar, desinteresse pelo curso, ausência de perspectivas futuras, conhecimento limitado dos componentes curriculares das séries anteriores, dificuldade de acesso à instituição, estrutura física da escola deficitária, indisciplina, incompatibilidade de horário entre trabalho e estudo, violência, dentre outros.

O aluno 8, de 56 anos, recebeu uma avaliação 10,0, pois foi muito bem e evoluiu bastante, e, apesar de ter faltado em algumas aulas, desenvolveu igualmente aos outros que não faltavam.

De acordo com Freire (1987), o comprometimento com a transformação social é a grande premissa da educação como uma ferramenta de libertação do sistema. Esse é outro exemplo, sendo um migrante que veio para colher café devido a atração que a cafeicultura em nossa região devido a necessidade de mão de obra. Segundo

questionário o mesmo também tem um sonho de prosseguir estudando para tirar a cnh, tem mais independência.

O aluno 9, de 49 anos, desistiu na metade do processo, apesar de ter facilidade de aprendizado da escrita e leitura e estar indo muito bem. Segundo Espíndola e Leon (2002), a evasão e o abandono escolar no Brasil são um problema que sempre esteve ligado à questão do fracasso e da repetência, sendo no ensino fundamental e no ensino médio em número maior. Neri (2009), pode ser ocasionado por “indisponibilidade de serviços educacionais de qualidade e a falta de percepção acerca do futuro”.

Evasão, para os autores Riffel e Malacarne (2010), é o mesmo que evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar, no caso a escola, a sala de aula, o compromisso. Quando se trata de evasão escolar, entende-se como uma fuga ou abandono da escola em função da realização de outras atividades, vemos aqui nas palavras dos autores uma junção entre abandono e evasão.

A aluna 10, de 75 anos, iniciou e estava se desenvolvendo bem no ambiente de alfabetização, mas desistiu bem no início, alegando problemas de saúde. Diante da alegação da mesma, achou-se por bem não procura-la e nem insistir com a mesma, o que foi feito com os demais que desistiram.

A aluna 11, de 55 anos, recebeu uma avaliação 10,0, podendo-se afirmar ter sido a aluna de melhor desempenho em todos os aspectos, apresentando um desenvolvimento acima da média. A mesma é mais um caso de migração com sua família ainda criança para colheita de café e veio residir na roça, onde não tinha escola, ficou sem estudar. Sendo ela evangélica, relatou a mesma no questionário que o sonho de sua vida é ler a bíblia. Sendo sua conquista diferente dos demais partícipes.

A aluna 12, de 40 anos, iniciou tardiamente, faltava muito às aulas e embora tivesse facilidade de aprendizado acabou desistindo, foi procurada, mas, não deu retorno sobre o motivo, era a mais nova do ambiente de aprendizagem há época.

Para Arroyo (1993), a natureza do problema está na diferença de classes sociais, e este é o principal fator para o fracasso escolar das camadas populares. E acrescenta: “É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classes. Tendo em vista

que praticamente todos os partícipes são constituinte da classe C, pouco são os que tem renda superior a um salário mínimo.

A aluna 13, de 46 anos, recebeu uma avaliação 9,0, pois tendo iniciado semanas depois, conseguiu um desempenho ótimo, mostrando facilidade de aprendizado. De acordo com os demais esses cidadão tem facilidade em aprender a ler e escrever e podem até prosseguir na escolarização se assim entenderem, esse primeiro passo no ambiente de aprendizagem mostrou-lhes que são capazes.

A aluna 14, de 61 anos, recebeu uma avaliação 9,0, pois apesar das faltas por problemas familiares, desenvolveu muito bem e mostrou ter facilidade no aprendizado. Essa aluna, quase desistiu por várias vezes, mas, apesar dos problemas, lutou e finalizou com sucesso.

Dos não inclusos no sistema de ensino em tempo regular a faixa etária de idade mais avançada são os mais afetados. As estatísticas do censo (PNAD, 2023), mostram que as taxas de analfabetismo são mais altas nas faixas etárias mais velhas.

Essa situação é agravada pela ausência de políticas educacionais voltadas para esses casos. Pode-se dizer que a evasão escolar nas áreas rurais predispõe a maiores taxas de analfabetismo entre as populações rurais, especialmente nas faixas etárias mais altas. Conforme defende Marques e Machado (2015), há a “necessidade de ampliar as políticas ligadas aos idosos, com objetivo de influenciar seu bem-estar e dignidade, principalmente dos economicamente desfavorecidos que são excluídos na sociedade”.

De acordo com desenvolvimento do ambiente de aprendizagem realizado, dentre as datas de 08 de janeiro de 2022 a 17 de dezembro do mesmo, com suas aulas sendo realizadas aos sábados com 03 aulas por semana, sendo sua carga de 150 horas/ aulas presenciais, mais 50 hora/ aulas de atividades desenvolvidas em casa, num total de 200 horas aulas, devidamente calculadas, seguidas de relatórios de cada módulo, o resultado confirma que o design utilizado somado as demais ferramentas citadas acima pode contribuir para a realização de uma alfabetização real e verdadeira dentro dessa carga horária.

7.1 ESTATÍSTICAS DOS RESULTADOS

Foi utilizado a ferramenta Excel para o cálculo dos percentuais

Em síntese, do total de 14 alunos, 09 alunos do ambiente de aprendizagem vieram a concluir as 2 fases e tiveram uma média 8,8 de avaliação. Dos 5 alunos que desistiram do ambiente de aprendizagem, um deles o fez no início e 04 deles frequentaram até a metade do curso e desistiram, contabilizando 28,57%, a taxa de desistentes. Dos que desistiram, uma aluna mudou-se de cidade. Dos que entraram e finalizaram, apenas um aluno não conseguiu a alfabetização (7,15%). Dos alunos que desistiram somente a aluna nº 10 se manifestou sobre as razões de desistir.

Outro dado é que dos 14 alunos, 10 não tinham aparelhos de celulares e 04 possuem os telefones. Tendo o laboratório 57,14 %, de resultado positivo.

33,0%, pagam aluguel em média R\$ 330,00, 65,0%, são aposentados ou pensionistas, 55,0%, são migrantes, 85,0%, oriundos da zona rural, 64,0%, tem filhos sendo, 02 em média, 7,5%, são casados, 35,0%, solteiros, 21,5%, separados, 21,5%, viúvos (as), 64,0%, brancos, 14,5% negros, 21,5%, pardos. 42,0% de homens e 58,0%, de mulheres, 55 anos de idade média.

7.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE DESCRITIVA

Foi desenvolvido e aplicado um questionário de perfil sócio econômico para ambiente de aprendizagem, a título de se buscar conhecer cada um desses alunos, contendo 30 perguntas, com múltiplas respostas que foram elaboradas de forma que os dados coletados sejam utilizados na pesquisa quantitativa e qualificativa (em apêndice).

Somente assim, foi possível conhecer melhor os alunos pesquisados, por meio das expressões que utilizaram em suas respostas nos questionários, dos conceitos, contradições e repetições que se externalizaram.

Sendo utilizado para essa análise descritiva o Software MaxQDA 2000.

7.2.1 Dos códigos utilizados para análise descritivas

Por que quer ser alfabetizado?

O que o levou a tomar essa atitude de voltar a estudar?

Por que veio ou migrou para Muzambinho?

Quanto anos tinha na época da migração?

Quantos anos você tem hoje?

Chegou a estudar em algum momento?

Lembra o ano que estudou e a cidade?

Quais o motivo da interrupção?

A condição financeira da família interferiu nos estudos?

Acredita que a Alfabetização vai melhorar sua vida?

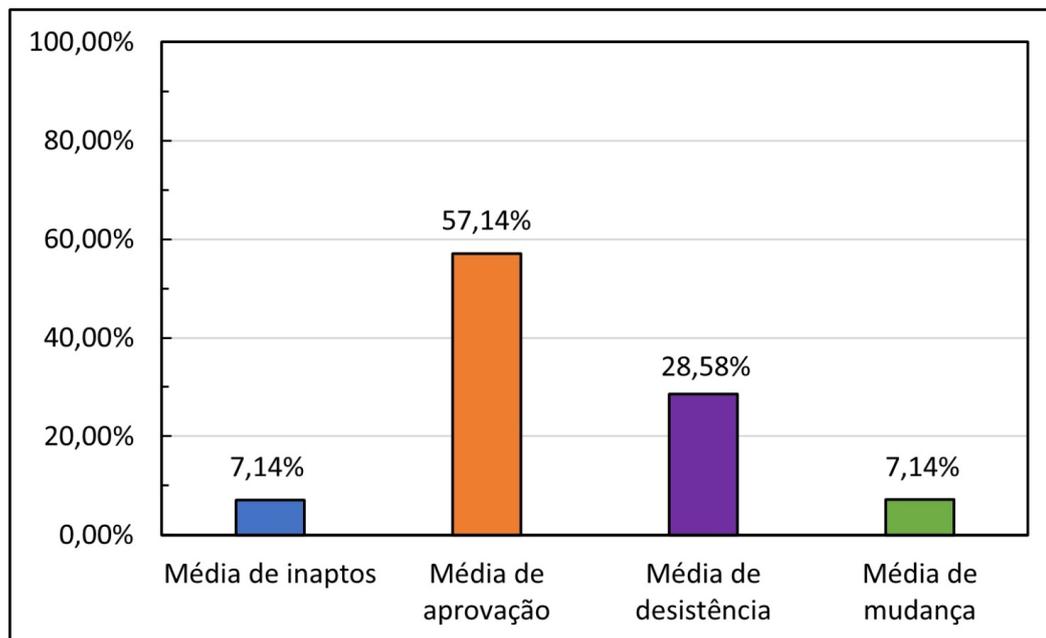
Seus pais estudaram?

Em qual cidade você nasceu?

Quais as Perspectivas de um futuro melhor?

Tem problemas de saúde comprovado?

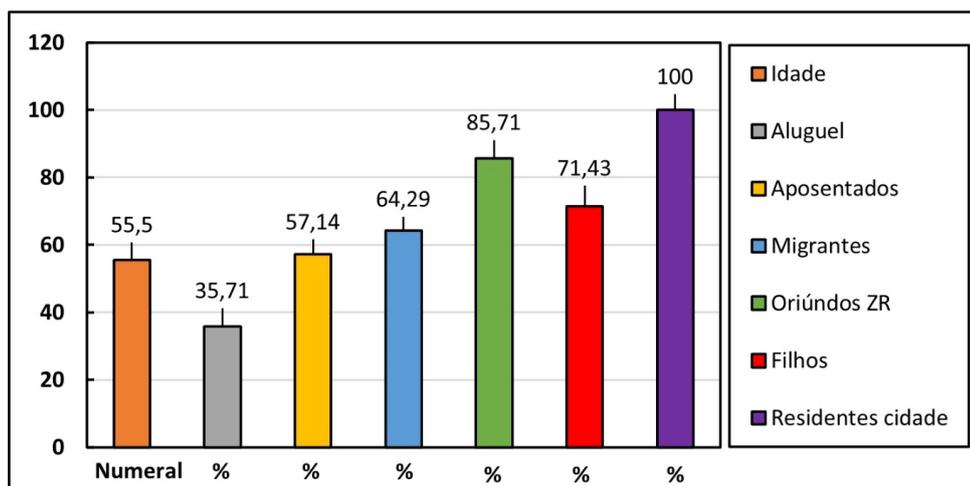
Gráfico 2 – Gráfico do desenvolvimento dos alunos com dados de aprovados, inaptos, desistentes e aluno que mudaram de cidade. Avaliação para aprovação aproveitamento acima de 6,0



Fonte: Elaborado pelo autor no MaxQda.

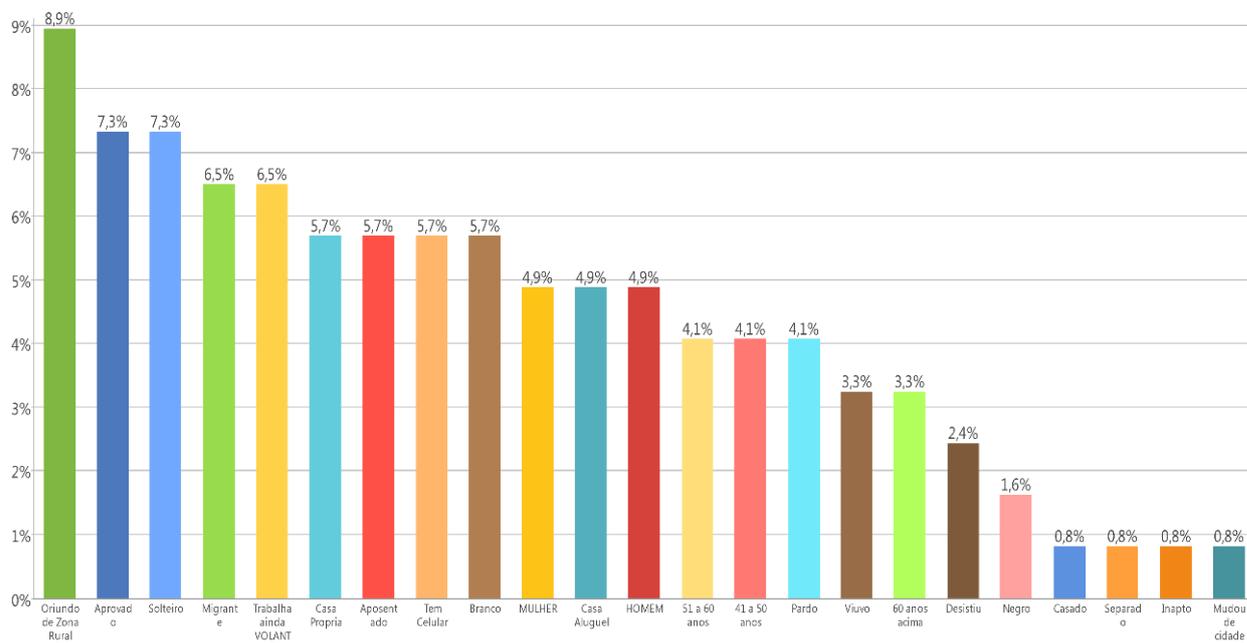
7.2.2 Análise de dados dos resultados

Gráfico 3 – Idade, paga aluguel, aposentado, migrante, oriundo de zona rural, tem filhos e residente na cidade



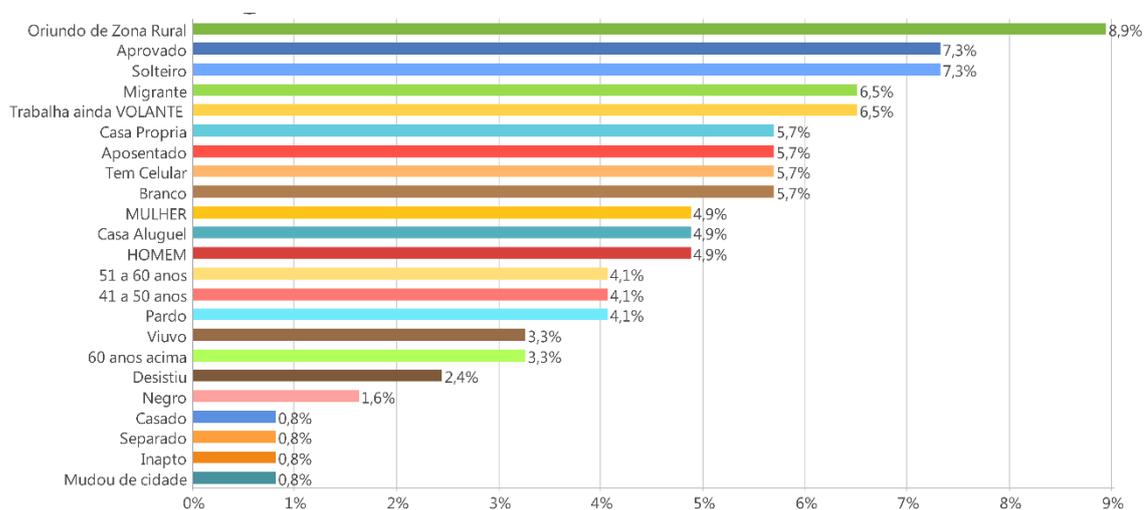
Fonte: Elaborado pelo autor no MaxQda.

Gráfico 4 – Dados globalizados



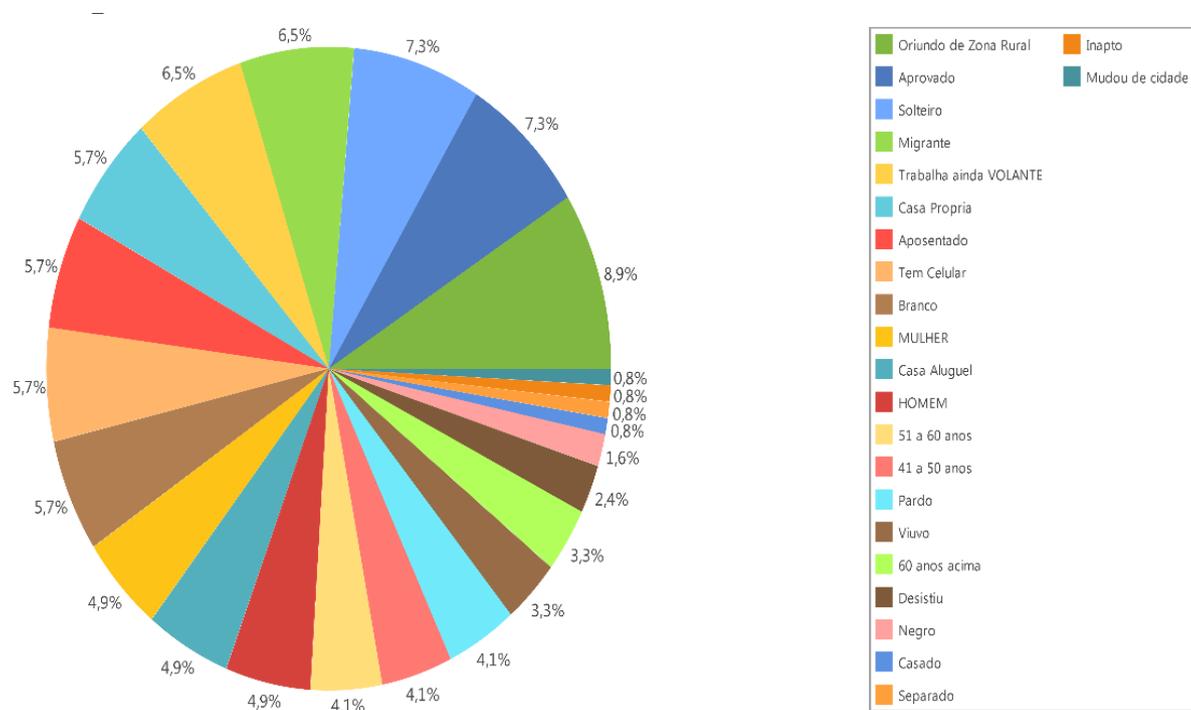
Fonte: Elaborado pelo autor no MaxQda.

Gráfico 5 – Perspectiva socioeconômica 2



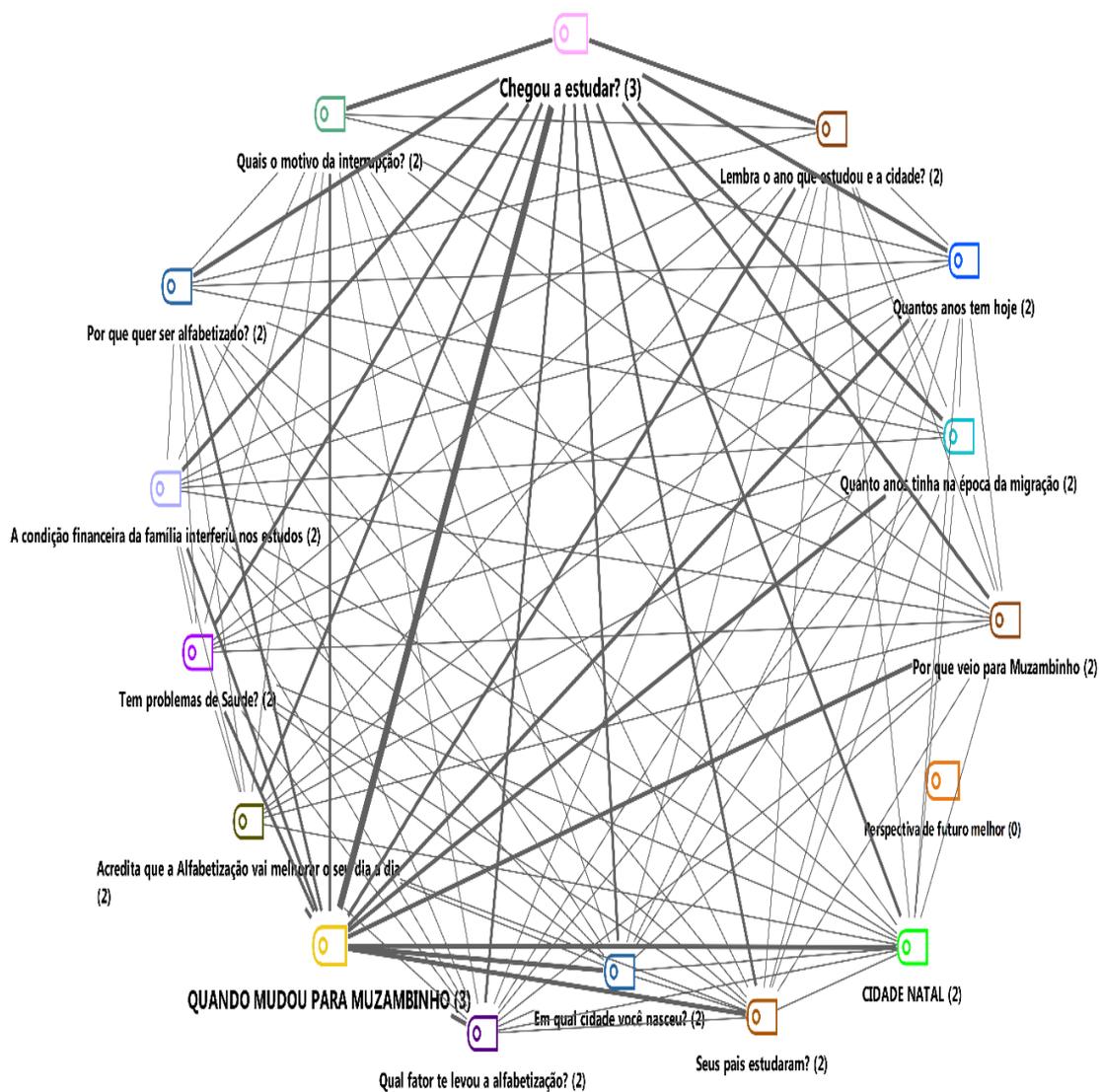
Fonte: Elaborado pelo autor no MaxQda.

Gráfico 6 – Perspectiva socioeconômica 3



Fonte: Elaborado pelo autor no MaxQda.

Gráfico 7 – Frequência de códigos do MaxQda



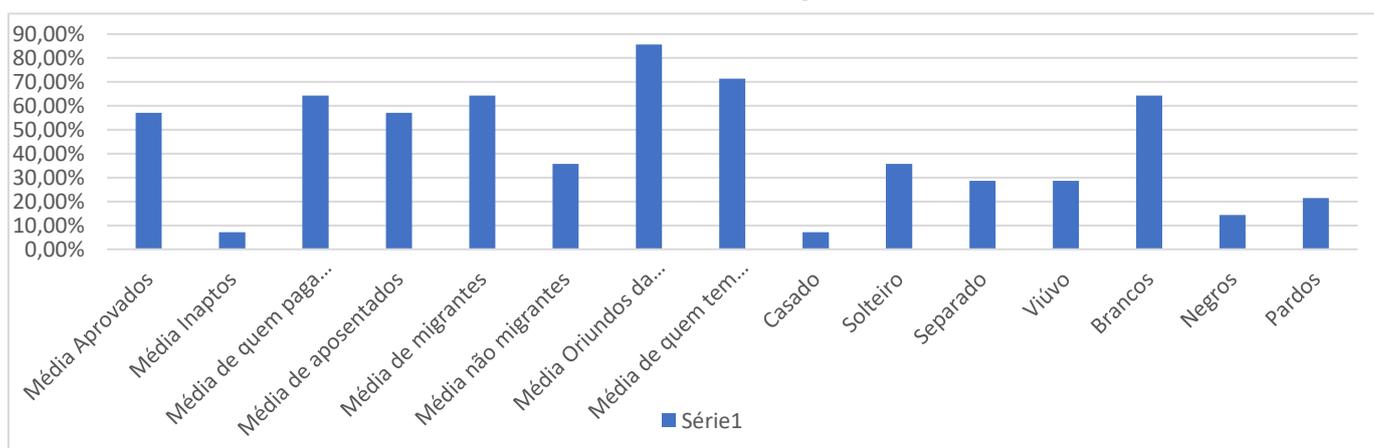
Fonte: Elaborado pelo autor no MaxQda.

Quadro 1 – Dados gerais totais

Nomes Alunos	IDADE	Nota	Raça	Celular	Civil	Aluguel	Aposent	Trabalha	Migrante	O ZN RU	Filhos	Res Cid	Aprov	Total de Alunos	14
13	46	9	Branco	S	SP	N	N	S	N	S	S	S	S	Idade média	55
05	59	8	Branco	N	S	N	N	S	N	N	N	S	S	Média Aprovados	57,00%
12	41		Branco	N	S	N	N	S	S	S	S	S	D	Média Inaptos	7,15%
08	56	10	Parda	S	SP	S	N	S	S	S	S	S	S	Média paga aluguel	33,00%
06	48	10	Negro	S	SP	N	N	S	S	S	S	S	S	Média aposentados	65,00%
10	75		Branco	N	V	N	S	N	N	S	S	S	D	Média de migrantes	55,00%
14	61	9	Branco	N	V	N	S	N	N	S	S	S	S	Média não migrantes	45,00%
11	55	10	Branco	S	V	N	S	S	S	S	S	S	S	Oriundos zona rural	85,00%
01	42		Branco	N	SP	S	S	N	S	S	S	S	D	Média tem filhos	64,00%
03	68	3	Negro	N	S	S	S	S	N	S	N	S	I	Casado	7,14%
07	56		Parda	N	V	N	S	S	S	N	S	S	D	Solteiro	35,00%
02	68	7	Branco	N	S	S	S	N	S	S	N	S	S	Separado	21,40%
09	49		Parda	N	C	N	N	S	S	S	S	S	D	Viúvo	21,40%
04	53	8	Branco	N	S	S	S	N	S	S	N	S	S	Branços	64,00%
														Negros	14,30%
														Pardos	21,40%
														Media aprovação nota	8,8
														Desistentes	35,00%
														Tem Celular	28,00%

Fonte: Elaborado pelo autor- Ferramenta Excel.

Gráfico 8 – Dados gerais



Fonte: Elaborado pelo autor no Excel.

7.3 TRADUÇÃO DOS CÓDIGOS

Por que quer ser alfabetizado?

Essa foi a pergunta feita a esses partícipes do ambiente de aprendizagem, no sentido de ver suas aspirações e inspirações para fins pedagógicos, tentando entender por que passaram tantos anos e o porquê não foram alcançados pelo modelo de educação de sua época?

Respostas geral: Quero aprender a ler, tenho o desejo de ler e escrever, ser alguém, tem um emprego melhor, ter CNH, ter carro, ser igual aos outros. “A alfabetização é muito importante para dar liberdade e autonomia para as pessoas.” (Miskalo, 2009).

O que levou você a tomar essa atitude de voltar a estudar?

A ideia era conhecer as percepções dos alunos, quais os motivos que levaram os mesmos a voltarem a estudar, ou seja, quais eram as suas dificuldades no dia a dia sendo analfabetos, quais são as dificuldade e barreiras encontradas?

A resposta geral foi da seguinte forma. Com o tempo perdi a vontade de estudar, não tive a oportunidade nas escolas normais, ninguém se importa com a gente. Quando vi falar que eu podia aprender mesmo sendo mais velho, eu resolvi participar. Outro depoimento: “não acreditava que eu poderia aprender a ler e escrever, na escola não aprendi e agora vou tentar novamente e ver se vai dar certo”.

São respostas recorrentes daqueles que ficaram de fora do processo de escolarização por muito tempo.

Para Shultz (1962, p. 43) a “[...] educação serve para o desempenho no mercado de trabalho e sua expansão potencializa o crescimento econômico”. Em contraponto, Libâneo (2012), evidencia que a educação deve ser entendida como um fator de realização da cidadania, para a vida com qualidade, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social.

Por que veio para a cidade citada?

Buscar com essa pergunta o porquê da migração de sua cidade de origem para uma outra cidade, quais seriam esses motivos na época.

A resposta da maioria dos alunos constata que migraram com a família para a cidade do ambiente de aprendizagem, para trabalhar na colheita de café e cana de

açúcar, pois faltava emprego em suas cidades natais e se aventuraram em busca de uma vida melhor.

A cidade em questão dispõe de um comércio pequeno e com pequenas fábricas e indústrias, uma cidade no interior do estado de Minas Gerais, onde o trabalho e o emprego, em sua maioria, são voltados para a agricultura, o que amplia a necessidade de mão de obra, principalmente, na época da colheita do café, o que acontece todos os anos de maio a setembro, quando há necessidade de grande número de mão de obra local e de migrantes oriundos de outras cidades da região e até de outros estados do Brasil (Vilela; Rufino, 2010).

Essa necessidade leva muitos a se ausentarem das aulas para trabalhar na colheita do café, ajudando a própria família ou trabalhando para outros produtores, e ao mesmo tempo é alvo de milhares de famílias todos os anos que vem colher café, muitos voltam para a cidade natal e muitos acabam ficando.

Quanto anos tinha na época da migração?

Se é migrante, saber a idade desse acontecimento, se foi migrante de zona rural, buscar entender como a educação não atendeu ao homem do campo.

A maioria dos entrevistados vieram a migrar com a família sendo ainda crianças, em idade regular de escola, e nessa migração foram morar na zona rural, vieram de zona rural para zona rural e, além de não haver escolas na época, não havia transporte de alunos da zona rural como atualmente.

Veras (2002, p. 22) relata, em seu estudo, que “[...] essas migrações internas são até hoje uma característica do trabalho assalariado na cafeicultura.” É importante ressaltar neste espaço que isso ocorre devido ao trabalho sazonal, em época de colheita.

Quantos anos tem hoje?

Para fins de resultado na pesquisa, é importante saber a idade desse participante que está regressando para esse ambiente de aprendizagem, vai estar alicerçando e dando base para dados estatísticos. A idade média dos referidos alunos é de 55,5 anos.

Chegou a estudar em algum momento?

Saber se o particípe chegou a estudar em algum momento, o quanto chegou a estudar. O porquê não aprendeu, esse relato vai trazer dados e mostrar as causas dessa não alfabetização.

A maioria chegou a ir na escola por espaços de tempo, mas, o pouco que chegaram a aprender acabaram esquecendo e alguns assinam somente o nome.

Relataram a dificuldade dos mesmos residirem em zona rural e que, em sua maioria, teriam que se deslocar para a cidade, sem estradas, sem locomoção, ir a pé ou a cavalo. Estamos nos remetendo a uma média de 45 anos atrás.

Carvalho (2009), buscou identificar os fatores relevantes do abandono e do retorno à escola, apontando para problemas dentro e fora do sistema escolar. Foram considerados como os principais fatores do abandono: a necessidade do discente trabalhar, mudança de residência e morar longe da escola, não conseguir conciliar os horários de trabalho e das aulas, a pressão da família para ajudar na renda financeira, dificuldade no relacionamento aluno professor, a dificuldade com os conteúdos de matemática, falta de um currículo mais próximo do aluno e até as más condições físicas das escolas.

Lembra o ano que estudou?

Importante para a pesquisa saber onde esses alunos chegaram a estudar, se na cidade ou zona rural e em que ano isso ocorreu, para colocar quantos anos esse discente ficou fora do processo educacional. Não obteve-se sucesso nessa pergunta, pois, não sabiam responder uma data ou idade com certeza, a maioria deixou a escola ainda na fase básica, nos primeiros anos escolares, e poucos tentaram voltar a estudar, a ideia da família era que trabalhassem para ajudar a tratar dos irmãos mais novos. Fazer receita para alimentar a família.

Quais o motivo da interrupção?

Saber qual foi o motivo dessa interrupção ou nem o começo de se estudar em tempo normal é de extrema importância para o processo educacional, aprender com o passado e corrigir erros da educação nos dias atuais.

As repostas obtidas foi por causa de mudança de cidade, as vezes até várias mudanças de fazenda em fazenda, onde não haviam escolas rurais e quando haviam, a mesma era longe.

Assim, o abandono da escola regular em idade certa é o que leva as pessoas a procurarem a EJA para a continuidade dos estudos na escola básica. Segundo Espíndola e Leon (2002), a evasão e o abandono escolar no Brasil são um problema que sempre esteve ligado à questão do fracasso e da repetência, sendo no ensino fundamental e no ensino médio em número maior. A maioria dos participantes deste estudo morava na zona rural, sem escola e sem transporte, quando havia, a distância era muito longa, sem ter alguém para levar e ou acompanhar os mesmos. Não se dava importância para o aprender a ler e escrever e as famílias queriam que crescessem logo para poderem trabalhar.

A condição financeira da família interferiu nos estudos na época?

Conhecer se a condição financeira familiar da época interferiu, devido a muitos deixarem de estudar, o que era considerado normal.

De acordo com a respostas, praticamente todos deixaram de estudar por condições financeiras, as famílias tinham muitos filhos e a título de terem mais pessoas da família trabalhando para conseguir melhorar de vida. Estudar ou escolarizar não fazia parte dos planos dos pais de família da época, sendo praticamente todos analfabetos e colonos dos patrões. De acordo com Siqueira (2004), para os alunos da EJA, trabalhar e estudar ao mesmo tempo é uma realidade muito difícil e contraditória, sendo o trabalho uma necessidade para a sobrevivência. Assim, não se pode parar de trabalhar para estudar, e o estudo é realizado nas horas de folga, mesmo que estejam muito casados, o que acaba por dificultar mais ainda, mesmo sabendo que o estudo pode trazer mudanças em relação ao futuro profissional.

Acredita que a Alfabetização vai melhorar sua vida?

Entender de que maneira a alfabetização pode transformar ou trazer novos horizontes para a vida das pessoas. Nessa mesma direção, Imbernón (2004), defende que o papel da educação é o de tornar as pessoas capazes de refletir e poder tomar suas próprias decisões, como cidadãos, sem serem manipuladas ou enganadas. Ainda afirma que, o objetivo da educação é ajudar a libertar as pessoas, torná-las a cada dia menos dependentes do poder econômico, político e social.

As respostas dos alunos foram no sentido de se tornarem independentes e andar com as próprias pernas, não depender de favores de familiares para todas as

coisas. Uns querem ler a Bíblia, tirar carteira de motorista, comprar carros, arrumar um emprego melhor, poder fazer compras sozinho e montar pequenos negócios.

Seus pais estudaram?

Essa pergunta traz a pesquisa para dentro histórico familiar e pode nos mostrar se há uma sequência onde os pais não estudaram, os filhos geralmente não estudam ou estudaram. Nóbrega (2006), aponta a baixa escolaridade da família do aluno como um dos principais fatores para a evasão do aluno da escola, pois desta forma a família não consegue acompanhar as atividades escolares do aluno no dia a dia.

As respostas foram em que a maioria dos pais dos analfabetos, também são analfabetos, com exceção mínima de pais que sabiam somente assinar o nome, mas não sabiam ler e escrever. Como não foram escolarizados achavam que os filhos também não necessitariam ser escolarizados.

Em qual cidade você nasceu?

Pergunta feita na intenção de buscar saber se a migração tem seus efeitos na área geográfica da pesquisa. Dados da pesquisa, mostra a maioria dos alunos oriundas do estado do Paraná, Nordeste e norte de Minas Gerais.

Após ser alfabetizado qual é a perspectiva para o futuro?

A resposta foi unanime na pesquisa. Ter independência, viajar, tirar carteira de motorista, ler a bíblia, procurar um emprego melhor, ganhar mais, montar um negócio próprio. Na EJA, os idosos apresentam objetivos diferenciados dos demais alunos. Sempre retornam aos bancos escolares para aprender a ler e escrever e, em muitos casos, buscar a sociabilização com os demais alunos. Além disso, na EJA há uma aspiração dos que ingressam por uma escolarização que lhes permita a progressão profissional, sendo buscada tanto por adultos e jovens que atuam no mercado de trabalho e por aqueles que foram atingidos pelo desemprego (Zago, 2000). Para esse autor, esse retorno é uma mobilização provocada pela ideia de que a retomada dos estudos poderá lhes garantir um lugar melhor ou mais qualificação para o mercado de trabalho formal.

Tem problemas de saúde comprovado?

Esse código foi colocado devido a termos alunos com problemas de saúde comprovados e se tais problemas comprometeram a escolarização e o aprendizado. Narciso (2015, p. 221), apresenta fatores que mostram motivos para que os alunos sejam levados ao abandono escolar: Os fatores que contribuem com o abandono escolar são de diversas ordens, dentre eles destacam-se: reprovação, notas baixas, problemas com a instituição, conflitos na relação aluno-professor e aluno-aluno, problemas pessoais e familiares, problemas de saúde, dificuldade financeira, necessidade de trabalhar, desinteresse pelo curso, ausência de perspectivas futuras, conhecimento limitado dos componentes curriculares das séries anteriores, dificuldade de acesso à instituição, estrutura física da escola deficitária, indisciplina, incompatibilidade de horário entre trabalho e estudo, violência, dentre outros.

Somente 2 partícipes do ambiente de aprendizagem se manifestaram terem problemas de saúde por meio de laudo médico, mas, que não causa barreiras para o aprendizado.

8 CONCLUSÃO

Os números científicos oriundos das pesquisas em ordem cronológica, vem nos mostrando há décadas esse entrave dentro do sistema educacional no Brasil, desde a chegada dos colonizadores portugueses aqui na nova Terra. Pensando eles em ensinar e evangelizar. Esse é apenas um dentre outros tantos problemas que o sistema que escolarização vem enfrentando e trabalhando muito na intenção de minimizar o analfabetismo e não letramento dos nossos cidadão brasileiros.

Muito tem-se feito, mas, ainda não tem-se chegado a todos e principalmente aos excluídos por uma gama de problemas sociais e estruturais que continuam se estamentando a sombra silenciosa do modelo atual de educação que escolariza para duas linhas e duas classes sociais, para o mercado de trabalho destinado aos menos favorecidos financeiramente e para a universidade aos que pagam pela escolarização privada.

O dados apresentam que temos uma das maiores população analfabeta, principalmente na América do Sul e temos na mesma, países com os menores índices de alfabetizados do mundo.

Uma grande parcela do nosso povo brasileiro, foi ficando excluída da escolarização e foi se perdendo, se acomodando ao passar do tempo e não houve uma preocupação de inclui-los no sistema, sendo, a base da pirâmide social: pobres, negros, migrantes etc.

Apesar de que aconteceram muitos bons projetos nesse sentido, principalmente na década de 1970, ainda falta muito a se escalar. Com o processo da democracia pós 1988, a escolarização se tornou um direito dentro da Constituição Brasileira, chamada de Constituição Cidadã, de lá para cá há um grande investimento na educação infantil, ensino fundamental, médio, superior e técnicos, mas, pouco se pensa ou se investe na questão do não alfabetizado e não letrado.

Os índices entre os adultos e idosos não alfabetizados, principalmente entre os idosos são exorbitantes e vamos entender que estamos entrando num grande números de idosos no país.

Da- se a entender que não se preocupa com os não alfabetizados ou não queremos alfabetizar os idosos pela idade, pois, não vão mais atender ao mercado de trabalho, tendo em vista, que parece melhor vir educando desde a idade infantil,

devido ao investimento que se faz, outra linha de pensamento é que o sistema capitalista financeiro e seus executores, junto ao sistema político explora essa população leiga, mantê-los nessa condição é ideal para o plano da dominação e controle.

Sinto que essa conclusão está fazendo um discurso duro, radical e é contra o sistema, mas, não é, basta estar e ou conviver com esses atores, perceber o quanto eles foram e estão excluídos da vida normal que vivemos, parece que estão em um passado muito distante, vivem como se estivessem lá.

É explícita a vontade de ler e escrever desses cidadãos, mas, muitos são os problemas e barreiras sócio, político e econômicos que os cercam e os rodeiam. É a própria sociedade e o sistema que provoca esse fenômeno e não aponta a solução para tal.

Esse cidadão existe, é a realidade, e como diz um provérbio mineiro, o burro acostuma com a carga. Como esse sujeito veio sendo formatado dentro desse prisma, o mesmo nem percebe e nem sabe dos seus direitos, para eles e muitos até mesmo alfabetizados existe um outro ditado, “estando com saúde e tendo o que comer está muito bom”.

O sistema funciona sim e faz, mas, não chega a todos, investe-se em todos os setores produtivos, sociais, tecnológicos e esquecem do ser humano, entendendo que a educação é um ato político e submetida a políticos dentro do modelo democrático Tri Partite e de repartição no Brasil.

Quando se trata do insucesso dos modelos educacionais desenvolvidos, do fracasso do sistema, da evasão, do abandono escolar, do analfabetismo e do não letrado, repetições dos alunos, ou seja, dos verdadeiros problemas eternos da escolarização, há um silêncio de ações ou cortinas de fumaça que nunca chega onde precisa-se ou deveria-se chegar.

Se a escolarização é um direito constitucional de todos, todos deveriam ser atendidos independentemente da idade e das estratificações sociais. Os não alfabetizados estão na base da pirâmide social, quem são esses personagens, as pesquisas mostram-nos. Negros, pobres, pardos, indígenas, moradores da periferia, ou seja, uma população imensa que serve somente para votar nas promessas e até compra de votos, morando nos acampamentos de refugiados da vida, sobreviventes devido a muita luta e humilhação.

Quem vai alcançá-los?

Estão abandonados e esquecidos? Onde está a Educação e a Escolarização? Está servindo a qual sistema? Educação Pública ou privada? Não está acontecendo o detrimento de uma em favor de outra?

Precisa-se de intervenção por parte das instituições escolares municipais, estaduais e federais, entrarem em ação e fazer um trabalho de base, todo especial para resgatar e levar adultos e idosos ao processo escolar, tais cidadãos tem vergonha de serem analfabetos, são invisíveis, até mesmo para as próprias famílias que os escondem da sociedade.

Esses cidadãos sozinhos não irão procurar a escolarização, estão no escuro, estão fora do radar e do sistema há décadas, já se adaptaram a ele, não querem enxergar e nem serem vistos pela sociedade onde vivem à margem de tudo e de todos. Dependem de outras pessoas para atividades básicas do cotidiano, como fazer um saque em um caixa eletrônico, assinar documentos em cartórios, não há uma independência básica para o modelo tecnológico de hoje.

Esse é um entrave do nosso sistema de educação que foi moldado com o tempo para o mercado de trabalho e vestibulares, sendo uma educação mercantilista em busca de resultados, esquecendo os seres humanos e a sua verdadeira missão.

Temos o conhecimento que sempre existiu dois modelos de escola, uma para atender a elite e outra popular para tentar atender a demanda do povo. Não se pode afirmar a eficiência de um método em detrimento a outro, foram muitos métodos até o momento e os analfabetos estão aí. Temos o processo educacional demandando de políticas públicas e nem sempre os políticos estão preocupados com a situação escolar da população.

Para minimizar ao extremo o analfabetismo de verdade, precisa-se de um outro projeto político pedagógico que exista e a escola necessita sair da inercia e das paredes muradas, pois os analfabetos e iletrados estão lá fora, precisa-se mudar esse modelo e levar a escola para outros ambientes, para as residências, conselhos comunitários e igrejas, correr atrás desses invisíveis, encontrá-los e alfabetizá-los. Os invisíveis estão aí e são 1 milhão em Minas Gerais, e da forma como a escola desenvolve hoje, infelizmente vamos continuar com essa população. A escola tem as ferramentas, estruturas e o fomento, precisamos saber se queremos fazer e se temos quem quer cumprir essa missão sendo remunerado ou não.

A escolarização em todos os níveis não pode se pautar por diretrizes políticas, nem de direita, centro e esquerda. Talvez seja esse o grande embaraço, nas trocas

de posições e pensamentos dos governantes. A mesma deve ser isenta de pensamentos políticos, sociais e econômicos, deve seguir essa linha de construção de conhecimento e transformação do cidadão e da sociedade. Ser independente e constituída de quem ama a si e ao próximo, não pode ser vendida, deve ser livre, construtiva, revolucionária, evolutiva como o tempo e a ciência, respeitada por tudo e por todos em todos os lugares.

É uma verdadeira guerra atualmente para o ato de escolarizar, grandes são as barreiras por ambas as partes, sociedade, comunidade e escola. E é até utópico as vezes pensar em um Brasil totalmente escolarizados a nível de outros países da América do Sul, mas, temos que acreditar nesse sonho, que vai se concretizando com o tempo, isso vai depender do sistema e principalmente do profissional professor.

Realizado esse ambiente de aprendizagem em uma cidade do Sul de MG, em um ambiente extra escola, com duração de 12 meses com 3 aulas aos sábados e atividades para casa, sendo um total de 150 horas aulas no ambiente e mais 50 horas aula de atividades para casa, sendo realizado de 08/01 a 17/12/2022, desenvolvendo um design metodológico com a inserção das operações matemáticas na soma de sílabas simples maiúsculas e complexas maiúsculas e na sequência as sílabas simples na forma de fôrma e cursiva e depois as complexas. No seguimento da construção de cada sílaba simples já sendo trabalhado a construção de pequenas frase e oração e depois nas complexas, sendo utilizados ferramentas didáticas como a música, imagens relativas aos substantivos, e toda a evolução conforme relatórios diários de todas as atividades.

Utilizando o modelo da escola construtivista, onde se valoriza o ser humano e todo o seu conhecimento empírico do seu dia a dia, sua experiência, entendendo sua necessidade, suas limitações e onde o mesmo é o protagonista da construção do conhecimento e não somente um depositário. Onde o mesmo tem toda a liberdade de se expressar e é respeitado como ser humano e cidadão.

Ao final do ambiente de aprendizagem obteve-se o seguinte resultado. Em uma amostra de 14 alunos, 09 alunos concluíram o ambiente de alfabetização, os que concluíram tiveram uma média 8,8 de avaliação.

Dos 5 alunos que desistiram do ambiente de aprendizagem, um deles o fez no início e 04 deles frequentaram até a metade do curso e desistiram, contabilizando 28,57%, a taxa de desistentes. Dos que desistiram, uma aluna mudou-se de cidade.

Dos que entraram e finalizaram, apenas um aluno não conseguiu a alfabetização (7,15%), de insucesso.

Dos alunos que desistiram do curso somente a aluna nº 10 se manifestou sobre as razões de desistir. Os alunos 01, 07, 09 e 12 desistiram e não deram feedback do porquê, embora, tenha-se ligado, mandado recado e mensagens no grupo. Outro dado é que dos 14 alunos, 10 não tinham aparelhos de celulares e 04 possuem os telefones. Tendo o laboratório 57,14 %, de resultado positivo.

Diante do discorrido por todas as etapas da tese, temos 3 problemas primários, que ocorreu com esses partícipes, sendo, a migração e falta de escolas na zona rural no tempo escolar normal desses cidadãos, a dificuldade financeira que forçava as crianças a trabalharem para ajudar no sustento da família, não havia transporte escolar da zona rural para a cidade antes de 1988, o que veio acontecer com o advento da constituição e também uma grande migração da zona rural para as cidades praticamente em todo Brasil devido a industrialização, na década de 1970.

Ao fim, foi uma experiência importante nesse ambiente de alfabetização e posso afirmar que se reproduzida nos mesmos moldes utilizando o design desenvolvido poderá ser desenvolvida e contribuir na inclusão de adultos e idosos a fim de minimizar o problema do analfabetismo, utilizando outros ambientes, com diferentes horários e dias de aulas, ofertando oportunidades, abrindo portas e quebrando barreiras e paradigmas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina da Silveira Rodrigues. **O que é deficiência intelectual ou atraso cognitivo?**. São Paulo, 2007.
- ALVES, Carla Juliana Galvão; CALSA, Geiva Carolina; MORELI, Luciléia de Souza. Narrativas biográficas: a formação docente do ponto de vista do aprendente. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 23, n. 24, p. 77-89, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v23n24/07.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- ALVES, Gilberto Luiz. Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 617-635, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HGmTrkxJ8JjmvzQMSvb4rq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2022.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. *In*: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Editora Univille, 2015.
- ANNUNCIATO, Pedro. O bê-á-bá dos métodos de alfabetização. **Nova Escola**, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17568/o-be-a-ba-dos-metodos-de-alfabetizacao>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 2002.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARROYO, Miguel González. Educação e exclusão da cidadania. *In*: BUFFA, Ester. **Educação e cidadania**: quem educa o cidadão?. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**: a realidade incômoda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Lourenço Filho e a alfabetização**: um estudo de Cartilha do povo e da cartilha Upa, cavalinho!. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como Fômade comunicação. **Revista de Odontologia na Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRASIL THE COFFEE NATION. **Home**. Disponível em: <https://brazilcoffeenation.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 06 mar. 2024.

BRASIL. Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 1967. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5379-15-dezembro-1967-359071-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 11 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm#:~:text=Art.,de%20sessenta%20anos%20de%20idade. Acesso em: 19 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais.. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. Parecer nº 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 maio 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 10 dez. 2023.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**: 2019. Brasília, DF: INEP, 2019.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//resolucao-cns-466-12.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

BRASLAVSKY, Berta. O método: panacéia, negação ou pedagogia?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 66, p. 41-48, 1988. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1204/1210>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CAFEICULTURA. **Página inicial**. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br>. Acesso em: 15 set. 2021.

CARTOCE, Raquel Elisa. **O milagre anunciado**: publicidade e a ditadura militar brasileira (1968-1973). 2017. 250 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15082017-141234/publico/2017_RaquelElisaCartoce_VCorr.pdf. Acesso em: 03 fev. 2020.

CARVALHO, Pedro Leite. **Afastamento por abandono na educação de jovens e adultos**: fatores relevantes. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/918/1/Texto%20completo%20%20Pedro%20Carvalho%202009.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CORTE, Luciane Cristina. **A mudança do perfil do público da EJA**: desafios e perspectivas. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/1215/2/Luciane%20Cristina%20Corte.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

CRIANÇAS INTELIGENTES. **Página inicial**. Disponível em: <https://criancasinteligentes.com.br/>. Acesso em: 06 abr. 2023.

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde**: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza-CE. 2010. 323 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3282>. Acesso em: 12 jan. 2023.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica**: em ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

ESCOTT, Clarice Monteiro; MORAES, Márcia Amaral Correa de. História da educação profissional no Brasil: as políticas públicas e o novo cenário de formação de professores nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. *In*: IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9., 2012, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível em: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/eixo_2.html. Acesso em: 03 fev. 2020.

ESPÍNDOLA, Esnerto; LEÓN, Arturo. La deserción escolar en América Latina: un tema prioritario para la agenda regional. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 30, p. 39-62, 2002. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/941/1784>. Acesso em: 06 jul. 2023.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERRARO, Alceu Ravanello. **História inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRARO, Alceu Ravanello; LEÃO, Michele de. Lei Saraiva (1881): dos argumentos invocados pelos liberais para a exclusão dos analfabetos do Direito de voto. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 16, n. 3, p. 241-250, 2012. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2012.163.06/1201>. Acesso em: 25 jan. 2020.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito *et al.* Prática dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os seus alunos?. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 177-198, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TnQ6FtmgHz6qtq3bKc3VyTq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2022.

FILIPAKI, Alceu Antonio. A transição entre o modelo tecnicista e o modelo humanista, consideradas práticas educativas em escola profissionalizante. *In: O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense*: produção didático-pedagógica. Paraná: Secretaria de Educação, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_unicentro_dtec_artigo_alceu_antonio_filipaki.pdf. Acesso em: 06 mar. 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLORESTA, Nísia. Opúsculo humanitário. *In: DUARTE, Constância Lima (org.). Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCO, Maira Vieira Amorim. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: os discursos dos professores sobre a efetividade da formação continuada na prática pedagógica. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/31589>. Acesso em: 25 jan. 2020.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução: Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Vygotsky e Bakhtin - Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1999.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. *In: DROIT À L'ÉDUCATION: SOLUTION À TOUS LES PROBLÈMES OU PROBLÈME SANS SOLUTION?*, 2005. **Anais** [...]. Institut international des droits de l'enfant, 2005. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C

3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_formal_Gadotti.pdf. Acesso em: 02 dez. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLOSSARIO CEALE. **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

GOMES, Milena. No dia mundial da alfabetização, índice de analfabetismo ainda preocupa. **Correio Brasiliense**, 8 de set. de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/09/5034919-no-dia-mundial-da-alfabetizacao-indice-de-analfabetismo-ainda-preocupa.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa, I**. Tradução: Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus Humanidades, 1988.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1940-2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação**. 2022.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para as mudanças e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/YkhJTPw545x8jwpGFsXT3Ct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 maio 2023.

LUCKEZI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1999.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História de la educación 1: de la antigüedad al 1500**. México: Siglo Veintiuno, 1987.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Metodologia do ensino: diferentes concepções**. Campinas: FE, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1974332/mod_resource/content/1/METODO

LOGIA-DO-ENSINO-diferentes-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 13 dez. 2018.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Instituto Braudel, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Danusa; MACHADO, Carlos Augusto Mello. Mundo tão desigual: artigos das ciências sociais brasileiras (1990-2013). *In*: 39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2015, Caxambu. **Resumos** [...]. Caxambu: ANPOCS, 2015.

MATUI, Jiron. **Construtivismo**: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. São Paulo: Moderna, 1998.

MEDEIROS, Maria do Socorro de Araújo. **A formação de professores para a educação de adultos no Brasil**: da história à ação. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Universitat de les Illes Balears, 1999.

MELLO, Guiomar Namó de. Políticas públicas de educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 7-47, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/qMvZdTG5VK7NFPybfMcc77w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MISKALO, Inês Kisil. Soluções educacionais para o desenvolvimento humano. **Educação**: teoria e prática, Rio Claro, v. 19, n. 32, p. 37-55, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2982/485>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: Editora EPU, 2016. (Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino).

MONARCHA, Carlos. “Testes ABC”: origem e desenvolvimento. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 7-17, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n1/v28n1a02.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”? **Construir Notícias**, Recife, v. 7, n. 37, p. 5-29, 2007. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/alfabetizacao-e-letramento-o-que-sao-como-se-relacionam-como-alfabetizar-letrando/>. Acesso em: 06 mar. 2024.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Ponta Grossa: PROEX/UEPG, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 3, n. 5, p. 91-114, 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Alfabetização e seus sentidos**: o que sabemos, fazemos e queremos?. São Paulo:

Editora Unesp, 2014. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao_ebook.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.

NARCISO, Luciana Gusmão de Souza. **Análise da evasão nos cursos técnicos do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Arinos: exclusão da escola ou exclusão na escola?**. 2015. 262 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/159413/337100.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jun. 2023.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

NERI, Marcelo Cortês. **Tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2009.

NISCKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história**. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

NÓBREGA, Carmem Verônica de Almeida Ribeiro. **A alfabetização de adultos e idosos: novos horizontes**. 2006. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4949/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 14 maio 2023.

NUNES, Terezinha. Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 12, p. 33-43, 1990. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n12/n12a04.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

OLIVEIRA, N. C. O; COSTA, C. J. Sistema de ensino inaciano e o Ratio Studiorum. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2015. **Anais [...]**. Universidade Estadual de Maringá, 2015.

PAIVA, Jane. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 519-566, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/JnTxtCJz53HN7zKPK7JMyDR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2022.

PAIVA, Vanilda. Um século de educação republicana. **Pro-Posições**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 7-18, 1990. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644495/11914>. Acesso em: 25 mar. 2020.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990.

PERES, João. Brasil é apenas 14º em ranking de alfabetização na América Latina. **Rede Brasil Atual**, 13 de maio de 2009. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/brasil-e-apenas-14o-em-ranking-de-alfabetizacao-na-america-latina/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PIRENNE, Henri. **Histoire de l'Occident Médiéval**. Bruges: Desclée de Brouwer, 1951.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**: 2023. Brasília, DF: INEP, 2023.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. São Paulo: Artmed Editora, 2011.

PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2007.

RAMOS, Ana Claudia. **Contaçon de Histórias: um caminho para formação de leitores?**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <https://www.ppedu.uel.br/pt/mais/dissertacoes-teses/dissertacoes/category/14-2011?download=278:2011-ramos-ana-claudia>. Acesso em: 06 mar. 2023.

RAMOS, Marise Nogueira. **Pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?**. São Paulo: Cortez, 2001.

RANGEL, Elba Alonso. **Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Altos Estudos de Política e Estratégia) – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2808433-Jovens-e-adultos-trabalhadores-poucoescolarizados-no-brasil.html>. Acesso em: 17 abr. 2022.

REDAÇÃO. **Três em cada dez são analfabetos funcionais no país, mostra estudo**. **Revista Veja**, 6 de ago. de 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/tres-em-cada-dez-sao-analfabetos-funcionais-no-pais-mostra-estudo>. Acesso em: 25 maio 2021.

RICETTI, Mirian Aparecida. **A permanência dos alunos na EJA: um olhar nas dimensões política, social e motivacional**. Curitiba: CRV, 2015.

RIFFEL, Sonia Marmol; MALACARNE, Vilmar. **Evasão escolar no ensino médio: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina – PR**. 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1996-8.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.

RODRIGUES, Jéssica de Alcântara *et al.* **Tendências pedagógicas: conflitos, desafios e perspectivas de docentes de enfermagem**. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 3, p. 333-349, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/MsksJjvfQKCSvKSgbJj8yFn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 maio 2022.

SALOMON, Marlon Jeison. Roger Chartier e a atualidade da ciência. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 511-519, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/13541/8690>. Acesso em: 15 jun. 2022.

- SANTOS, Auristela Rodrigues; PESSOA, Ana Danielly Leite Batista. Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL): democratizando memórias e desvelando propostas legais e pedagógicas. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 6., 2016, João Pessoa. **Anais [...]**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2016.
- SAVAGE, John F. **Aprender a ler e a escrever a partir da fônica**: um programa abrangente de ensino. Porto Alegre: AMGH, 2015.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143-155, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2022.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- SHULTZ, Theodore. **O valor econômico do saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- SIMONSEN, Mário Henrique. **Brasil 2002**. 2. ed. Rio de Janeiro: APEC, 1973.
- SIQUEIRA, Janes Teresinha Fraga. **A luta do jovem trabalhador e estudante nas escolas estaduais de Porto Alegre/RS**: um estudo de caso. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- SOARES, Gilda Rizzo. **Estudo comparativo dos métodos de ensino da leitura e da escrita**. 4. ed. Rio de Janeiro: Papeleria América Editora, 1986.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n25/n25a02.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. *In*: SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOUZA, Celso Antônio Spaggiari. **A colônia vazia**: trabalhadores sem trabalho e sem moradia na lavoura de café no sul de Minas Gerais. 2012. 115 f. Dissertação – (Mestrado em Política Social), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7639/CelsoAntonioSppaggiariSouza.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- STEPHANOU, Maria; SOUZA, Mariana Venafre Pereira. Contribuições para uma história dos métodos didáticos de alfabetização: os abecedários em cartilhas escolares (1919-1965). *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA, 2013, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Sihele/UFMG, 2013.
- STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689/7256>. Acesso em: 03 fev. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

TITONE, Renzo. **Metodologia didáctica**. Madrid: Rialp, 1966.

TODARO, Mônica de Ávila (org). **Experiências e memórias escolares na educação de jovens, adultos e idosos**. Itatiba: Berto Editora, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996.

VERAS, Dauro. **Café do Brasil: o sabor amargo da crise**. Florianópolis: Agnus, 2002.

VIANNA, Oliveira. **Instituições políticas brasileiras**. Brasília: Senado Federal, 1999.

VILELA, Pierre Santos; RUFINO, José Luis dos Santos. **Caracterização da cafeicultura de montanha de Minas Gerais**. Belo Horizonte: INAES, 2010.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIO ECONOMICO PARA O PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA CIDADE DO SUL DE MG.

A título de se buscar conhecer cada um desses alunos participantes do laboratório, foi desenvolvido um questionário socioeconômico contendo 29 perguntas, que foram elaboradas de forma que os dados coletados sejam utilizados na pesquisa quantitativa e qualificativa conforme se segue. Utilizamos números em lugar de nomes de cada aluno.

ALUNO

- 1- Em qual cidade você nasceu?
- 2-Quando se mudou para cidade do sul de MG, em que ano?
- 3-Qual o motivo dessa emigração? Quanto anos tinha na época?
- 4-Quantos anos você tem?
- 5-Reside onde? Cidade () Zona Rural ()
- 6-Rua:, N°..... Bairro:
Telefones ()..... Watts Up() Não tem
- 7- Solteiro(a)? SIM () NÃO ()
- 8-Casado (a)? SIM () NÃO ()
- 9- Viúvo (a)? SIM () NÃO ()
- 10-Qual sexo? M () F ()
- 11-Se Casado (a), tem filhos? SIM () NÃO ()
- 12-Quantos?
- 13-Você possuiu casa própria? SIM () NÃO ()
- 14-Você paga aluguel? SIM () NÃO ()
- 15-Quanto?
- 16-Mora com os pais ou parentes? SIM () NÃO ()
- 17-Está empregado? SIM () NÃO ()
- 18-Trabalha por conta própria? SIM () NÃO () VOLANTE ()
- 19 - É aposentado, pensionista ou recebe benefício? SIM () Loas NÃO ()
- 20 -Quanto você ganha? (Marque com um X)
Até 1 Salario () Mais de 1 () 2 salários () Mais de 2 () 3 salários() Mais de 3
() 4 salários () Mais de 4 () outro valor ? R\$

21- Em algum tempo você chegou a começar a estudar? () sim () NÃO ?

Lembra o ano e a cidade?

21-Quais os motivos o fizeram deixar de estudar na época própria?

Opções de resposta, (pode ser mais de uma resposta).

Trabalho? () Cansaço físico? () Cuidar dos filhos? () Migração (mudou de cidade)? ()

23-Não tinha transporte para a escola? () Cônjuge não deixava estudar? () Falta de Perspectiva com os estudos? () Residia na Zona Rural? () Outros fatores

24-A condição financeira na época que parou de estudar interferiu nos estudos?

SIM () NÃO ().

25-Você acredita que a Alfabetização, vai melhorar sua vida no dia a dia?

SIM () NÃO ()

26- Até que séries sua mãe e pai estudaram? () Nunca estudaram () Nunca estudaram totalmente analfabetos

27- Por que você quer aprender a ler e escrever?

28-Você tem algum problemas de saúde? () SIM () NÃO

Toma medicamentos controlados? () SIM () NÃO

Tem laudo médico?

29- Qual fato o levou a tomar essa atitude?

30- Afirmar ser verdadeira todas as respostas?

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor (a),..... é participe, e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “ DESIGN METODOLOGICO PARAALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E IDOSOS.” que tem como objetivo de estar sendo alfabetizado por meio do desenvolvimento desse laboratório.

Este estudo está sendo realizado por IVALDIR DONIZETTI DAS CHAGAS, aluno do programa de doutorado em Educação, conhecimento e sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), juntamente como o orientador o professor Dr. Rafael. Lazzarotto Simioni.

A pesquisa terá duração de 01 ano, com o término previsto para dezembro de 2022. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo, respeitando assim sua privacidade. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o(a) senhor(a) pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento, o que garante sua autonomia. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas conforme será lida ou uma pessoa e confirmada por você. (Perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista gravada ou escrita).

Os riscos relacionados a este estudo são praticamente mínimos e só poderão existir entre a correlação aluno e professor enquanto em sala de aula ou no momento do questionário (constrangimentos em responder as perguntas e cansaço físico), todos os cuidados para minimizar os riscos serão tomados se necessário na forma de intervalos e a não obrigatoriedade em responder as perguntas. Os benefícios relacionados à concretização deste estudo serão estar sendo alfabetizado, aprender a ler, escrever e fazer operações básicas de matemática. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa e ficarão arquivados com o(a) pesquisador(a) responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo serão descartados de forma que não prejudique o meio ambiente.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa como material escolar e transporte, não são de sua responsabilidade e o senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento que comprova a sua permissão. Será necessário a sua assinatura e digital para quem não assina para oficializar o seu consentimento. Ele encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável, e a outra será fornecida para o senhor(a).

Para possíveis informações e esclarecimentos sobre o estudo, entrar em contato com para o pesquisador pelo telefone: (35) 9-91215966 ou com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa da Univás pelo telefone (35)3449-9232, no período das 8h às 11h e das 13h às 16h de segunda a sexta-feira.

Ressalta-se que a sua valiosa colaboração é muito importante e, a seguir, será apresentada uma Declaração e, se o senhor(a) estiver de acordo com o conteúdo da mesma, deverá assiná-la, conforme já lhe foi explicado anteriormente.

DECLARAÇÃO

Declaro estar ciente do inteiro conteúdo deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

NOME COMPLETO DO(A) PARTICIPANTE:

ASSINATURA DO(A) PARTICIPANTE: _____

ASSINATURA DO(A) PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:

Pouso Alegre, _____ de _____ de _____.

x

$$B+E=BE - B+E=BE - B+E=BE$$

$$B+E=BE - A M A$$

$$B-E \quad BE - BE - BE - BE - BE - BE -$$

$$BE - BE -$$

$$BE - BE - BE - BE - BE -$$

$$B I + B I + B I + B I - B I - B I - B I - B I - B I$$

$$B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I -$$

$$B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I -$$

$$B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I -$$

$$B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I - B I -$$

CV-CV-CVC-C-CV-CV

2

4

C+E=CE

CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE

CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE

CE-C-E-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-CE-

C+I=CI

- C+I=CI-

- C+I=CI

- C+I=CI

CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI

CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-

CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-CI-

CA+I=CAI

CA+IU=CAIU

CAIU-CAIU-CAIU-CAIU-CAIU

CA

CAIU-CAIU-CAIU-CAIU-CAIU

CAIU-CAIU-CAIU-CAIU-CAIU

CA+I+O=CAIO

CAIO-CAIO-CAIO

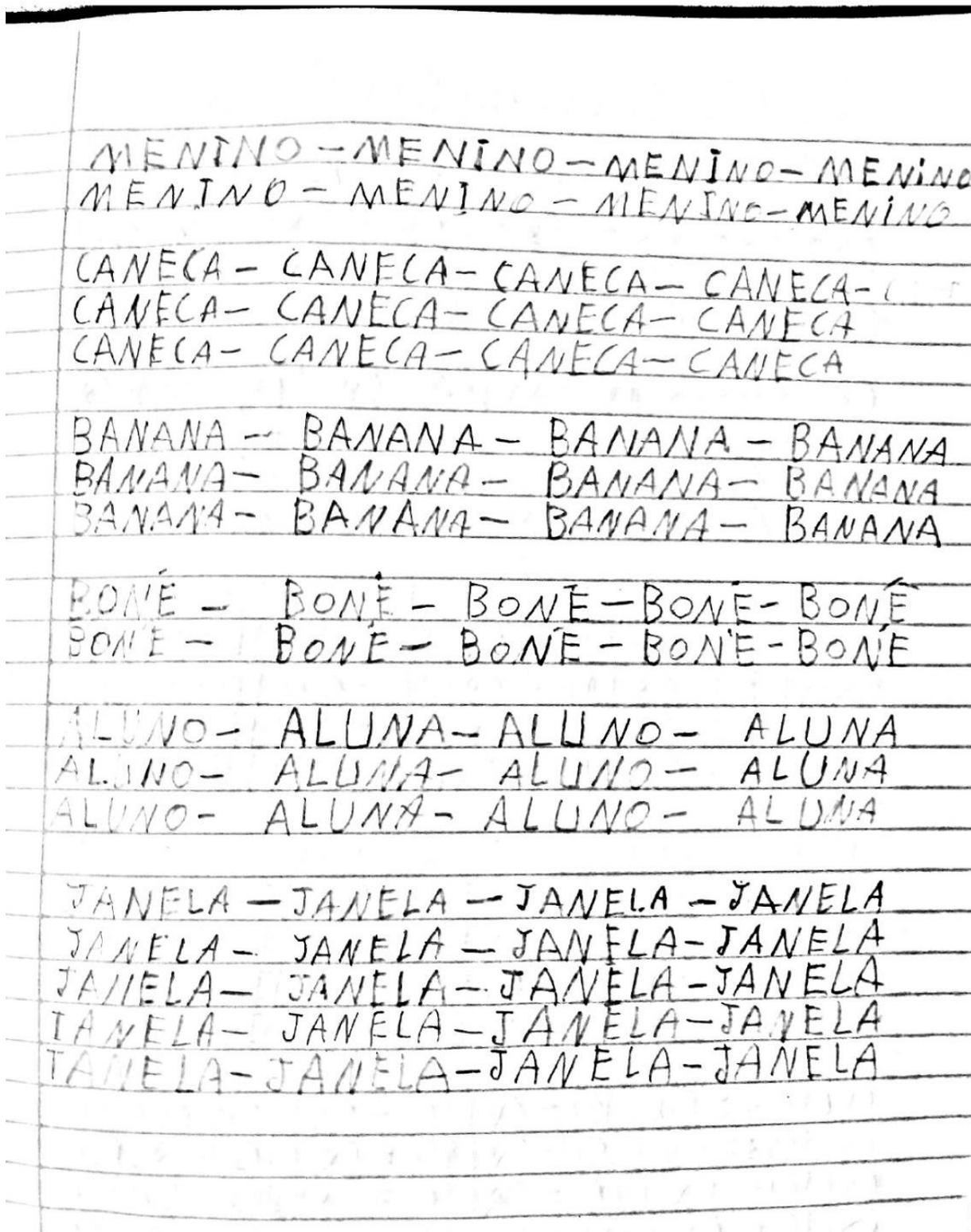
CA+BO=CABO

CABO-CABO-CABO-CABO-CABO

CABO-CABO-CABO

CABO-CABO-CABO

ANEXO D – Foto do caderno do aluno 05



Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q

QU+A-QU+AQU+A-QU+AQU+Q
 QU+A-QU+AQU+A-QU+AQU+Q
 QU+A-QU+AQU+A-QU+AQU+Q
 QU+A-QU+AQU+A-QU+AQU+Q

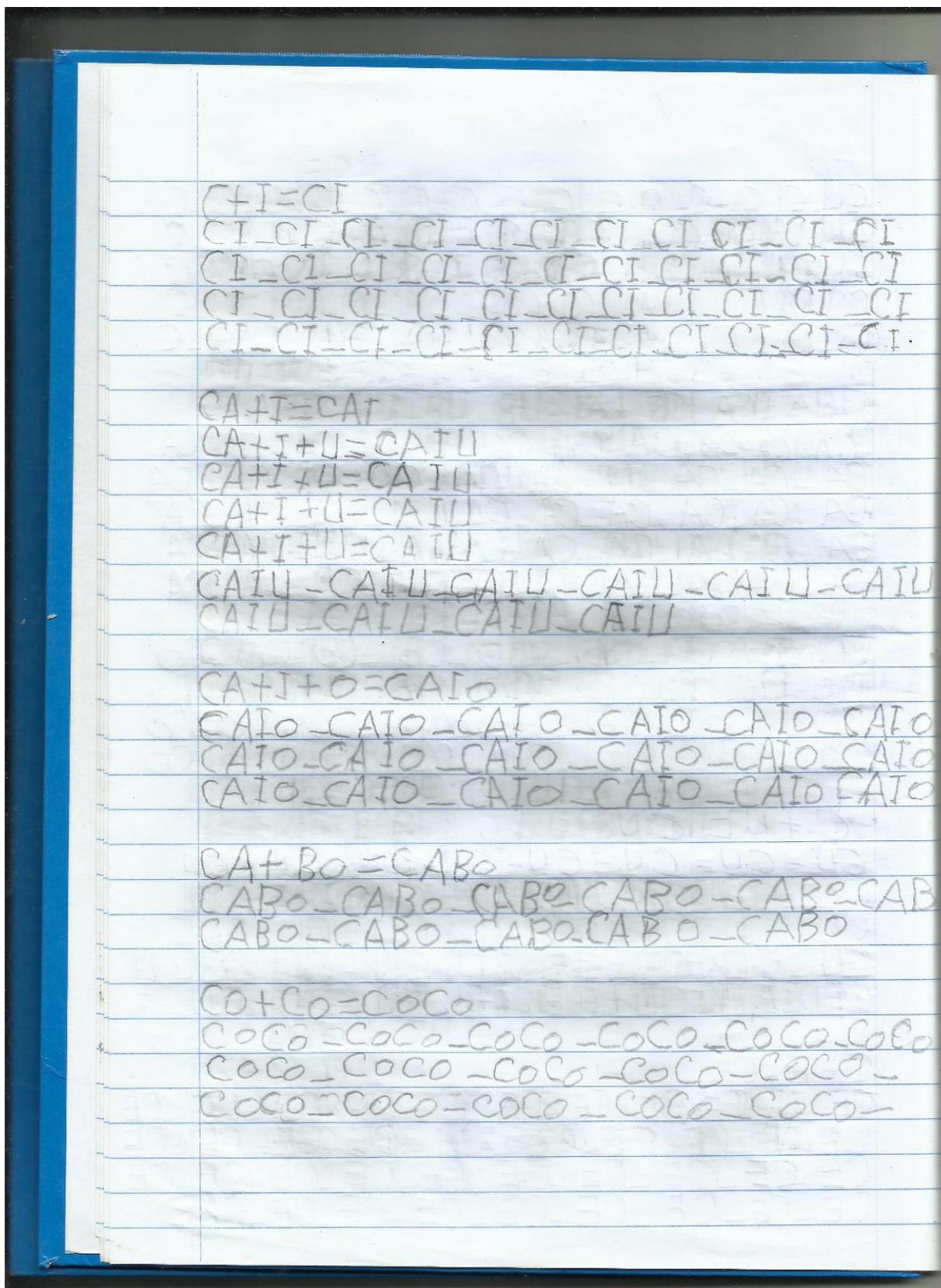
QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE

QUI=QUI-QUI-QUI-QUI
 QUI=QUI-QUI-QUI-QUI
 QUI=QUI-QUI-QUI-QUI
 QUI=QUI-QUI-QUI-QUI

QUO+=QUO=QUO=QUO=QUO
 QUO+=QUO=QUO=QUO=QUO
 QUO+ QUO=QUO=QUO=QUO
 QUO+ QUO=QUO=QUO=QUO

QUA-QUA-QUA-QUA-QUA-QUA
 QUE-QUE-QUE-QUE-QUE-QUE
 QUI-QUI-QUI-QUI-QUI-QUI

ANEXO E – Foto do caderno do aluno 06



$$B+O=BO$$

$$BO_BO=BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO$$

$$BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BOBO$$

$$BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BOBO$$

$$BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO_BO$$

$$B+U=BU$$

$$BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU$$

$$BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU$$

$$BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU_BU$$

$$B+A=BA \quad B+A=BA \quad B+U=BU$$

$$B+E=BE \quad B+E=BE \quad B+I=BI$$

$$B+I=BI \quad B+I=BI \quad B+O=BO$$

$$B+O=BO \quad B+O=BO \quad B+I+A=BOIA$$

$$B+U=BU \quad B+U=BU \quad B+I+E+I=BOIEI$$

$$BA+BA=BABA \quad BA+U=BAU$$

$$BE+BE=BEBE \quad BU+A=BUA$$

$$BE+BI=BEBI \quad BU+BA=BUBA$$

$$BI+BI=BIBI$$

$$BI+A=BI A \quad \textcircled{O} \text{ BEBE BABOU}$$

$$\textcircled{O} \text{ BEBE BABOU}$$

$$\textcircled{O} \text{ BEBE BABOU}$$

A BIA BEBU

ANEXO G – Foto do caderno do aluno 08

$$N + A = NA$$

NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA
 NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA
 NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA
 NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA
 NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA-NA

$$N + E = NE$$

NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE
 NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE
 NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE
 NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE-NE

$$N + I = NI$$

NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI
 NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI
 NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI
 NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI-NI

$$N + O = NO$$

NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO
 NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO
 NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO
 NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO
 NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO-NO

Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q
 Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q-Q

QU+A-QU+A-QU+A-QU+A-QU+Q
 QU+A-QU+A-QU+A-QU+A-QU+Q
 QU+A-QU+A-QU+A-QU+A-QU+Q
 QU+A-QU+A-QU+A-QU+A-QU+Q

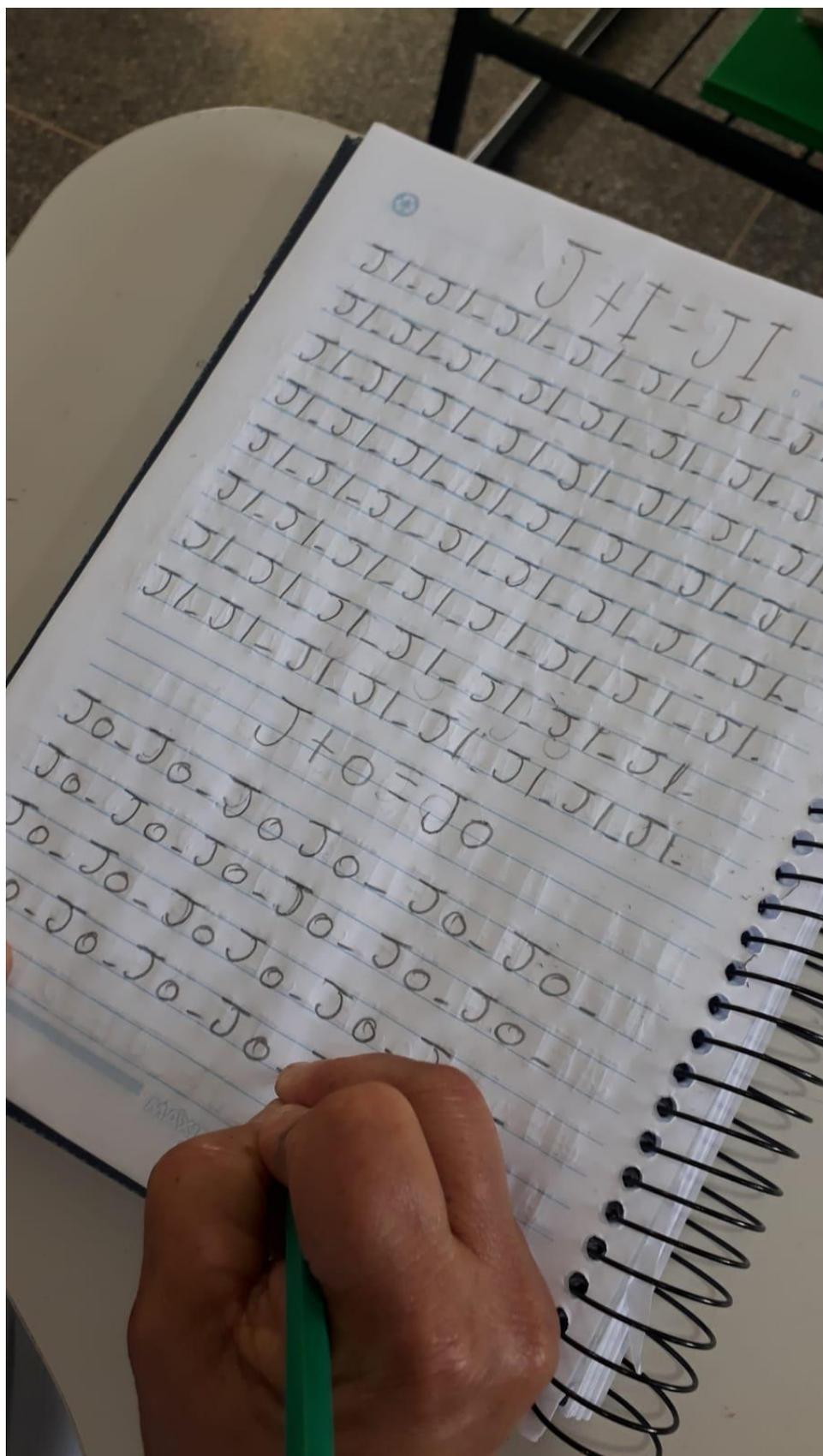
QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE
 QUE=QUE-QUE-QUE-QUE

QUI=QUI-QUI-QUI-QUI
 QUI=QUI-QUI-QUI-QUI
 QUI=QUI-QUI-QUI-QUI
 QUI=QUI-QUI-QUI-QUI

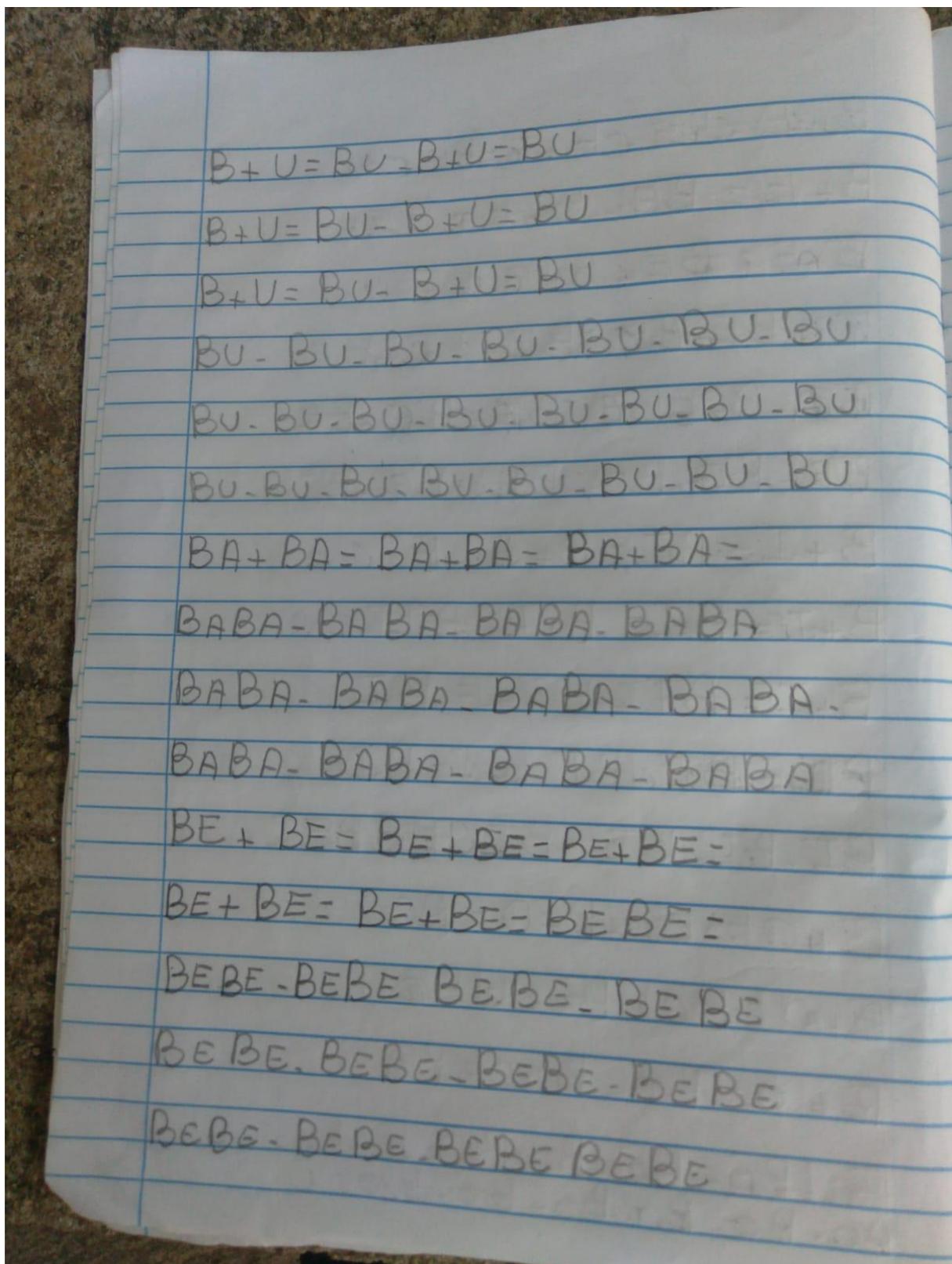
QUO+=QUO=QUO=QUO=QUO
 QUO+=QUO=QUO=QUO=QUO
 QUO+ QUO=QUO=QUO=QUO
 QUO+ QUO=QUO=QUO=QUO

QUA-QUA-QUA-QUA-QUA-QUA
 QUE-QUE-QUE-QUE-QUE-QUE
 QUI-QUI-QUI-QUI-QUI-QUI

ANEXO H – Foto do caderno do aluno 09



ANEXO J – Foto do caderno do aluno 13



ANEXO K – Foto do caderno do aluno 14

B+L+A= BLA

BLA- BLA-BLA-BLA- BLA- BLA- BLA- BLA- BLA -BLA- BLA

BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-

BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-

BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-BLA-

B+L+E= BLE

BLE-BLE-BLE- BLE- BLE- BLE- BLE- BLE-BLE-BLE-BLE- BLE

BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-

BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-

BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-BLE-

B+L+I= BLI

BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI

BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-

BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-

BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-BLI-

B+L+O= BLO

BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO

BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-

BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-

BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-BLO-

B+L+U= BLU

BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU

BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-

BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-

BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-BLU-

